

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

HENRIQUE SCHLUMBERGER VITCHEMICHEN

“*SLAVA UKRAINI!*”: REPRESENTAÇÕES DOS EMBATES RUSSO-UCRANIANOS NAS  
PÁGINAS DO *CHLIBOROB* (2009-2019)

PONTA GROSSA

2021

HENRIQUE SCHLUMBERGER VITCHMICHEN

“*SLAVA UKRAINI!*”: REPRESENTAÇÕES DOS EMBATES RUSSO-UCRANIANOS NAS  
PÁGINAS DO *CHLIBOROB* (2009-2019)

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, para obtenção do título de Mestre em História (Área de concentração: Discursos, representações: produção de sentidos).

Orientadora: Prof. Dra. Maria Julieta Weber Cordova.

PONTA GROSSA

2021

V837

Vitchmichen, Henrique Schlumberger

*"Slava Ukraini!"*: representações dos embates russo-ucranianos nas páginas do *Chliborob* (2009-2019) / Henrique Schlumberger Vitchmichen. Ponta Grossa, 2021. 142 f.

Dissertação (Mestrado em História - Área de Concentração: História, cultura e identidades), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Julieta Weber Cordova.

1. Chliborob. 2. Imprensa. 3. Ucrânia. 4. Discursos. 5. Representações. I.Cordova, Maria Julieta Weber. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. História, cultura e identidades. III.T.

CDD: 947.7



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA  
Av. General Carlos Cavalcanti, 4748 - Bairro Uvaranas - CEP 84030-900 - Ponta Grossa - PR - <https://uepg.br>

## TERMO

### TERMO DE APROVAÇÃO

**HENRIQUE SCHLUMBERGER VITCHEMICHEN**  
**SLAVA UKRAINI!™: REPRESENTAÇÕES DOS EMBATES RUSSO-UCRANIANOS NAS**  
**PÁGINAS DO CHLIBOROB (2009-2019)**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História- Mestrado em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no dia 19 de novembro de 2021, pela seguinte banca examinadora:

Profª. Drª. Maria Julieta Weber Cordova (UEPG - presidente)

Prof. Dr. Paulo Renato Guérios (UFPR)

Prof. Dr. Anderson Prado (IFPR)

Ponta Grossa, 19 de novembro de 2021



Documento assinado eletronicamente por **Maria Julieta Weber Cordova, Professor(a)**, em 19/11/2021, às 16:46, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Renato Guérios, Usuário Externo**, em 22/11/2021, às 09:12, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por **Anderson Prado, Usuário Externo**, em 22/12/2021, às 11:15, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site <https://sei.uepg.br/autenticidade> informando o código verificador **0756709** e o código CRC **4583E221**.

## AGRADECIMENTOS

A minha orientadora, prof. Dra. Maria Julieta Weber Cordova, tanto por se mostrar uma pesquisadora e mentora incansável ao longo destes 2 anos, sempre trabalhando e se dedicando para o máximo auxílio à pesquisa, como por todos os ensinamentos prestados nesse meio tempo;

Ao prof. Dr. Anderson Prado por sempre acreditar em meu potencial e com o passar do tempo figurar como um conselheiro e pesquisador exemplar;

Ao prof. Dr. Paulo Renato Guérios por todos os pareceres e contribuições ao texto;

À Sociedade Ucrâniana do Brasil, principalmente por intermédio de sua presidente, Mirna Slava Voloschen, que gentilmente me recebeu e arduamente ajudou no trato das fontes, bem como nas informações imprescindíveis na execução do trabalho;

Aos professores do PPGH-UEPG, sobretudo aos componentes do Núcleo de Pesquisas em História Intelectual por todos os debates e ensinamentos prestados;

Aos meus amigos, os quais sem a vida se tornaria muito mais sem graça;

Ao meu pai Marcio, que mesmo distante, esteve presente em cada palavra escrita,

E a minha mãe Ana Paula, que há 24 anos vem diariamente me ensinando e ressignificando os diversos sentidos do amor.

O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.

(Michel Foucault)

## RESUMO

A pesquisa buscou compreender as representações e discursos sobre os conflitos russo-ucranianos no período de 2009 a 2019 nos escritos do jornal *Chliborob*. Considerando a impossibilidade de uma abordagem geral, nos propomos a pensar dois acontecimentos: o *Holodomor* ocorrido nos anos de 1932-1933, e em sequência, a Crise da Crimeia, deflagrada a partir de 2014. Para a exequibilidade do trabalho, analisamos as edições veiculadas entre os anos de 2009-2019 e buscamos assim não somente entender suas representações acerca dos eventos citados, mas a partir desses mecanismos e discursos, também entendermos o papel do impresso como representante da imprensa ucraniano-brasileira e o seu caráter midiático para com os leitores. Analisamos, portanto, os discursos de mídia e as relações entre esses veículos e sua posição social, relevantes para o estudo proposto. Utilizando da pesquisa documental, vislumbramos o posicionamento do jornal na temporalidade delimitada, tratando também do contexto da Crimeia, bem como outras matérias como o anticomunismo e a presença russa na região da Ucrânia. Percebemos tanto questões que dizem respeito à presença ucraniana no Brasil, mais especificamente as atividades da Sociedade Ucraniana do Brasil e demais entidades no município de Curitiba, como tensões e debates russo-ucranianos colocados em um cenário internacional. Logo, as questões identitárias, culturais, sociopolíticas e econômicas entre os dois países puderam ser analisadas através dos estudos de mídia e do trato documental. Longe de se encerrarem unicamente a partir dos eventos colocados, as representações para com o passado, os discursos para com o presente e as tensões que perpassam as páginas de nosso objeto de estudo, foram elementos que problematizamos e nos atentamos no decorrer da pesquisa. As análises feitas ainda nos possibilitaram o entendimento das formações étnico-identitárias das comunidades tratadas, compreendendo por parte das simbologias, mecanismos religiosos e socioculturais; também como são historicamente fabricadas as identidades nacionais de um povo, e de que modo, entendendo essas identidades em crise, foram em determinados contextos constantemente ressignificadas e reavaliadas.

**Palavras-chave:** *Chliborob*; imprensa; Ucrânia; discursos; representações.

## ABSTRACT

The research sought to understand the representations and discourses about the Russian-Ukrainian conflicts in the period from 2009 to 2019 in the writings of the *Chliborob* newspaper. Considering the impossibility of a general approach, we propose to think about two events. The *Holodomor* that occurred in the years from 1932-1933, and in sequence the Crimean Crisis, which broke out in 2014. For the feasibility of the work, we analyzed the editions published between the years 2009-2019 and thus sought not only to understand their representations about mentioned events, but based on these mechanisms and discourses, we also understand the role of printed material as a representative of the Ukrainian-Brazilian press and its media character towards readers. Therefore, we analyze the media discourses and relationships between these vehicles and their social position, relevant to the proposed study. Using documentary research, we glimpse the newspaper's position in the delimited temporality, treating also of the context of Crimea, as well as others other such as anti-communism and the Russian presence in the region Ukraine. We can see in its pages, so many issues that concern the Ukrainian presence in Brazil, more specifically the activities of the Ukrainian Society of Brazil and other entities in the city of Curitiba, as well as the Russian-Ukrainian tensions and debates placed on an international stage. Therefore, the identity, cultural, socio-political, and economic issues between the two countries can be analyzed through media studies and documentary treatment. Far from ending solely based on the events mentioned, the representations towards the past, the discourses towards the present, and the tensions that permeate the pages of our object of study, are elements that we problematize and pay attention to during the research. The analyzes made also allow us to understand the ethnic-identity formations of the communities dealt with here, understanding, based on symbologies, religious and sociocultural mechanisms, how the national identities of a people are historically manufactured, and how, understanding these identities in crisis, are in certain contexts constantly re-signified and re-evaluated.

**Keywords:** *Chliborob*; press; Ukraine; discourses; representations.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADRO 1 – Edições e colunas analisadas no <i>Chliborob</i> (2009-2019) .....	14
FIGURA 1 - Primeiro exemplar do <i>Prácia</i> , 23 de dezembro de 1912.....	45
FIGURA 2 - Jornal <i>Chliborob</i> , julho de 2019, primeira edição com a nova logomarca da Sociedade.....	66
FIGURA 3 - Edição reformulada <i>Chliborob</i> , julho de 2013.....	66
FIGURA 4 – Memorial ao <i>Holodomor</i> em Curitiba.....	80
FIGURA 5 - Localização da Península da Crimeia.....	86
FIGURA 6 - Relação de grupos étnicos na Crimeia.....	86
FIGURA 7 - Localização das regiões de Donetsk e Luhansk.....	98

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AIB – Ação Integralista Brasileira

BBC – British Broadcasting Corporation

CEI – Comunidade dos Estados Independentes

UE – União Europeia

ONU – Organização das Nações Unidas

OSBM – Ordem de São Basílio Magno

OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte

POSDR – Partido Operário Social-Democrata Russo

RCUB – Representação Central Ucrâniano Brasileira

SUBRAS – Sociedade Ucrâniana do Brasil

TPUK – Sociedade dos Amigos da Cultura Ucrâniana

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 1 - ENTRE IDAS E VINDAS: POR QUE IMIGRAMOS?.....</b>	<b>22</b>
1.1. A FORMAÇÃO UCRANIANA: DO PRINCIPADO DE KIEV AO TERRITÓRIO INDEPENDENTE.....	24
1.2. A IMIGRAÇÃO UCRANIANA NO BRASIL.....	30
1.3. UCRANIANOS EM CURITIBA.....	36
<b>CAPÍTULO 2 - A CONSTRUÇÃO DA IMPRENSA UCRANIANO-BRASILEIRA.....</b>	<b>41</b>
2.1. MÍDIA E DISCURSO: A ORDEM DO JORNAL.....	46
2.2. LINGUAGENS E REPRESENTAÇÕES.....	47
2.3. JORNAIS EMIGRADOS: TROCAS DE IDEIAS E ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE.....	54
2.4. O <i>CHLIBOROB</i> .....	56
<b>CAPÍTULO 3 REPRESENTAÇÕES VEICULADAS: A POSIÇÃO DO JORNAL.....</b>	<b>70</b>
3.1. O <i>HOLODOMOR</i> NAS PÁGINAS DO JORNAL.....	70
3.2. CRISE À VISTA: UCRÂNIA INDEPENDENTE E “EUROMAIDAN” .....	80
3.3. A “VOZ” DO JORNAL: DAS REVOLTAS DE NOVEMBRO À CRIMEIA.....	89
3.4. MEMÓRIAS DA CRIMEIA: REPRESENTAÇÕES CONTINUADAS.....	101
3.5. SUJEITOS DESCENTRALIZADOS: IDENTIDADES FRAGMENTADAS.....	111
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>117</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>122</b>
<b>ANEXO A - CAPA DA PRIMEIRA EDIÇÃO VEICULADA DO JORNAL <i>CHLIBOROB</i> – 04/10/1924.....</b>	<b>130</b>
<b>ANEXO B - ATA DE CONSTITUIÇÃO DE COMITÊ DE AUXÍLIO AS VÍTIMAS DA GUERRA – 09/10/1945.....</b>	<b>132</b>
<b>ANEXO C – MESA DE TIPOS <i>CHLIBOROB</i>.....</b>	<b>134</b>
<b>ANEXO D - COMITÊ UCRAÍNO DE AUXÍLIO ÀS VÍTIMAS DA GUERRA.....</b>	<b>136</b>
<b>ANEXO E - PARTE DE ACERVO MUSEU DA SOCIEDADE UCRANIANA DO BRASIL.....</b>	<b>138</b>
<b>ANEXO F - AGRADECIMENTO AO PRESIDENTE EURICO GASPAR DUTRA – 1948.....</b>	<b>140</b>

## INTRODUÇÃO

A pesquisa apresentada busca pensar as representações e discursos veiculados no jornal *Chliborob*<sup>1</sup>, representante da imprensa ucraniano-brasileira, acerca dos embates russo-ucranianos tratados em suas páginas entre os anos de 2009-2019. A imprensa ucraniano-brasileira que se forma no início do século XX, tem como um de seus objetivos o engajamento de sua comunidade de leitores, essa quase que inteiramente pertencente ao campo étnico ucraniano. Sendo assim, consideramos que a própria escolha de informações e textos, assim como as suas disposições na estrutura do jornal, denotam escolhas que apontam para seus posicionamentos particulares.

O trabalho busca entender os discursos e representações dos embates russo-ucranianos a partir do Lavrador<sup>2</sup>, contudo observaremos além disso, como o nacionalismo ucraniano, noticiado ainda mais após 2014, e podendo ser sintetizado a partir da expressão *Slava Ukraini*<sup>3</sup>, apresentada em seus textos com certa frequência, tem seu papel histórico dentro de tais tensões.

Por meio da pesquisa documental<sup>4</sup>, buscamos refletir sobre como a imprensa ucraniano-brasileira se fixou e modificou com o tempo, pensamos principalmente a partir de um dos jornais que representam essa imprensa centenária. O jornal *Chliborob* se formou no ano de 1924 no município de União da Vitória, sobretudo pelos esforços de Petró Karmans'kei. Ao longo do tempo, além de servir inicialmente como veículo político para com os ideais de seu fundador, tanto ampliou seu escopo e horizontes, quanto modificou suas formas de organização interna. A partir da década de 30 do século XX, sua produção seria levada de seu local de fundação para o município de Curitiba, sendo assim, veiculado na cidade desde então, atualmente o jornal conta com uma extensa trajetória e uma vasta gama de possibilidades de análise a partir de suas

---

<sup>1</sup> De acordo com a transliteração do ucraniano para o português, há um debate em torno da nomenclatura do jornal. Ao passo que certos documentos da própria Sociedade Ucraniana do Brasil tratam o periódico como *Hliborob*, em grande parte da bibliografia encontrada sobre, pode-se observar sua escrita como iremos adotar na pesquisa, ou seja, a terminologia *Chliborob*.

<sup>2</sup> Em tradução literal, *Chliborob* significa *Lavrador*.

<sup>3</sup> A expressão que dá título a nossa pesquisa, tem sua origem nos primórdios da construção do nacionalismo ucraniano. Sendo traduzido diretamente como “Glória à Ucrânia” o termo foi forjado dentro de um contexto de dominação do império austro-húngaro e russo no território ucraniano, ainda no século XIX. Recentemente também foi amplamente reapropriado e utilizado como saudação por certos setores da extrema-direita durante os protestos do *Euromaidan*. Reafirmamos assim, que tal sentença não necessariamente expressa uma tomada de posição particular, mas aqui foi escolhida como título do trabalho por entendermos que seu significado está de certo modo presente no próprio jornal, quando através da pesquisa pudemos verificar que na grande maioria de seus editoriais ao longo dos anos aqui compreendidos, a expressão fora utilizada em suas páginas iniciais.

<sup>4</sup> Procuramos nos ater principalmente aos mecanismos de produção do jornal, sendo assim, a recepção do periódico pelos moradores, que poderia ser verificada por meio de entrevistas locais, não foi utilizada. Apesar disso, reconhecemos a riqueza e importância de uma futura pesquisa que se atenha a sua circulação em meio a comunidade, especialmente no município de Curitiba.

edições redigidas sob tutela da SUBRAS (Sociedade Ucraniana do Brasil), porém para o objetivo aqui colocado, decidimos nos ater em uma temporalidade recente para justamente compreendermos suas atividades a partir de nossa contemporaneidade.

Nossa fonte conta com uma trajetória extensa e múltiplas possibilidades de pesquisa, porém, para nossa proposta decidimos nos ater principalmente em dois pontos que hora ou outra são trazidos à tona, o *Holodomor* e a Crimeia, e suas respectivas repercussões no jornal entre os anos delimitados. Em ambos os casos, trabalhamos com as análises de discurso presentes para nos referirmos a esses eventos, e conseqüentemente, para com a problemática relação entre Ucrânia e Rússia. Em síntese, levando em conta que como iremos observar, nenhuma mídia é neutra, nem mesmo quando assim se declara, e que todas elas possuem vinculações com causas, grupos, e os mais variados interesses, inclusive a partir das trajetórias pessoais de quem escreve; o texto busca, portanto, compreender de certa forma por que os atores envolvidos com *Chliborob* se interessam por relatar os conflitos russo-ucranianos, e quais os sentidos que o jornal e seus dirigentes atribuem a eles. Logo, o entendimento de seus posicionamentos, lugares de fala e da fabricação de discursos particulares, nos é algo pertinente ao longo do processo. Para isso, utilizamos de leituras que pensem seu papel, a partir dos espaços de poder definidos por Foucault (2019) ou seja, refletindo o jornal como um intermediador entre a notícia e seus leitores, como outras perspectivas que reflitam sobre as atribuições, linguagens e estratégias midiáticas esclarecidas por Charaudeau (2019).

A respeito das temáticas centrais, é importante anteriormente esclarecermos alguns aspectos histórico-contextuais, após isso poderemos desenvolver nossa dinâmica de trabalho. O *Holodomor*, que pode ser traduzido como morte pela fome, foi um período entre 1932-1933 causado pelas políticas stalinistas de controle alimentício na região. Tendo a Ucrânia sido parte do território soviético durante o período, e contando com um solo produtivo para a produção agrícola, o projeto stalinista<sup>5</sup> visou implementar a política de exportação dos alimentos para abastecer outros territórios soviéticos e a própria Rússia. Tal projeto provocou, como aprofundamos ao longo do texto, milhares de mortes, o que de acordo com o governo e demais países que reconhecem oficialmente o evento, se configura como um premeditado atentado

---

<sup>5</sup> Josef Stalin atuou como Secretário Geral do Partido Comunista da União Soviética entre os anos de 1924-1953. Aliou-se ao POSDR (Partido Operário Social-Democrata Russo) no início do século XX e após a Revolução figurou próximo à Vladimir Lenin até assumir gradualmente o alto comando após sua morte. Seu período de governo, conhecido também como stalinismo, fora caracterizado por uma maior centralidade e autoritarismo governamental, em decorrência a isso, as políticas de época colocadas em moção tanto em solo russo, como em outras regiões anexadas, foram fruto de debates e discordâncias em décadas posteriores pelas próprias lideranças do Partido Comunista.

stalinista. Mesmo não sendo um episódio contemporâneo como a Invasão da Crimeia<sup>6</sup>, é um fator traumático tanto para o povo ucraniano, quanto para alguns jornais da imprensa ucraniano-brasileira que buscam rememorar-lo. Por isso, mesmo nosso recorte de análise sendo entre 2009-2019, encontramos durante o período, notícias e colunas de opinião que buscam tratar do assunto a partir de um trabalho de representação da “Grande Fome”.

Para apresentarmos e desenvolvermos nossas análises para com o *Holodomor*, utilizaremos além do jornal, leituras consideradas pertinentes dentro da historiografia que trata sobre o tema, logo, obras de autores que são referência no assunto, como o professor Anderson Prado (2018), José Eduardo Franco (2013) entre outros, foram utilizadas para dar uma maior substância ao trabalho.

A Invasão da Crimeia, por sua vez, se iniciou no ano de 2014, quando após inúmeros fatores gerarem uma crise econômica ucraniana e diplomática com os russos, a península foi anexada pelo Kremlin ao seu território através de um referendo popular não reconhecido pelo governo ucraniano, o que aprofundou ainda mais as tensões diplomáticas entre os dois países, e que se configurou como a mais grave desde a queda da União Soviética em 1991. Diferentemente do *Holodomor*, este evento ocorreu em um momento paralelo ao nosso recorte, por isso, analisamos os discursos do jornal em paralelo com as tensões vivenciadas de maneira próxima aos desdobramentos externos. Semelhantemente ao *Holodomor* por outro lado, esta crise gerou traumas e indignações na própria redação, que em ambos os casos, promoveu certa batalha pela memória, que tentava legitimar a Ucrânia tanto historicamente, cultural e idiomáticamente como um território autônomo e livre da influência russa.

Objetivando uma compreensão ampliada sobre os percalços da época e as dinâmicas colocadas entre russos e ucranianos para algo que não se limitasse unicamente ao jornal, foi necessário ampliarmos nossos horizontes de leitura, nesse sentido, textos de Denis Matoszko Fortes (2017), Ariovaldo Alves Cruz de Figueiredo (2017), Renata Corrêa Ribeiro (2015), e outros que a partir de uma visão fundamentada nas relações internacionais entre os países, dialogam sobre os processos, foram aqui compreendidos para os propósitos do texto.

A partir de nossas balizas temporais percebemos um grande número de notícias a respeito não apenas da Ucrânia atual, mas de como seu passado e a história do país foi sendo contada e recontada, tanto por parte de seu povo, quanto pela Rússia. Esse recorte foi feito

---

<sup>6</sup> A região da Crimeia é uma península localizada na costa norte do mar Negro e pelo mar de Azov a nordeste. Situa-se ao sul da região ucraniana de Kerson e a oeste da região russa de Kuban. A Crimeia, sendo um território estratégico para ambos os países, entrou em disputa a partir principalmente da ocupação militar russa na região em março de 2014.

primeiramente por uma questão prática e de maior acessibilidade, já que é a partir de 2009 que o jornal passou a adotar um formato totalmente digital, contando com cópias físicas apenas a um grupo seleto de leitores.

Além disso temos a questão do idioma, já que foi a partir da década de 90 que o periódico adotou também o português em seus textos, sendo que anteriormente as suas tiragens eram exclusivamente em idioma ucraniano. Em seguida, verificamos como eram tratadas as relações russo-ucranianas do decênio em suas páginas, e quais eram os discursos do periódico frente a tais questões, principalmente levando em conta os dois eventos aqui tratados, já que ambos foram e são considerados como alguns dos grandes momentos de tensão entre os países, sendo a Crimeia, o de maior proporção desde a queda da URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas).

Através do processo de pesquisa e de nosso contato com a fonte, em meio a dez anos de material escrito, percebemos que tanto o *Holodomor*, quanto a situação da Crimeia, foram questões que perpassaram o jornal durante os anos compreendidos, no caso do primeiro, ainda em 2009 conseguimos observar isso, ao passo que a Crimeia começou a ser pensada principalmente a partir de 2013. Percebe-se ao longo da pesquisa como os eventos da década de 30 estiveram constantemente presentes, não apenas sendo motivo de debates em colunas veiculadas, mas também em outras atividades coordenadas pela SUBRAS e demais instituições que buscavam contemplar a comunidade ucraniano-brasileira<sup>7</sup>. Um dos primeiros noticiários acerca da Grande Fome com a qual nos deparamos, ocorreu nas edições de 2009, e a partir daí conseguimos encontrar muitas outras matérias sobre o assunto nos dez anos que compreendem o trabalho.

---

<sup>7</sup> Entendendo a amplitude do conceito de comunidade, e objetivando os encaminhamentos particulares da pesquisa proposta, nos referimos à comunidade ucraniano-brasileira como algo que compreenda os imigrantes de primeira geração e seus descendentes, que porventura mantiveram elos afetivos e culturais com a Ucrânia, seja através de práticas e manifestações, ou participação em atividades ligadas às instituições ucraniano-brasileiras.

QUADRO 1 – Edições e colunas analisadas no *Chliborob* (2009-2019)

(Continua)

Edições jornal <i>Chliborob</i> (2009-2019)			
Número da edição	Mês/Ano	Página	Título das colunas analisadas
N. 412 (3857)	Abril/2009	p. 01	Aos nossos leitores
N. 412 (3857)	Abril/2009	p. 13	Exércitos soviéticos na Galícia
N. 412 (3857)	Abril/2009	p. 10	Memorial lembra vítimas da fome na Ucrânia nos anos 30
N. 412 (3857)	Abril/2009	p. 08	Senado aprova indicação de embaixadores para Ucrânia, Namíbia e São Tomé
N. 414 (3859)	Junho/2009	p. 10-11	Yuschenko falou de quantos símbolos do regime comunista a Ucrânia já eliminou
N. 418 (3863)	Outubro/2009	p. 11-12	Genocídio: apoio ao povo ucraniano
N. 420 (3865)	Dezembro/2009	p. 15	Declaração do presidente Barack Obama no dia do <i>Holodomor</i>
N. 421 (3866)	Janeiro/2010	p. 10	Inauguração do monumento em memória das vítimas do <i>Holodomor</i>

QUADRO 1 – Edições e colunas analisadas no *Chliborob* (2009-2019)

(Continuação)

Edições jornal <i>Chliborob</i> (2009-2019)			
Número da edição	Mês/Ano	Página	Título das colunas analisadas
N. 428 (3873)	Agosto/2010	p. 24	A retirada dos russos da Ucrânia
N. 448 (3893)	Abril/2012	p. 17-18	Idioma ucraniano: o que impede certos cidadãos de falar seu próprio idioma?
N. 449 (3894)	Maio/2012	p. 15-16	A Ucrânia é anterior a Rússia: a legitimidade de sua soberania
N. 451 (3896)	Julho/2012	p. 25	A luta pelo idioma ucraniano continua
N. 452 (3897)	Agosto/2012	p. 30	Idioma russo na Ucrânia – como e onde estão “perseguido”
N. 463 (3908)	Julho/2013	p. 01	Diretoria da SUBRAS
N. 464 (3909)	Agosto/2013	p. 07-09	País firma-se como nação independente e busca consolidar sua vocação europeia
N. 464 (3909)	Agosto/2013	p. 01-02	22 anos da Ucrânia independente
N. 468 (3913)	Dezembro/2013	p. 07	A segunda morte de Lenine
N. 468 (3913)	Dezembro/2013	p. 01-02	Editorial
N. 469 (3914)	Janeiro/2014	p. 07-08	Calma em Kiev à espera do discurso de Vitaly Klitschko
N. 469 (3914)	Janeiro/2014	p. 13	Sobre as manifestações pacíficas
N. 469 (3914)	Janeiro/2014	p. 01-02	Editorial
N. 469 (3914)	Janeiro/2014	p. 14-15	Apelo enviado à presidenta Dilma Rousseff
N. 471 (3916)	Março/2014	p. 16-17	Ucrânia x Rússia
N. 472 (3917)	Abril/2014	p. 01	Editorial

QUADRO 1 – Edições e colunas analisadas no *Chliborob* (2009-2019)

(Conclusão)

Edições jornal <i>Chliborob</i> (2009-2019)			
Número da edição	Mês/Ano	Página	Título das colunas analisadas
N. 461 (3906)	Junho/2014	p. 01	Editorial
N. 484 (3929)	Abril/2015	p. 20	O que é mais importante?
N. 485 (3930)	Maiio/2015	p. 14	Há 70 anos passados!
N. 485 (3930)	Maiio/2015	p. 01	Editorial
N. 392 (3937)	Janeiro/2016	p. 01	Editorial
N. 504 (3928)	Janeiro/2017	p. 01	Editorial
N. 520 (3952)	Abril/2018	p. 06-07	ONU “quatro anos de conflito na Ucrânia deixam 4,4 milhões de pessoas em terrível situação humanitária”
N. 523 (3954)	Julho/2018	p. 02	SLAVA UKRAINI! HEROIAM SLAVA!
N. 527 (3957)	Novembro/2018	p. 01	Editorial
N. 540 (3969)	Dezembro/2019	p. 12	Completo cessar-fogo, troca de prisioneiros e status especial de Donbass: resultados da cúpula da Normandia

Fonte: O autor

Gradativamente percebemos a relevância e o impacto que ele trouxe para o *Chliborob* e para a comunidade de leitores ao seu redor. Como um acontecimento constantemente lembrado e discutido pelo jornal, compreendemos que as mensagens veiculadas disseram muito mais sobre as questões contemporâneas do periódico e seu olhar sobre o ocorrido, do que necessariamente sobre o evento em si:

O acontecimento que sobrevém é um momento, um fragmento de realidade percebida que não tem nenhuma outra unidade além do nome que se lhe dá [...] Fabricante e fabricado, o acontecimento é inicialmente um pedaço de tempo e de ação posto em pedaços, em partilha como em uma discussão: é através dos farrapos de sua existência que o historiador trabalha se quiser dar conta dele (FARGE, 2011, p. 71).

Além disso, a mera disposição das notícias, a escolha de palavras utilizadas, e a estrutura escolhida para a sua formatação final, nos disseram algo sobre suas características particulares, e posição como representante da imprensa ucraniano-brasileira em Curitiba.

Reiteramos como são promovidos recursos de linguagem e imagéticos para constantemente afirmar suas posições frente aos assuntos considerados mais marcantes para sua redação. Principalmente acerca do *Holodomor*, o assunto surge como pauta delicada para a comunidade ucraniana e conseqüentemente também para o periódico, já que constantemente ele faz um trabalho de rememoração do evento, por meio de notícias e colunas de opinião.

A Crimeia, por outro lado, configura-se como um assunto contemporâneo da temporalidade adotada para a pesquisa. Apesar da crise ter se acirrado apenas no final de 2013, e especialmente a partir de 2014, com a marcha do exército russo para a região em disputa, algumas questões anteriores também contribuíram para o conflito. No entanto, apesar de encontrarmos no jornal informativos a respeito da diplomacia russo-ucraniana antes de 2014, foi a partir daí que observamos um aumento considerável no número de notícias acerca do que ocorre entre os países. Não apenas enxergamos uma maior quantidade de colunas, mas também uma narrativa discursiva mais acirrada em suas páginas.

A respeito das batalhas pela memória entre russos e ucranianos, elas são encontradas de forma mais enfática e quantitativa no decorrer do tempo. Por conseguinte, para se legitimar como veículo midiático da imprensa ucraniano-brasileira, e ainda para respaldar e acalorar seus argumentos em razão da Ucrânia, notamos um alto número de eventos e argumentos históricos utilizados nesse meio tempo, que apesar de lidos e interpretados como questões isoladas, também foram colocados em um contexto macro, ou seja, ligados à necessidade e sentimento do grupo dirigente do jornal de colocar suas questões em pauta, com o agravamento das tensões.

Mais adiante, também durante os anos 30, outro exemplar ligado à imprensa ucraniano-brasileira, o *Prácia*, teve um papel importante para alertar e divulgar - por meio de cartas recebidas de ucranianos que se encontravam no país à época - as práticas stalinistas em prática; o *Chliborob* também atuou de forma semelhante com relação à Crimeia no segundo decênio do século XXI, ou seja, por meio de suas notícias, e através da carga identitária que se sobressaiu ao longo das leituras, percebeu-se tanto a veiculação de depoimentos, quanto colunas e artigos retirados de outros jornais, como também editoriais próprios de membros da Sociedade Ucraniana do Brasil, que visavam combater a influência e a presença russa na região da Crimeia, e o conflito em curso entre os territórios.

Assim, reforçamos novamente que em meio a tantas outras questões que ora ou outra aparecem na fonte, escolhemos principalmente essas duas grandes temáticas para trabalharmos, pois consideramos ambos os eventos como alguns dos que mais auxiliaram não apenas a percepção de uma parcela dos ucranianos em tempos recentes, mas também o viés discursivo do impresso. Sendo assim, ao passo que procuramos compreender seu papel como representante

da comunidade ucraniano-brasileira, especialmente em Curitiba, nos foi relevante entendermos o papel deste na comunidade local. Em sua estrutura geral, analisada nas edições que compreenderam o período estudado, notou-se a pretensão de difundir e preservar a cultura e práticas ucraniana meio à comunidade local. Sendo um dos símbolos da imprensa ucraniano-brasileira, o periódico buscou constantemente a apropriação e manutenção cultural de representações e manifestações simbólicas próprias, dentro de seu meio de circulação e por meio da palavra escrita.

A pesquisa proposta procurou elucidar as publicações do *Chliborob*, buscando avarar as representações ucraniano-brasileiras por meio da imprensa, tanto para com a comunidade, como para com os trabalhos de memória e posição a partir dos eventos mencionados. Além disso, sendo a imprensa imigrante um produto principalmente da imigração ucraniana do século XIX, e da necessidade que os ucranianos tinham para conceber um elo de ligação com seu universo cultural deixado para trás, consideramos este trabalho relevante para evidenciarmos tais processos e suas dinâmicas, assim possibilitando um maior número de pesquisas em torno desses povos, e da própria imprensa aqui tratada, ainda hoje timidamente trabalhada. Pesquisadores como Maria Inêz Skavronski, Paulo Guérios, Anderson Prado, Angelica Szeremeta, Oksana Boruszenko, entre outros, e que foram nesta pesquisa amplamente utilizados, são exemplos do estudo de área e da temática estudada, porém, consideramos que o campo, principalmente com relação aos periódicos, ainda permanece com certo grau de obscurantismo, ainda que tenha sido apontado nos últimos anos.

Diferentemente de outros jornais da imprensa, o *Chliborob* por sua vez, quase não possui pesquisas de fôlego em torno dele. Em verificação feita ao portal de Teses e Dissertações da CAPES, no dia 19 de março de 2021, não foram encontrados outros trabalhos que levassem em conta o periódico. Ao longo do processo, conseguimos observar apenas citações pontuais, que não se debruçavam realmente na fonte. Sendo que a atual presidente da Sociedade Ucraniana do Brasil, responsável pelo jornal, relatou que nas últimas décadas, nenhuma pesquisa fora feita, e nenhum estudioso tenha ido até o acervo para arrolar as fontes, salvo segundo ela, “algumas pessoas que queriam uma informação específica”. Ora, sendo um jornal de tamanha riqueza, tanto como representante da imprensa ucraniano-brasileira, como por sua trajetória quase centenária, desde 1924, consideramos mais do que pertinente seu estudo, e assim quiçá tenhamos possibilitado outros trabalhos subsequentes, que possam ter contato com todo o universo simbólico e material do impresso.

O jornal como fonte de pesquisa para o historiador, passou a ganhar novos contornos e considerações a partir dos anos 1970, justamente durante a ascensão de novas vertentes

historiográficas abordadas anteriormente. Até então, a imprensa era vista como um mecanismo de formação de opinião, muitas vezes considerada sob a ótica da historiografia e os critérios científicos como não confiável ou subjetiva, contrapondo o modelo científico que prezava por algo oposto:

Nestas últimas décadas incorporamos a perspectiva de que todo documento, e não só a imprensa, é também monumento, remetendo ao campo de subjetividade e da intencionalidade com o qual devemos lidar. Nesse momento, a imprensa periódica, seja nas suas variedades históricas e de veículos, jornais regionais e locais, grandes jornais diários, revistas nacionais, revistas de variedades, culturais, especializadas ou militantes, gibis, jornais alternativos ou de humor; seja em suas diferentes partes e seções, como editoriais, noticiário corrente, carta de leitores, seção comercial, artigos assinados; ou ainda, nos diversos gêneros e linguagens que se articulam nos veículos, como artigo de fundo ou editorial, a notícia e a reportagem, as crônicas, críticas e ensaios, as cartas e pequenos comentários, a fotografia, o desenho e a charge, o classificado e o anúncio comercial – tem sido, segundo Heloisa de Faria Cruz e Ana Maria do Rosário da Cunha Peixoto, amplamente utilizada na pesquisa acadêmica e no ensino de história. (CRUZ; PEIXOTO apud VIEIRA, 2013, p. 1-2).

A imprensa por meio da sua linguagem e prática, não necessariamente constitui apenas um ambiente de trocas de informações, mas atua também como um meio de comunicação e fluxo de ideias entre pessoas e grupos, que muitas vezes não podem despendar de contato próximo. Logo, mais do que um noticiário, os jornais atuam como mantenedores e difusores discursivos, pois delimitam temáticas, difundem opiniões, atuam no imaginário e mobilizam a sociedade sobre certas causas, posicionamentos e/ou reivindicações.

Em face à posição do historiador ao utilizar de fontes jornalísticas, reiteramos que ao mesmo tempo em que podem se tornar aliadas no processo de escrita, deve-se ter cautela em sua leitura e assimilação. Primeiramente, lembramos que as linguagens da mídia nunca propõem uma neutralidade objetiva, ou melhor, colocam essa intenção em sua superfície, mas consciente ou inconscientemente partem de pressupostos individuais ou coletivos, ou até mesmo de lógicas externas para formular seus argumentos, selecionar suas notícias e redigir seus discursos. Destarte, enfatizamos as análises do jornal proposto, com base em suas tomadas de posição e pontos de vista para com os embates russo-ucranianos aqui colocados. Dessa forma, nosso trabalho buscou não necessariamente relegar essas características do periódico como objeto de pesquisa, mas compreendê-las com base em seus discursos e representações.

Devemos perceber seus escritos como produtos de um determinado tempo, e que sendo assim foram erigidos de acordo com valores e tendências de uma época e local, logo, seu caráter universal ou atemporal é uma ilusão, pois foi formulado levando em conta seu próprio período, e por pessoas localizadas em determinadas conjunturas. Dito isso, o advento dos jornais como fonte rompeu com o “fetichismo do documento” (LAPUENTE, 2015), o que proporcionou uma ampliação de campo, e naturalmente também impôs novos desafios.

A partir do entendimento de que o trato dos jornais é o de manter um elo entre a comunidade imigrante e o universo social, cultural e político dessas pessoas com a Ucrânia, compreendemos que a temática das relações entre os países é um assunto de grande interesse para a comunidade curitibana envolvida com as particularidades ucranianas. Para isso, levou-se em conta acontecimentos passados e mais recentes das relações entre os dois territórios. Tais como as experiências históricas russo-ucranianas que sempre foram tensas, fator que desde sua primeira edição de 2009 foi deixado em evidência, e o engajamento do periódico para com essas tensões a partir de 2014, que acentuou o interesse dos leitores.

É indispensável portanto uma abordagem dos jornais e principalmente o trabalho historiográfico a partir desse meio, esclarecendo assim, quando e como esses materiais começaram a se revelar como objetos de pesquisa para o historiador, apontando as necessidades metodológicas necessárias ao estudo de recursos midiáticos. Ainda é preciso um posicionamento cauteloso, e que a análise feita a partir do periódico leve em conta seu lugar de fala, suas raízes, e seu público-alvo, pois revelam o tom do discurso veiculado. Além disso, é importante atentarmos também ao não dito, aquilo que porventura foi omitido ou não levado em conta no processo de seleção das notícias.

O *Chliborob* sendo um dos representantes da imprensa ucraniano-brasileira, tem a tarefa de informar os ucranianos do que se passa no país eslavo e ainda prezar pela manutenção e valorização cultural desse povo, agindo como produtor do capital simbólico levantado por Bourdieu (2015), assim, sua atuação como parte dessa manutenção simbólica foi também fundamental para neste trabalho. Além de suas notícias fazerem uso inclusive de todo um arcabouço discursivo próprio das mídias para representar e legitimar o universo sociopolítico e cultural ucraniano, frente à realidade das tensões entre estes e a Rússia.

Para darmos conta do que estamos propondo, dividimos a pesquisa em basicamente três partes. Durante a primeira etapa, consideramos necessário contextualizar a imigração ucraniana e abordarmos a formação da imprensa ucraniano-brasileira sobretudo no Paraná. Conveio de mesmo modo estabelecermos algum diálogo a respeito dos processos imigracionistas em si, pois, tendo em conta a imprensa aqui tratada e o *Chliborob* como produtos diretos das necessidades dos primeiros imigrantes, fez-se necessário entendermos o que levou esses indivíduos a se disporem a deixar todo o seu universo material e simbólico para trás, e a tentarem uma nova vida em local desconhecido.

Entendendo que esses movimentos estão de certa forma conectados, percebemos que alguns dos processos históricos vivenciados pela Ucrânia, com relação aos países eslavos e a própria Rússia, tanto no século XIX, como anteriormente, foram tratados em algumas matérias

do *Chliborob* através de discursos próprios. Além disso, foi abordado o estabelecimento dos ucranianos em Curitiba e a formação do periódico e das instituições curitibanas que serviram de apoio a essas pessoas, especialmente a Sociedade Ucraniana do Brasil.

Em um segundo momento, buscamos esclarecer os artifícios e discursos de mídia de um modo geral, nos atentando às linguagens e às representações que esses veículos, sobretudo os impressos, utilizaram para engajar o leitor e atender seus próprios interesses, ligados a causas específicas. Desse modo, rompemos com a impressão algumas vezes frequente de uma suposta neutralidade midiática, salientando por meio de autores como Patrick Charaudeau (2019), a maneira como esses materiais sempre estão ligados a um determinado lugar e contexto, levando em conta suas próprias lógicas, sejam elas simbólicas ou materiais.

Adiante, visamos discutir como os jornais, principalmente os derivados de uma imprensa imigrante, se configuram em espaços de socialização e troca de ideias entre imigrantes e as pessoas além-mar, atuando como um elo de ligação cultural entre esses dois mundos em que o estrangeiro vive. Aqui pontuamos como essas características não são únicas da imprensa ucraniano-brasileira, e muito menos do impresso aqui analisado, mas aparecem de modo quase que universal, independentemente da etnia ou da época.

Tratamos dos dois eventos aqui propostos, o *Holodomor* e a Crise da Crimeia, e o que ambos significaram para o *Chliborob*. Para isso, procuramos primeiramente contextualizar os eventos e nos debruçarmos em seus condicionantes e desdobramentos, para após isso, explorar suas respectivas representações no jornal. Utilizando assim de colunas e textos que buscaram discorrer sobre eles, no caso do *Holodomor*, de modo muito mais rememorado, e no caso da Crimeia, emitindo seus posicionamentos a partir de acontecimentos em moção.

Desse modo trabalhamos com os posicionamentos e discursos veiculados para com os eventos e os embate russo-ucranianos como um todo, discutindo a visão e posição do *Chliborob* acerca dos russos e o que sua trajetória vinculada à Ucrânia representou. Seguindo essa linha, consideramos relevante para o processo de maior entendimento do tema e suas repercussões, levantarmos algumas discussões a respeito das identidades imigrantes e sobretudo do sentimento nacional formulado a partir das experiências nacionalistas do XIX e sobretudo dos eventos tratados. Sendo assim, passando por leituras sobre o tema e levando em conta os escritos de intelectuais como Stuart Hall (2019) aventamos também como as manifestações nacionais se entrelaçavam com identidades fabricadas e consideravelmente acentuadas em contextos caóticos.

Percebendo que a Ucrânia mergulhou em um cenário dramático a partir de 2014, surgindo a necessidade de toda uma estética e simbologia que buscou manter a identidade

nacional unificada diante desses percalços e das próprias disputas pelo passado entre ucranianos e russos, buscamos o entendimento desses debates.

Nesse sentido, observamos que apesar das tentativas de unificação nacional em contextos de crise e em face a contemporaneidades, estas supostas identidades formuladas foram gradativamente se fragmentando, e por conseguinte provocando dissensos e rupturas entre a própria comunidade nacional e a comunidade imigrante no exterior; portanto, consideramos pertinente abordar as formulações, para assim melhor nos debruçarmos tanto em relação ao cenários geopolítico e diplomático ucraniano, quanto em seus eventuais dissensos sociais, que inclusive levaram a processos separatistas em seu território, como também tratar a comunidade ucraniano-brasileira, em especial os discursos e representações veiculados por integrantes da Sociedade Ucraniana do Brasil (de forma mais abrangente de outras entidades curitibanas que vieram a se manifestar).

## **1 ENTRE IDAS E VINDAS: POR QUE IMIGRAMOS?**

Para melhor compreendermos a imigração ucraniana ao Brasil, assim como seus efeitos na vida do sujeito que se dispõe a isso, primeiramente devemos esclarecer alguns pontos sobre os processos de deslocamento humano no tempo. Explorando nesse sentido, os condicionantes que fazem os sujeitos abandonarem suas vidas, seus círculos sociais e cultura, para assim tentarem algo novo em um lugar distante e muitas vezes hostil ao imigrante. Para quem decidiu partir, e isso fica claro no caso ucraniano, o processo pode significar um afastamento de seu próprio universo cultural, social e religioso, o que além das dificuldades materiais encontradas, levam o indivíduo a se desligar de toda uma concepção de mundo formulada ao longo de sua vida. Sendo assim, o entendimento do conceito de imigração nos foi relevante *a priori*, para após isso, nos debruçarmos nas particularidades ucranianas.

O processo de imigração é algo constante na história humana, vários são os povos que por necessidade tiveram que abandonar seu território de nascença e se colocar ante o desconhecido, sair pelo mundo em busca de algo mais que não poderia ser encontrado em seu local de origem. A partir do século XVI e das grandes navegações, as Américas foram palco de disputas entre nações europeias, também como da curiosidade de pessoas que as viam como um paraíso perdido. O misticismo que preencheu o imaginário popular frente ao desconhecido se revelava assim praticamente recorrente: Os imigrantes realmente eram aventureiros que se lançavam ao desafio frente a essas intempéries, enquanto os outros se viam estagnados e receosos ao mistério? Afinal o que habitava os cantos inexplorados e não catalogados de nosso

mundo? Para sanar ou apenas em uma tentativa de preencher lacunas nesse quebra cabeça inquietante, fomos levados ao apelo da imaginação. Contos e fábulas surgiram nunca solucionando o caso, mas talvez por isso mesmo mantendo a curiosidade e a atenção.

Anteriormente às Grandes Navegações, quando o processo de navegação e catalogação dos oceanos e terras ainda não estava em seu ápice, as lendas e contos eram o que moviam grande parte do imaginário popular. A crença em figuras bestiais e criaturas monstruosas que habitavam as águas ainda desconhecidas eram retratadas nos mapas de época, e os relatos e leituras a que os navegadores temerosos tinham acesso eram restritas a um acervo de contos escritos. Dessa forma compreendemos o porquê de os navegadores europeus terem visto sereias, ciclopes, serpentes gigantes, e outras tantas criaturas monstruosas, quando viajaram por regiões desconhecidas.

Com o XVI e as experiências europeias tanto nos oceanos quanto na exploração de terras americanas, essa mística passou a dar lugar a um protecionismo de nações que desejavam manter as suas colônias. O mercantilismo cada vez mais intenso e a necessidade de povoamento colonial, apesar da presença dos povos originários que anteriormente já habitavam esses locais, deu vazão a processos de imigração, esses sendo ocasionados pelas mais variadas causas, pois não devemos cair na armadilha de conceber os processos de deslocamento apenas como um ímpeto de aventura. Os eventos que levaram comunidades e famílias a abandonarem sua terra eram complexos, e conseqüentemente exigem uma sensibilidade de pesquisa mais apurada, conforme a citação:

Amparados pela ideia de que o indivíduo não abandona sua Pátria somente por opção ou por aventura, acreditamos ser necessário avaliar os aspectos que levam o emigrante a abandonar a sua terra natal, considerando os fatores de repulsão ou rejeição no país de origem, bem como os fatores de atração ou compensação no país de adoção (SKAVRONSKI, 2015, p. 26).

A partir da gradativa ocupação das terras, a necessidade que se impôs de colonização e a promessa de prosperidade e fartura encontradas no Novo Mundo, como outrora denominado, fizeram alguns imigrarem, já outros (como em muitos processos históricos, e que veremos ser o caso da imigração ucraniana em fins do XIX) vieram não por curiosidade ou aventura, mas sim por uma necessidade material e de sobrevivência:

Esses deslocamentos eram motivados pela construção de uma nova realidade. Ninguém migra a longa distância sem que exista um impulso, muito subjetivo, da esfera da esperança, chamado por alguns de ilusão migratória. Certamente, a mobilidade social consistia num ingrediente ativo desta ilusão, à medida que ‘o fazer a América’ no século XIX implicava participar de um movimento no qual o fluxo destinava-se para a periferia do mundo industrializado/civilizado. É provável que os participantes daquela aventura migratória tivessem a firme crença na força de mecanismos compensatórios capazes de lhes garantir melhores posições sociais (ANDREAZZA, 1996, p. 14).

Partindo dessa compreensão, vimos que as razões que fazem um povo imigrar são muitas e tomam distintas formas. O abandono de suas terras e bens não se encerrou no âmbito material, o rompimento de laços afetivos, de amizades, e também o desligamento dessas pessoas a todo um universo cultural e simbólico a que elas estavam acostumadas, tornou o processo algo muito mais complexo e subjetivo para o entendimento da questão. Logo, entendemos que a partir do momento em que o sujeito decidiu imigrar, e ainda mais a partir do instante da partida, ele trouxe em sua bagagem não apenas seus objetos materiais, mas além disso, toda uma cultura imaterial aprendida ao longo do tempo. Sendo originados por conflitos, guerras e contextos desfavoráveis, as jornadas foram e ainda são muitas vezes movidas pela esperança de uma vida mais digna. Dessa forma, a trajetória dos processos imigracionistas se fez recheada de sonhos e esperanças, como também de desafios, provações e angústias.

Para iniciarmos uma discussão a respeito da colonização ucraniana em terras brasileiras, e refletirmos sobre os fatores que levaram essas pessoas a atravessarem o oceano para tentarem melhores condições de vida, primeiramente devemos uma recapitulação sobre alguns pontos do contexto de seu país de origem, que levaram os indivíduos a tal escolha.

A Ucrânia foi um cenário ideal para a propaganda imperial brasileira, por este país ter sido um local historicamente envolvido em disputas territoriais e de legitimidade, e pela situação em que se encontravam os camponeses em fins do XIX. Assim, como parte fundamental do trabalho, acreditamos ter sido necessária também a contextualização histórica de ambos os países e qual a sua relação inicial, partindo do pressuposto de que o território ucraniano e a sua dependência em relação ao antigo império russo remontam a meados do século IX, ainda como um local unificado. Logo, apesar do campo de trabalho, fontes analisadas e pesquisas localizadas em grande parte a partir de 2009, pensamos que um entendimento das relações entre as duas regiões implicou em uma necessidade contextual entre eles.

Nos atentando a isso, antes de nos debruçarmos efetivamente no processo de imigração ucraniana ao Paraná que se intensificou durante o século XIX, consideramos relevante uma abordagem anterior que colocasse em contexto histórico as formações do território ucraniano e suas dialéticas para com a Rússia. Compreendendo no entanto a complexidade e a vastidão de uma abordagem nesse sentido, a utilizaremos como forma de melhor compreender as dinâmicas históricas entre russos e ucranianos; a constituição gradativa de um território que anteriormente ao século XX não poderia ser encarada efetivamente como uma nação consolidada, e quais os mecanismos e conjunturas internas do território eslavo que contribuíram para a imigração ao Brasil, bem como as conseqüentes formações institucionais e nacionais dessa comunidade em um outro local.

## 1.1 A FORMAÇÃO UCRANIANA: DO PRINCIPADO DE KIEV AO TERRITÓRIO INDEPENDENTE

No contexto do XIX, o território ucraniano estava desmembrado e sob o jugo de outras nações eslavas. A sua parte ocidental, formada pelas regiões da Galícia<sup>8</sup> e da Bukovina, estavam sob domínio direto do Império Austro-húngaro<sup>9</sup>, ao par que a sua porção oriental, se encontrava sob tutela do império russo. Os povos das regiões que compreendiam a porção ocidental foram em sua maioria os que futuramente iriam imigraram e se assentaram nas terras paranaenses.

Acerca da composição desses povos, devemos levar em conta que o território ucraniano como uma região autônoma e unificada fosse se estabelecer apenas em meados do século XX, portanto, durante o período que antecede a primeira onda imigratória, a compreensão da totalidade da população estava predominantemente entre poloneses e ucranianos:

Os poloneses concentravam-se na Galícia Ocidental, onde eram tanto proprietários de terras quanto camponeses. Já, na Galícia Oriental, ainda que em minoria, constituíam a nobreza detentora das terras; os demais poloneses desta região eram funcionários ligados à burocracia ou a atividades urbanas. Os dois milhões e meio de ucranianos concentravam-se na Galícia Oriental e sobretudo ocupavam a zona rural na qualidade de camponeses. Os judeus estavam dispersos por toda a região, e os alemães viviam nas grandes cidades, onde se ocupavam da burocracia (ANDREAZZA, 1996, p. 17).

As origens da Ucrânia como nação constituída se deram após a decadência do território conhecido como *Rus-kievana*<sup>10</sup>, concentração de povos eslavos que se iniciou aproximadamente no século IX, tendo como seu principal chamariz o principado de Kiev. Seu primeiro príncipe, Oleg (879-912) em 911 assinou um tratado de paz com o Império Romano do Oriente e após isso comandou o território, assim rapidamente Kiev foi vista como principal ponto da região. Esse estado que abarcava grande parte dos territórios da atual Ucrânia, Rússia e Bielorrússia, foi durante a formação geopolítica dos estados eslavos, um foco cultural considerável para os povos da região:

‘*Rus de Kiev*’ é uma terminologia artificial acadêmica para os primeiros séculos da história dos povos eslavos do oeste, aproximadamente do século IX (ou VIII) ao início do século XIII. Historiadores começaram a compreender este período como integral,

---

<sup>8</sup> Região histórica situada a oeste da atual Ucrânia. Dominada pelo império Austro-húngaro durante o século XIX, foi nomeada a partir da cidade de Halych.

<sup>9</sup> O Império Austro Húngaro foi resultado da união entre o império austríaco e o reino da Hungria. Formado em 1867, sobreviveu até o ano de 1918, quando foi derrotado na Primeira Guerra Mundial.

<sup>10</sup> A narrativa histórica da também chamada *Rush’ de Kiev* foi utilizada e moldada principalmente a partir de uma retórica nacionalista ucraniana. Assim sendo, precisamos esclarecer que obstande de ter sido um território constituído, foi necessário certa cautela para com seu estudo. Para o nacionalismo ucraniano do XIX, a formação de um território unificado que teve Kiev como um grande chamariz regional, foi um poderoso modo de se reafirmar perante as nações estrangeiras e sobretudo a Rússia, assim esclarecendo o título de um artigo do *Chliborob* que abordaremos com mais ênfase adiante: “A Ucrânia é anterior a Rússia”. Tal frase assimila bem o “recado” objetivado pelos nacionalistas.

unido, importante e diferente de outros períodos, apenas no começo do século XX (YURIEVICH, 2016, tradução nossa)<sup>11</sup>.

A chamada *Rus de Kiev* é ainda hoje colocada como ancestral cultural tanto para o território russo, quanto para a Bielorrússia e Ucrânia. Foi a partir do século XI que o território começou a se enfraquecer, tanto por questões culturais que diferenciavam os povos integrantes da *Rus kievana*, quanto por outras econômicas, como o afrouxamento dos laços com o império bizantino e as invasões mongóis durante o século XII, que marcaram a reta final desse estado:

La invasión por los mongoles de todo el antiguo territorio de Kievan Rus aumentó considerablemente las diferencias entre las dos regiones orígenes de Rusia y de Ucrania. Los mongoles ejercieron fuertes influencias en la política de Vladimir Suzdal, en la sociedad, la cultura y en las costumbres, ya que sus autoridades colaboraron con los invasores porque oponerse hubiera significado la destrucción total (GONZÁLEZ, 2007, p. 150).

Sobre as construções discursivas da *Rus de Kiev*, Andrezza nos esclareceu a já apontada cautela necessária por parte do historiador para com as narrativas apropriadas pelos nacionalistas ucranianos, já que “Merece ser apontado que este tipo de construção historiográfica é questionável, entre outras coisas, justamente por pressupor uma ininterrupta linearidade histórica” (ANDREAZZA, 1996, p. 22). Acerca disso, temos que “A Ucrânia é uma típica nação do leste, assim, sua história é marcada por um grau de descontinuidade” (RUDNYTSKYJ apud ANDREAZZA, 1996, tradução nossa)<sup>12</sup>.

A partir da desestruturação da *Rus Kiev*, ambos seus territórios pertencentes também se fragmentaram. No território ucraniano ascendeu então, os principados da Galícia e Lodoméria durante o século XII, onde tiveram o Rei Daniel (1205-1264) como seu principal líder: “organizador e orientador da resistência ucraniana contra os tártaros e mongóis, e fundador da cidade de Lwiw (Lemberg), que logo se tornou a capital do reino” (BORUSZENKO, 1967, p. 424). Apesar dos reinos da Ucrânia sob tutela do rei Daniel obterem algum êxito em sua luta contra os povos tártaros, chegando ao ponto do Papa João XXII consagrar o local como *Antemural Christianitatis*<sup>13</sup>, ele não resistiu às constantes investidas, o que levou à decadência dos principados, que foram libertos apenas no século XIV pela Lituânia e Polônia; e em seguida, incorporados ao seu território<sup>14</sup>.

<sup>11</sup> ‘Kievan Rus’ is an artificial scholarly term for the first centuries of the history of the east Slavs, approximately from the 9th (or the 8th) to the beginning of the 13th centuries. Historians began to comprehend this period as integral, united, important and differ from the others periods only at the beginning of the 20th century (YURIEVICH, 2016, p 06).

<sup>12</sup> Ukraine is a typically East Nation in that its history is marked by degree of discontinuity (RUDNYTSKYJ apud ANDREAZZA, 1996, p. 22).

<sup>13</sup> A consagração de um território como “bastião do cristianismo” era concedida a regiões que defendessem as fronteiras da Europa cristã contra povos asiáticos e o Império Otomano.

<sup>14</sup> Horbatiuk (1989, p 56) divide a história ucraniana em cinco períodos:

1) Supremacia de Kiev até 1154.

É nesse contexto que surgiram os *cossacos*<sup>15</sup>, tidos pelos nacionalistas como guerreiros que lutaram pela liberdade da Ucrânia, e que sobrevivem no imaginário cultural ucraniano-brasileiro, seja em eventos como o “dia da Ucrânia” feito em Curitiba, “noite ucraniana” em Prudentópolis, entre outros que buscam a manifestação cultural e folclórica que remete às tradições típicas:

Não podendo, nem a Lituânia nem a Polônia, proteger o povo ucraniano contra os tártaros-mongóis, vivendo os camponeses um tipo de escravidão até então desconhecida, camponeses, pescadores e caçadores armados, chamados ‘Kosaky’(Cossacos), isto é, ‘livres guerreiros’, fundaram uma fortaleza, em 1552, atrás das cataratas do Dnipro, a famosa ‘Zaporoz’Ka Sitch’. Esses corajosos cossacos preparavam-se para guerrear contra qualquer inimigo: polonês, moscovita, tártaro ou turco (HORBATIUK, 1989, p. 60).

A partir disso, os cossacos foram gradativamente aumentando seu poderio e influência, eles não se constituíam apenas como um grupo isolado ou pequeno, mas passaram inclusive a atrair atenção de outras partes da Europa, chegando ao ponto onde durante o século XVII, após conflitos contra outros povos eslavos, principalmente os poloneses, conseguiram conquistar a independência do território ucraniano:

Após várias tentativas, num levante poderoso desses cossacos, sob a chefia do hétman (3) Bohdan Khmelnytskyj (+ 1657), a Ucrânia reconquistou, em 1648, a independência nacional, adotando a forma de República dos Cossacos Ucranianos, governada por hémans eleitos (BORUSZENKO, 1967, p. 425).

De outro modo, levando em conta as análises que trataram as construções nacionais e identitárias dos locais, não como entidades substantivas e consolidadas, mas como mecanismos que visavam além de outras questões que aquelas de unidade de um povo, observamos que a memória dos cossacos fora readaptada em séculos posteriores para o serviço de um nacionalismo historicamente fabricado, e em torno de uma unidade nacional inexistente em tempos anteriores ao século XX. Salientamos isso para lembrarmos de que mesmo levando em conta o papel dos cossacos em grande parte da memória nacional, como tendo um papel de guardiões do povo ucraniano, notamos que a própria noção de um território unificado ou de um

---

2) Estado Galiciano-Voliniano (1154-1340).

3) Controle do território pela Polônia e Lituânia (1340-1648).

4) Estado Cossaco (1648-1782).

5) Controle Austro-Russo (1792-1918).

<sup>15</sup> Os cossacos, apesar de terem amplo espaço dentro do imaginário cultural e nacionalista ucraniano como guerreiros da liberdade, foram compostos basicamente por camponeses, escravos e servos que buscavam uma fuga de sua realidade submissa, posteriormente atuando como mercenários. Desse modo: “Armados, organizados e treinados em táticas de guerrilha, esses grupos passaram a ser contratados pela própria nobreza lituano-polonesa para atuar como força militar mercenária, e passaram a partir de certo momento a lutar por seus próprios interesses” (GUÉRIOS, 2007, p. 192-193). Ainda nessa linha, o autor pontua que o imaginário cossaco, a de guerreiros que buscavam a liberdade, serviu para o nacionalismo ucraniano formulado pelos membros da *intelligentsia* leiga relacionarem a condição dessas pessoas à busca por liberdade do próprio território.

“povo ucraniano” são convenções posteriores, e que portanto não se mostravam na temporalidade dos fatos tratados.

A autonomia conquistada anteriormente começou a declinar quando o Tratado de Pereyaslav<sup>16</sup> foi desfeito pela Rússia, assim a região passou a ser dividida e controlada, em sua parte oriental sob supervisão russa, e em sua porção ocidental pela Polônia. Após tentativas de levantes ucranianos, muitos sendo orquestrados pelos cossacos, a autonomia do Estado chegou ao seu fim em 1769, durante o reinado da imperatriz russa Catarina II (1729-1796).

O controle da região tanto pela Polônia quanto pela Rússia, ganhou mais um elemento no final do século XVIII. O que serviu para endurecer o controle sobre o Estado seria a entrada da Áustria nessa dinâmica, que aliada ao império russo passou a estabelecer controle sobre as porções Ocidentais cedidas pelos polacos, que *a priori* controlavam o território. A região da Galícia por exemplo foi um dos territórios que ficou sob controle do império Austro-Húngaro. Não foi mera coincidência que justamente dentro desse contexto os movimentos nacionalistas ucranianos começaram a ser forjados a partir de diferentes setores.

Os movimentos nacionalistas<sup>17</sup> que se formaram no passar do século XIX são responsáveis ainda hoje por grande parte do acervo identitário cultural da região. Em meio a um estado de pobreza e sofrimento em que viviam seus cidadãos, principalmente os camponeses mais desafortunados e suas famílias, e também sob o jugo de nações estrangeiras que tomavam conta de suas terras, era indispensável para grande parte do povo se galgar em um imaginário construído que levasse esperança e orgulho para seus lares. O sentimento de pertença e uma ligação simbólica entre eles não foi apenas uma necessidade de insurgência ou rebeldia contra a dominação estrangeira, mas sim um imperativo cultural que serviu como mecanismo de sobrevivência em tempos sombrios.

Entre muitos dos exemplos da literatura e poesia ucraniana que se formaram no período do XIX, e de autores que ganharam destaque no imaginário nacional, estava a figura de Tarás Schevchenko, tido como o maior poeta ucraniano, servindo como símbolo nacional até os dias de hoje:

O gênio de Tarás Shevchenko é indubitavelmente a melhor representação para o imaginário ucraniano, desde o crescente interesse científico em sua forma de olhar o mundo e imagem. G. Grabowicz acertadamente pontua que ‘o fenômeno de um

<sup>16</sup> Tratado firmado entre Ucrânia e Rússia em 1654, onde o território ucraniano garantiu autonomia em relação a outros povos europeus e foi protegido pelo Czar russo.

<sup>17</sup> Movimentos estes que como consta, foram originados a partir da atuação da *intelligentsia* leiga e seus clubes de leitura, que por sua vez buscavam a instrução dos camponeses através da erudição. Como Andrezza (1996) nos esclareceu, tais ideias tiveram inclusive apoio dos padres greco-católicos:

“Partiu do clero a formulação de uma ideologia concebendo o movimento nacional como uma luta dicotômica: da virtude contra o vício, da iluminação contra a ignorância, da sobriedade contra a embriaguez, da diligência contra a indolência e da frugalidade contra a prodigalidade” (ANDREAZZA, 1996, p. 28).

escritor que é um herói da cultura nacional pode ser encontrado em muitas nações, apesar de que, obviamente nenhum outro escritor tenha ocupado este lugar tão firmemente como faz Shevchenko, nenhum outro autor é tão amado por toda uma nação como ele é' (KOROB, 2014, tradução nossa)<sup>18</sup>.

O processo de construção de uma identidade ucraniana do século XIX teve grande relevância para sua memória social e conseqüentemente para os discursos levantados em torno desse povo e de sua história. Exemplificamos então, como os discursos produzidos pelo *Chliborob* também foram produtos dessa construção. A partir de suas notícias, o jornal buscou não apenas transmitir o acontecimento, mas pode-se dizer que atuou em mediação com os leitores. Dessa forma, devemos nos atentar para a construção discursiva forjada no século XIX e que dadas as suas constantes ressignificações com o passar do tempo, ainda perpassam o imaginário de algumas pessoas:

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um *discurso* – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos [...] As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre a 'nação', sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas (HALL, 2019, p. 31, grifos do autor).

Ainda sobre o contexto do período explorado, devemos pontuar que nessa época iniciaram-se as grandes levas imigracionistas para o Brasil, porém é necessário reforçar que isso não foi mero acaso, já que justamente em um período de agravamento da situação do povo que sofria com a pobreza, aliada com a fragmentação e dominação de seu território (que naturalmente também recaía sobre os próprios indivíduos) é que a propaganda de refazer suas vidas em um novo mundo além-mar, que garantia terra de qualidade e um local livre da opressão vivida, pareceu uma solução atrativa para boa parte dos indivíduos que buscavam no Brasil as oportunidades faltantes na Ucrânia daquela época.

Logo no início do século XX, o movimento nacionalista buscou a partir da assinatura do tratado de Brest-Litovsk<sup>19</sup>, a independência territorial, promulgada pelos ucranianos em 1918. Nasceu então, a República Nacional da Ucrânia, sob a liderança de Symon Petlura. Vale notar entretanto, que apesar de a independência de 1918 ter sido um marco político nacional, fator celebrado pelos ucranianos e a comunidade fora do país ainda atualmente, tal processo não ofereceu alterações significantes a longo prazo no plano geopolítico da região, e muito

---

<sup>18</sup> Taras Shevchenko's genius is undoubtedly the best representation of Ukrainian mentality, hence the ever-growing scientific interest in his world view and imagery. G. Grabowicz rightly states that 'the phenomenon of a writer who is a hero of national culture can be found in many nations, though obviously no other writer occupies this place so firmly as Shevchenko does, no other author is loved so greatly by the whole nation as he is' (KOROB, 2014, p. 09).

<sup>19</sup> A partir desse tratado foi concordado que a Rússia renunciaria ao controle exercido sobre parte do território ucraniano.

menos foi um fator reconhecido amplamente por outros países, tendo sido mais um processo interno, rememorado atualmente por um discurso nacionalista ucraniano, do que por suas consequências reais e efetivas. De fato, como nos apontou Guérios (2012, p. 191), ele serviu mais como uma articulação interna que buscava se aproveitar do contexto turbulento vivenciado pela Rússia nesses anos, do que realmente como um consenso internacional sobre a soberania regional:

Com a Primeira Guerra Mundial, os nacionalistas ucranianos vislumbraram uma oportunidade para avançar em seu desejo de implantar um Estado Ucraniano independente. Em janeiro de 1918, em reação a Revolução Bolchevique na Rússia, o Conselho Central Ucraniano proclamou a independência da República Nacional Ucraniana nas terras que estavam sob domínio russo.

Contudo a independência não durou muito tempo, pois em 1922 o território foi conquistado e anexado pelos bolcheviques à URSS e assim permaneceu até o fim da República Soviética em 1991. De acordo com o historiador Paulo Horbatiuk (1989, p.68): “A Ucrânia hoje, sob a denominação de República Soviética Ucraniana, é uma região autônoma, mas não soberana, cuja Constituição deve obedecer aos princípios básicos do marxismo-leninismo”. Por fim, vale ressaltar que diante do que foi discutido até agora, podemos afirmar que a menção a um território ucraniano plenamente unificado anteriormente ao século XX é algo historicamente anacrônico, já que de fato ele iria garantir sua autonomia apenas no pós URSS durante a década de 90.

## 1.2 A IMIGRAÇÃO UCRANIANA NO BRASIL

Em fins do século XIX, o governo brasileiro desenvolveu uma intensa propaganda de imigração que mirava em grande parte o território europeu. Com o objetivo de angariar mão de obra para o país, e também visando a ocupação territorial, o governo prometeu a quem se sujeitasse à jornada, terras produtivas, que seriam cedidas pelo próprio império para exploração e assentamento, também como meios de subsídio que serviriam como auxílio às pessoas.

A imigração europeia no Brasil surgiu como uma necessidade tanto política como social, tanto de substituição do trabalho escravo pela mão de obra livre, quanto por questões raciais. Ao imigrante que viera ao país, cabia sobretudo o seu trabalho no campo, sua ocupação e assentamento “O destino do imigrante deve ser o cumprimento de seu contrato, ou seja, explorar com sua família um lote colonial, fim último da colonização” (TRINDADE, 2004, p. 47). Além disso, o discurso do branqueamento da população, potencializado pelas teorias raciais, e as teses do “darwinismo social”, levaram ainda mais a um desejo da coroa de tentar amenizar a herança escravocrata do país. Somados esses dois fatores, tanto as questões de raça muito em voga na

época, e a grande miscigenação brasileira com os povos africanos, a imigração europeia foi ainda mais encorajada para suplantar os desafios:

Pela *mestiçagem* ou *caldeamento* seria formada no Brasil uma raça histórica com a ajuda do imigrante branco, o que eliminaria as raças inferiores mediante as seleções natural e social [...] Assim, a política imigratória do país, com a condição de o ver assimilado pela sociedade brasileira que necessita de trabalhadores brancos e livres para *dignificar* o trabalho e substituir os negros, escravos ou libertos” (TRINDADE, 2004, p. 48, grifos da autora).

Devido às perseguições religiosas que ocorriam no território ucraniano, sobretudo com a religião católica, que posteriormente ficaria reclusa à região da Galícia, tal como as condições precárias a que a população majoritariamente camponesa estava submetida, a miséria social e a fome passaram a ser a realidade nesse contexto, convivendo juntas com ondas de repressão e o cerceamento das práticas cotidianas das pessoas, que se viam diante de um cenário de dominação e miséria nacional:

A Rússia, que ocupou a maior parte da Ucrânia, iniciou uma série de perseguições em todos os aspectos da vida ucraniana: confisco de bens, trabalho forçado, deportação para a Sibéria, eliminação de lideranças, visando a destruição do espírito nacional. Além de todas essas misérias, o minifúndio, na Galícia, dificultava a situação das camadas camponesas, que não conheciam outro meio de vida, além da agricultura (HORBATIUK, 1989, p. 81-82).

Assim, quando as notícias veiculando um projeto de imigração e acolhimento aos imigrantes começaram a ressoar, as pessoas perceberam uma oportunidade de fuga daquela realidade para um meio de prosperar em terras férteis e livres. Desse modo, a perspectiva de melhora de vida seguiu os sujeitos em seu trajeto e processo de colonização paranaense. No caso deste Estado, os rutenos<sup>20</sup> foram desde 1895 quando aportaram na Ilha das Flores<sup>21</sup> os principais colonos que se assentaram no local:

Os rutenos que vieram ao Brasil no final do século XIX eram então uma população quase totalmente composta de camponeses analfabetos, alijada da educação e sem participação na vida administrativa local; com sua vida completamente ligada à atividade na terra e com pouco acesso à educação, esses camponeses não tinham contato com ideias que extrapolassem suas vivências cotidianas na aldeia (GUÉRIOS, 2012, p. 37).

Segundo Horbatiuk (1989) entre os anos de 1884 e 1973, o Brasil recebeu um total de 5.072.489 imigrantes das mais diferentes nacionalidades, entre eles os ucranianos que chegariam creditados como poloneses, austríacos ou russos. Além do Brasil, a imigração ucraniana vigorou em outros países, principalmente Estados Unidos e Canadá, mas também com menor proporção para países sul-americanos, sendo que destes, o Brasil se encontra em uma posição de maior número. Assim como para outras regiões da Europa e Oceania:

<sup>20</sup> A denominação *rutenos* é comumente utilizada para se referir aos povos oriundos da região da Galícia e também da Bukovina.

<sup>21</sup> De acordo com Guérios (2007) a Ilha das Flores, localizada na baía de Guanabara, fora o destino de boa parte dos imigrantes ucranianos nos anos iniciais da colonização.

Burko afirma que, em 1963, que cerca de um milhão deles vive nos Estados Unidos: 500.000 no Canadá; 150.000 na Argentina; 120.000 no Brasil; 8.000 no Uruguai; 8.000 no Paraguai; 20.000 na Austrália e Nova Zelândia; 35.000 na Inglaterra; 40.000 na França; mais de 20.000 permanecem na Alemanha e na Áustria (HORBATIUK, 1989, p. 87).

A respeito do destino dos imigrantes, o Canadá se destaca na recepção dessas pessoas, de fato o país foi um dilema que se fez presente entre quem iria percorrer a jornada em fins do século XIX. Assim como o Brasil em questão de terras, o Canadá também procurava pessoas para se assentar e povoar áreas que ainda não tinham sido colonizadas ou devidamente exploradas, seja pelo clima ou falta de recursos para tal empreitada.

Muitos dos imigrantes que cogitaram fazer a viagem ficaram indecisos quanto qual destino escolher, participando e auxiliando-os muitas vezes estavam autoridades eclesiásticas que tomavam parte no processo. Atualmente o Canadá possui um dos polos de assistência aos imigrantes ucranianos, e tal como o Brasil, também dispõe de instituições que buscam o reconhecimento e a celebração popular; além disso, o elo entre as instituições brasileiras e canadenses ocorre inclusive por meio de congressos e programas de intercâmbio. Para exemplificar a imigração ucraniana no Brasil, citamos a edição do *Chliborob* de abril 2009:

“O Brasil abriga a terceira maior comunidade de ucranianos e seus descendentes fora daquele país, depois dos Estados Unidos e Canadá. Ao todo, são mais de 450 mil pessoas, vivendo principalmente no Paraná” (POZZEBOM, 2009, p. 08).

Um dos elementos mais curiosos que inicialmente foram levados em conta por parte dos imigrantes, e que aqui destacamos, é a concepção do continente americano como território livre, ausente de senhores e autoridades tirânicas, o que compreendemos devido ao contexto de submissão da Ucrânia a potências e impérios estrangeiros<sup>22</sup>. A ausência da possibilidade de perceber a existência de terras sem senhores, ou até mesmo de um local além das fronteiras europeias, animavam os sentimentos de desconfiança e o misticismo que cercava o imaginário local.

Como Guérios (2012) nos esclareceu, o universo dos colonos rutenos nessa conjuntura era basicamente limitado ao espaço recluso da aldeia, logo compreendemos então que as informações de lugares e práticas que extrapolavam esses limites eram vistas e ouvidas com desconfiança e ceticismo pelos moradores, por conseguinte, a angústia e a incerteza no processo de tomada de decisão e trajeto às colônias brasileiras, foram sentimentos recorrentes ao longo

---

<sup>22</sup> A região da Galícia, de onde vinha a maior parte dos imigrantes, estava nesse contexto submetida ao controle do império Austro-húngaro, e antes disso, da Polônia. Tais dinâmicas influíram até mesmo em aspectos culturais e religiosos dentre as pessoas.

da jornada. Ainda sobre a concepção dos rutenos acerca de terras livres, onde porventura poderiam subsistir, Andrezza (1996, p. 15-16, grifos da autora) ressaltou tais aspectos:

[...] as condições que auxiliaram a ideia de emigração - os fatores de repulsão populacional - foram bastante intensas. A história vivida pelas pessoas das regiões do leste europeu fez com que, até meados do século XIX, elas mantivessem relações feudais, que só foram legalmente abolidas na esteira das revoluções de 1848. Mesmo assim, em função das dificuldades que vivenciaram como homens livres, no final do oitocentos a servidão era uma memória poderosa. Talvez tão forte que tenha impulsionado o abandono do *locus* tradicional, para em terras absolutamente desconhecidas emprenderem a tentativa de serem *senhores de si mesmos*.

Quando os imigrantes, não apenas os ucranianos, mas também os pertencentes a outras etnias, chegaram ao Brasil, inicialmente foram levados pelas autoridades brasileiras à Ilha das Flores, onde ficaram alojados em barracas improvisadas, até serem movidos pelos mesmos oficiais até as terras a que foram designados. Esse período de espera em que os imigrantes foram submetidos, levou logo em seu início a surtos de doenças devido às condições insalubres do local, o que posteriormente seria amainado com reformas estruturais. Segundo Guérios (2007, p. 51):

Essas barracas haviam sido construídas como alojamento provisório para os imigrantes de diferentes nacionalidades onde seriam estabelecidos. Isso foi necessário porque, com o aumento expressivo do número de pessoas que vinham ao país, o governo viu-se em dificuldades para organizar o estabelecimento dessas levas sucessivas nas novas colônias: muitas vezes as terras às quais eles seriam destinados não estavam sequer demarcadas quando de sua chegada.

A grande maioria dos imigrantes ucranianos que viriam a se assentar no Paraná foram designados à região norte, que atualmente conhecemos como o município de Prudentópolis<sup>23</sup>, mas outros também foram para distintas localidades, como a colônia de União da Vitória, Antônio Olinto, Rio dos Patos, e Curitiba. O Paraná, por isso, tornou-se um dos territórios mais impactados com as grandes levas imigracionistas do século XIX, ao menos no caso dos ucranianos, a grande maioria do povo foi auxiliada pelas autoridades imperiais a ocupar esse espaço, sendo assim:

Dos que chegaram em 1896, todos vindos diretamente para o Paraná, 2 mil imigrantes fixaram-se na colônia de Água Amarela (hoje Antônio Olinto), 80 famílias em Jangada (União da Vitória), 200 famílias procuraram Iracema, região que mais tarde seria anexada ao Estado de Santa Catarina, 800 famílias estabeleceram-se nos arredores das cidades de Marechal Mallet e Dorizon e 1.500 famílias, aproximadamente 8 mil pessoas, foram residir em Prudentópolis e seus arredores. Nos anos subsequentes, 1897- 1899, desembarcaram no Paraná mais 300 famílias ucranianas que posteriormente se fixariam nos Estados de São Paulo e Rio Grande do Sul. (BURKO apud QUAGLIATO, 2017, p. 16).

Reconhecemos contudo, ainda em menor número, a imigração também decorreu em outras regiões, como o Rio Grande do Sul. Todavia, sendo o objeto de nossa pesquisa um jornal

---

<sup>23</sup> Prudentópolis é um município localizado na região Centro Sul do Paraná colonizado por imigrantes em fins do século XIX. É considerada a maior comunidade ucraniana em terras brasileiras.

ucraniano-brasileiro sediado em Curitiba, concentramos nossas atenções especificamente no caso paranaense.

O Paraná se constituiu como a última província emancipada do Brasil. A partir da exploração aurífera realizada por Portugal na Baía de Paranaguá em 1660, o território foi alçado ao posto de capitania, sendo futuramente anexado a São Paulo e conhecido como a Quinta Comarca de Paranaguá e Curitiba:

Enquanto o território paranaense era Comarca de São Paulo, não havia uma estrutura competente para as exigências administrativas da região. A segurança era péssima, não havia escolas, nem professores suficientes para a população. A justiça era mal aplicada e lenta. Os serviços públicos eram precários. Verbas eram desviadas e, além disso, a Comarca sofria com pesados tributos pagos tanto para o Império, quanto para a província de São Paulo (PRIORI; POMARI; AMÂNCIO; IPÓLITO, 2012, p. 16).

Com o passar do tempo, diversas revoltas foram erguidas para reivindicar a autonomia da região. E os projetos de libertação, mesmo que muitas vezes sufocados, sobreviveram. Até que em 1853 foi decidido pela emancipação do território e criou-se o Estado do Paraná, tendo como seu primeiro presidente Zacarias de Góes e Vasconcellos. A região foi denominada assim, devido à presença de seu principal rio, o rio Paraná que em Guarani significa “semelhante ao mar”.

Destarte, vemos também que durante a Primeira República, apesar das repressões por parte do governo ocorridas tanto durante a República da Espada, quanto posteriormente, a presença imigrante se mostrou notória na trajetória paranaense. Dessa forma, compreendemos que os embates étnico-culturais colaboraram também para os processos de hibridismo<sup>24</sup> cultural ora vivenciados entre os povos:

O contato entre culturas guarda vários momentos sucessivos que diferem dependendo dos contextos em diálogo. Se a cultura contatada tiver um grau de elaboração avançado, ocorre um enfrentamento, que se resolve pela convivência, de início tumultuada, mas pacífica, até que se inicia um processo de fusão periférica em que apenas certos elementos de uma ou de outra são adotados, gerando um processo contínuo de hibridismo (CARDOSO, 2008, p. 84).

A diversidade étnica e cultural do Paraná remonta, porém em séculos antes de sua emancipação e o início das levas de imigração europeia. Assim como outros cenários, ele foi palco de exploração, assentamento e passagem de povos desde o XVII com o tropeirismo. Esse movimento em particular deixou suas marcas a partir dos assentamentos e pontos de parada que eram construídos ao longo das suas viagens. À medida que os locais foram crescendo, se consolidavam gradativamente em cidades, logo, municípios como Ponta Grossa, Curitiba e Castro tiveram um grande vínculo entre sua formação e o tropeirismo.

---

<sup>24</sup> Sobre os processos de hibridismo cultural, Bauman (2001) nos ensinou que tais elementos, apesar de serem uma constante nos movimentos imigracionistas em épocas passadas, se acentuou significativamente a partir da globalização vivenciada a partir do pós Segunda Guerra. Para o autor tais procedimentos em contato com uma comunidade dominante, aliada aos contextos de globalização, tendem a apagar a cultura particular de um povo.

Além disso, outros exploradores, botânicos e estudiosos vinham das mais diversas partes do mundo para pesquisar sua flora e fauna consideradas exóticas. Posteriormente à emancipação territorial, a necessidade de industrialização e povoamento do novo estado se intensificou com a Lei Áurea<sup>25</sup> e reforçou a necessidade da propaganda imperial que promovia a concessão de terras localizadas para exploração e assentamento dos imigrantes:

A ideia da colonização de terras paranaenses por imigrantes estrangeiros, precede a existência do Paraná como província independente. Contudo, com as discussões abolicionistas, os debates acerca da utilização de imigrantes europeus que irão gradualmente substituir os escravos africanos incorporam a estratégia de ocupação e povoamento de territórios para aumentar o poder de representação política. Os proprietários de escravos no Paraná preferiam a mais fácil e sazonal colheita da erva mate, que também empregava grande número de cativos, a uma agricultura estável e trabalhosa. Mas a dificuldades em manter o capital imobilizado faz com que os proprietários, principalmente os ervateiros, intensifiquem o comércio interno dos escravos para suprir as demandas dos plantadores de café paulistas. Deste modo, a chegada de colonos europeus passa a ser uma necessidade econômica imediata para suprir a falta de mão de obra produtora de gêneros de primeira necessidade (CAMARGO, 2007, p. 13).

Para a colonização do estado, povos oriundos das mais diversas localidades, como italianos, poloneses, ucranianos, alemães, russos, japoneses e portugueses vieram como “força de trabalho” e aqui tinham como objetivo, a construção de suas vidas no interior do Paraná. Levando em conta a tese de Ricardo Costa de Oliveira (2000, p.108) o comércio de erva-mate, muito rico na trajetória regional, a crise da mão de obra escrava, e o aburguesamento da classe dominante, também serviram para a concessão de territórios aos imigrantes:

A partir da década de 1860, os emergentes cafezais na vizinha província de São Paulo passam a atrair escravos do Paraná, que para lá são vendidos [...] A erva-mate oferecia condições de renda para boa parte da população livre [...] O que também viria a facilitar a implantação da imigração, foi o caráter do aburguesamento da classe dominante. Esta, no final do século XIX, já não necessitava de uma dependência rigorosa do controle fundiário para as suas estratégias de reprodução, podendo, e inclusive querendo, vender terras não utilizadas ou subutilizadas com as atividades do mate e da pecuária/ tropeirismo/ invernada, para efeitos de lucros resultantes da venda fundiária de terras para a imigração.

Segundo o autor, o território do Paraná foi um dos que demonstrou apoio com sua participação no movimento de 1930, aquele que iria por sua vez alçar Vargas ao poder após a retirada de Washington Luiz do catete. Assim como em outras regiões, a participação se deu através de mobilizações políticas e militares que ampararam as perspectivas varguistas frente ao seu opositor, porém mais do que isso, o Paraná se mostrou um local estratégico para a passagem e o assentamento das forças getulistas, se provando um corredor entre Rio Grande do Sul e o Rio de Janeiro.

---

<sup>25</sup> A lei Áurea, assinada em 13 de maio de 1888, extinguiu oficialmente a escravidão no Brasil. Sendo a mão de obra escrava, a principal fonte de trabalho e renda do país até então, sua proibição levou a um aumento das ondas de imigração, que ancoradas em uma forte propaganda imperial, tinham como objetivo a substituição parcial dessa mão de obra.

Findado os embates e Getúlio já ocupando o poder, pelo apoio ao novo regime, Manoel Ribas foi nomeado então para o governo do Estado do Paraná. Ainda seguindo o Governo Provisório, Manoel continuou assiduamente com suas políticas pró-varguistas ao longo de sua carreira, principalmente a partir de 1937 com as políticas do Estado Novo.

Durante o período, o interventor implementou à risca projetos no Paraná que seguiram a lógica estadonovista, buscando a modernização burocrática do território, a construção de institutos educacionais, industrialização do Estado, o aprimoramento da política colonial, entre outras. Logo, o Paraná de Ribas tornou-se um estado apoiador do movimento em voga, entre as políticas já mencionadas, houve o acatamento das características gerais do regime, que entre outras questões, compactuava com a: [...] repressão política aos “inimigos do regime”, traço da política nacional do Estado Novo, que no Paraná se manifestou na perseguição aos esquerdistas e à classe trabalhadora e na vigilância e no controle sobre as comunidades de imigrantes (COSTA, 1997, p. 54).

### 1.3 UCRANIANOS EM CURITIBA

Quando os grupos imigrantes chegaram ao Brasil, muitas dessas pessoas foram marginalizadas. Os confrontos étnicos que marcaram alguns grupos também serviram para se discutir as questões identitárias formativas de uma nação e seu povo. Dentro dessas questões, também é importante nos atentarmos aos mecanismos utilizados para uma formação identitária nacional, como os simbolismos e as práticas culturais. Assim, a partir da formação de um grupo hegemônico, o “nós”, automaticamente forma a percepção do “outro” ou os setores minoritários, que devem se adequar ao estrato dominante e que podem inclusive representar ameaças à identidade nacional, neste caso, ao projeto identitário brasileiro.

Nesse sentido, as formações identitárias podem descambar para relações de poder entre os extratos dominantes e dominados. Tais espaços de poder por sua vez, se encontram (principalmente quando tratamos de encontros étnicos) em uma constante fluidez, sofrendo processos de sincretismos e hibridizações culturais:

Na disputa pela identidade está envolvida uma disputa mais ampla por outros recursos simbólicos e materiais da sociedade. A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes (SILVA, 2000, p. 81).

Os cerceamentos vistos no Brasil a certos grupos étnicos são uma constante em nossa trajetória contemporânea. Durante a Segunda Guerra Mundial por exemplo, percebeu-se uma

perseguição considerável tanto às práticas idiomáticas dessas pessoas, quanto aos estabelecimentos. Principalmente imigrantes asiáticos, italianos, e alemães, nessa época foram “visados”, devido ao contexto de combate entre os Aliados de um lado (ao qual o Brasil se integrava) e o Eixo. Porém, falando especificamente do século XIX, ficou evidente a preferência do governo imperial pela vinda de imigrantes europeus em detrimento dos povos asiáticos ou orientais, por causa de sua política de branqueamento.

Ao passo que os imigrantes ucranianos se depararam com assentamentos precários, com a dificuldade idiomática, e o preconceito de certas camadas da sociedade brasileira, temos exemplos de outros que também sofreram algum tipo de xenofobia, como no caso dos imigrantes chineses:

As relações interétnicas com chineses eram consideradas danosas para construção da identidade nacional, como manifestava O político Domingos José Nogueira Jaguaribe Filho, por gerarem descendentes inferiores, incapazes de ter o pleno intelecto de pessoas brancas. Os discursos contrários à inserção de chineses como trabalhadores nas lavouras no Brasil vinham dos políticos e fazendeiros (Luiz Lacerda Werneck), que acreditavam que os chineses eram propensos ao vício do ópio. O senador e abolicionista Alfredo d’Escragno de Taunay, contrário à vinda de chineses para o Brasil, e Joaquim Nicolau Moreira, que censurava o caldeamento entre raças. O político Luiz Lacerda Werneck argumentava que a melhor opção eram os trabalhadores alemães, e não os chineses, humanos inferiores com características animais e moralidade duvidosa (COSTA, 2020, p. 28).

É importante aqui nos atermos ao fato de que principalmente com a ascensão do movimento republicano, e após isso com a Proclamação da República em 1889 começou a se firmar uma necessidade de se erigir novos símbolos nacionais e uma identidade brasileira que dialogasse com o novo regime. De acordo com José Murilo de Carvalho (2017, p. 24): “Somente ao final do Império começaram a ser discutidas questões que tinham a ver com a formação da nação, com a redefinição da cidadania”, levando em conta portanto, essa necessidade simbólica da ideia de nação e exemplificando o “culto aos heróis” na expressão do autor:

No caso brasileiro, foi o grande esforço de transformação dos principais participantes do 15 de novembro em heróis do novo regime. As virtudes de cada um foram cantadas em prosa e verso, em livros e jornais, em manifestações cívicas, em monumentos, em quadros, em leis da República. Seus nomes foram dados a instituições, a ruas e praças de cidades, a navios de guerra. Quadros como o de Henrique Bernardelli, exaltando Deodoro, foram expostos à admiração pública (CARVALHO, 2017, p. 59).

Apesar de compreendermos que muitas das características da brasilidade só comecem a ser forjadas a partir da Era Vargas, incluindo aí projetos idiomáticos que afetariam os povos imigrantes<sup>26</sup>, ela surgiu em menor grau com o republicanismo, descambando logo num

---

<sup>26</sup> O Estado Novo (1937-1945) foi o período do regime varguista em que mais se concentraram projetos de perseguição e cerceamento aos povos imigrantes e suas práticas, tanto pelo contexto externo da Segunda Guerra Mundial, quanto pelo projeto nacionalista de Getúlio. Durante sua vigência, diversos grupos étnicos foram

nacionalismo acentuado a partir da Primeira Guerra Mundial, que levou para um aumento das tensões entre brasileiros e imigrantes. É necessário entender então, que a integração do imigrante, seja ele ucraniano ou não, foi até meados da década de 50 um processo turbulento, cercado de embates entre brasileiros e não-brasileiros, o que conseqüentemente refletiu em algumas políticas isolacionistas dos colonos, que preferiam muitas vezes manter suas comunidades, ou *quistos*, segundo Trindade (2004, p. 49, grifos da autora) “separadas”:

No Paraná, e conseqüentemente, em Curitiba, tal fenômeno tem a agravante de refletir a estratificação característica de uma sociedade tradicional que demora a se romper. Ali, como no restante do país, a *assimilabilidade* de um grupo étnico é medida pelo grau de miscigenação: quem não se casa com brasileiro é, geralmente considerado *inassimilável* [...] Nas comunidades imigrantes, produz-se um isolamento que lhes vai trazer a qualificação de *quistos*, resultando no funcionamento grupos cultural e economicamente desiguais.

Ressaltamos que as hostilidades percebidas tanto de um lado quanto de outro, geraram processos de diferenciação dos grupos, estes que muitas vezes utilizavam de aspectos simbólicos, culturais e idiomáticos em comum, e que assim despontavam como uma espécie de porto seguro onde os sujeitos podiam manifestar, celebrar e manter uma conexão entre si e seu lugar de origem. Ademais, consideramos pertinente salientar que apesar da tese que encara esses ambientes como uma tentativa unicamente dos colonos de preservação étnico/cultural, sobretudo nos anos iniciais dos assentamentos, esse isolamento se deu muito mais por conta de um abandono externo, ou seja, a ausência da presença do Estado brasileiro nesses locais. O que doravante provocaria o abandono das autoridades, e por conseguinte, dos investimentos do governo nas comunidades recém-estabelecidas.

Sobre a dificuldade de se mapear com precisão o fluxo imigratório ucraniano especificamente para a cidade de Curitiba, sabe-se que os imigrantes que foram designados para a cidade se mantiveram no local em sua grande maioria, e posteriormente, o fluxo de migrantes ucranianos que foram para o município consideravam as condições de vida e sobrevivência na capital mais aprazíveis do que no meio rural e demais assentamentos em locais distantes.

De acordo com Boruszenko de forma majoritária, os imigrantes que foram para o local em questão o fizeram na terceira onda migratória. Em seu texto, a autora disserta sobre 3 principais ondas imigratórias dos ucranianos. A primeira sendo colocada em fins do século

---

perseguidos e vigiados pelo governo brasileiro. Vistos tanto como uma ameaça à identidade brasileira, e também à segurança nacional; muitas instituições, principalmente as relacionadas com potências que compunham o Eixo (Alemanha, Itália, Japão) foram fechadas ou depredadas. Um dos recursos empregados para isso foi a noção jurídica do “crime idiomático”, que embasava uma justificativa para as perseguições. No caso da comunidade ucraniano-brasileira, tal medida foi responsável pela interrupção do jornal *Prácia* entre 1941 e 1946, e um dos motivos que levaram a atual Sociedade Ucraniana do Brasil a mudar seu nome de União Ucrânia do Brasil, para União Instrutiva Agrícola.

XIX, a segunda se enquadrando após a Primeira Guerra Mundial, e a terceira posteriormente a Segunda Guerra, quando devido à ocupação soviética, muitos vieram ao Brasil (Anexo B). Portanto, esse terceiro momento diferiu das motivações que levaram ao primeiro, em fins do XIX, pois decorreu tanto de questões políticas (compreendendo o domínio soviético sobre a região) e ideológicas (a partir de uma postura anticomunista por parte de algumas pessoas) que levou inclusive ao auxílio para as pessoas por parte do Comitê Ucraino (Anexo D).

O alto número de imigrantes ucranianos na cidade reverberou inclusive para a adoção de datas comemorativas que visam a celebração desse povo e sua cultura, assim:

O surgimento de grupos ligados aos ucranianos na capital fez com que o Governo do Estado e a Prefeitura de Curitiba reconhecessem a importância desse grupo, marcando seu espaço através de leis de reconhecimento étnico e através da construção de praças e monumentos em espaço público. Assim foram instituídas a Praça da Ucrânia e o Memorial Ucraniano em Curitiba. Além de ter, como parte do calendário regional o dia da memória ucraniana em Curitiba. Também foi reconhecido pela Assembleia Legislativa o *Holodomor*, importante momento da história ucraniana (GARIN, 2010, p. 45, grifos do autor).

Em relação à presença ucraniana em Curitiba, sabe-se que além de festivais e datas comemorativas, a cidade conta atualmente com uma larga gama de instituições que buscam promover sua cultura, ao passo que também utilizam de movimentos e grupos para esse fim. Sobre as práticas folclóricas destas manifestações, Quagliato (2017, p. 08) nos diz que tais questões estão intrinsicamente ligadas às instituições, logo:

[...] vemos também diversas práticas que tem por intuito manter vivas as características culturais trazidas pelos primeiros imigrantes ucranianos – como, por exemplo, os corais, a dança, as oficinas de confecção de pessankas 4 e de bordado ucraniano – que acontecem dentro das comunidades paroquianas, dos grupos folclóricos ou mesmo dentro das instituições de organização e promoção da cultura descendente ucraniana como a Sociedade Ucraniana do Brasil (SUBRAS), a Sociedade Amigos da Cultura Ucraniana (TPUK) e Representação Central Ucraniano Brasileira (RCUB).

Uma das primeiras instituições criadas para abarcar os imigrantes recém-chegados, prestando auxílio às pessoas, foi o grupo TPUK (Sociedade dos Amigos da Cultura Ucraniana). Fundado em 1947 por lideranças ucranianas no Brasil, em reunião ocorrida na capital do estado, o grupo buscava o auxílio não apenas dos imigrantes que buscavam algum amparo no processo de estabelecimento, mas também o alento aos que já no município se encontravam, assim como em alertar para a condição do universo imigracionista para outros:

Nessa reunião se estabelece o início da Sociedade dos Amigos da Cultura Ucraniana, notória instituição Ucraniana em Curitiba, que inicialmente se chamaria ‘Representação Central dos Ucranianos do Brasil – Sociedade dos Amigos da Cultura Ucraniana’ e como uma de suas primeiras funções estabeleceu um programa radiofônico com a finalidade de disseminar as problemáticas dos ucranianos rapidamente – fato que propiciou a criação de uma biblioteca auditiva no TPUK (GARIN, 2010, p. 47).

É interessante notar que a fundação apenas alguns anos decorrentes do Estado Novo pôde nos apontar para uma maior flexibilidade do Estado brasileiro quanto aos imigrantes nesse

período. Atualmente a instituição continua exercendo seu papel de promoção e auxiliadora das causas ucraniano-brasileiras, por meio de manifestações culturais e folclóricas que visem a expressão étnica da comunidade.

Não pretendemos por meio da pesquisa nos deter a fundo nos meandros de cada instituição e seus propósitos, porém vale mencionarmos alguns dos principais nomes de representação na cidade, assim como a que aqui tem nosso principal foco, a SUBRAS, que atualmente detém o controle de escrita e divulgação do jornal em análise. Discorrendo sobre a organização que aqui nos interessa, a Sociedade Ucraniana do Brasil foi fundada em 07 de julho de 1922 sob a denominação União Ucrânia do Brasil.

Em 1934 sua sede passou para Curitiba e ainda na década de 30, mais precisamente no ano de 1938, quando temendo retaliações devido à fiscalização sobre estrangeiros, alterou seu nome para União Instrutiva Agrícola, sendo que após decisão de Assembleia Geral Extraordinária realizada em 08 de abril de 2000, alterou-o novamente, dessa vez para Sociedade Ucraniana do Brasil. Atualmente a SUBRAS passa também a exercer papel diplomático e de intermediador entre alguns assuntos da Ucrânia, com termos que podem interessar a comunidade ucraniano-brasileira em Curitiba. Por fim, temos a RCUB (Representação Central Ucraniano Brasileira) formada em 1985, uma espécie de instituição que engloba algumas das demais e procura atuar de forma unitária pela promoção dos interesses e ampliação das atividades ucranianas no Paraná:

A RCUB é o resultado da somatória de forças da união civil e religiosa a fim de fortalecer a cultura ucraniana e brigar por melhorias e reconhecimento desse grupo no cenário paranaense e nacional. Uma das ações da RCUB, além de representar interesses empresariais e comerciais, é a aproximação com indivíduos através da produção de carteiras de nacionalização ucraniana. Essas carteirinhas servem como identidade para os descendentes de ucranianos visitarem a Ucrânia e tentarem trabalhar e viver por lá sem a necessidade de visto ou qualquer outra instância burocrática (GARIN, 2010, p. 58).

Segundo Quagliato (2017) a RCUB sendo uma representação importante no tocante às relações Brasil-Ucrânia, obteve um peso considerável nas relações diplomáticas entre os dois países nos últimos decênios, sobretudo a partir da década de 1990, quando se deu a independência ucraniana:

A Representação exerceu um papel fundamental nas correspondências diplomáticas entre Brasil e Ucrânia. A primeira metade da década de 1990 foi marcada por um estreitamento nas relações entre os países. Com a independência da Ucrânia em 1991, inicia-se, já em 1992 com a participação da RCUB, a movimentação de reconhecimento pelo Brasil da emancipação ucraniana e, em 1994, concretiza-se a criação da embaixada ucraniana no Brasil e de uma embaixada brasileira na Ucrânia (QUAGLIATO, 2017, p. 36).

A partir do que discorreremos, observamos que apesar de conseguirmos conceber a imigração ucraniana e o assentamento dessas pessoas em outras regiões do Paraná através das

levas ocorridas principalmente no século XX, consideramos que no contexto curitibano, sua presença se fez também por meio de legislações que reconhecem e comemoram tal presença em meio aos eventos e monumentos. Logo, entendendo que o *Chliborob* atua desde os anos 1930 em Curitiba, tendo como sede a Sociedade Ucraniana do Brasil, foi também relevante contextualizarmos o assentamento desses imigrantes ucranianos no município, assim como a formação dos principais órgãos representativos da comunidade, para aí então compreendermos sua atuação e posicionamento dentro da imprensa-ucraniano brasileira, assim como para a construção desta no Brasil.

## 2 A CONSTRUÇÃO DA IMPRENSA UCRANIANO-BRASILEIRA

A construção da imprensa ucraniano-brasileira é fundamental para pensarmos a própria atuação do *Chliborob* em Curitiba, e sua respectiva formação em 1924 no município de União da Vitória. Desse modo, as causas que corroboraram para o estabelecimento dos missionários nas colônias, e que conseqüentemente auxiliaram na produção dos jornais, serão aqui analisadas, com vista a esclarecer tanto a formação do periódico aqui trabalhado, quanto também as instituições ucranianas atuantes principalmente em Curitiba, e que visavam o alento ao imigrante ucraniano no Brasil.

A imprensa ucraniano-brasileira<sup>27</sup> que se constituiu a partir de 1907 e foi formada principalmente por uma necessidade de conectar os colonos com o universo cultural e social de sua terra natal. De acordo com Angélica Szeremeta e Rafael Schoenherr (2015, p. 02):

[...] a preocupação com a imprensa ucraniana deu-se em 1898, com a vinda dos sacerdotes que partiam da Ucrânia a fim de trazer o cristianismo para as colônias que se formavam no Brasil. Para pregar a evangelização eram necessários materiais impressos na língua materna para que os migrantes conseguissem ter algum artefato linguístico palpável para ler e ouvir sobre a cultura e a religião do país de origem.

No ano de 1896, necessitando de uma maior ligação com seus ritos, símbolos, e principalmente com a religiosidade que foi deixada além-mar, os imigrantes fizeram um pedido às autoridades brasileiras para a permissão de entrada e alojamento de missionários ucranianos em Prudentópolis e demais áreas de assentamento. Logo, os religiosos por sua posição social e também por sua formação clerical como letrados ficaram a cargo da educação escolar dos moradores e promoveram folhetins educacionais e religiosos entre as pessoas<sup>28</sup>.

Com isso, a formação da imprensa ucraniano-brasileira foi um trabalho gradativo. Se em seus primeiros estágios, os folhetins e materiais escritos eram apenas para instruir a comunidade próxima, logo o desejo de manutenção religiosa, simbólica e cultural em larga escala virou uma realidade, dando lugar ao primeiro jornal ucraniano-brasileiro, o *Zoriá*<sup>29</sup>, em 1907. Tais atividades, primeiramente religiosas – iniciadas a partir das atividades dos missionários nas colônias – como alguns anos depois, com a formação da imprensa imigrante, auxiliaram inclusive na adaptação das pessoas no Brasil, servindo como alento linguístico e

<sup>27</sup> Como esclarecemos anteriormente sobre os processos de hibridizações e sincretismos culturais e religiosos que ocorreram a partir do contato entre diferentes comunidades étnicas, optamos aqui por utilizarmos a terminologia em questão para nos referirmos à imprensa. Compreendendo assim que apesar de ligada às raízes ucranianas, ela se formou no Brasil e conseqüentemente teve de se adaptar à realidade nacional.

<sup>28</sup> Cabe ressaltar que a respeito da atuação dos padres para com a educação local, não se pode analisar os caracteres educacionais e religiosos dessas práticas como fenômenos distantes, visto que a questão da religiosidade é muito presente dentro da comunidade ucraniano-brasileira, o que naturalmente reverbera para sua forte presença no âmbito educacional.

<sup>29</sup> *Zoriá* em sua tradução literal significa “Estrela”.

cultural, também como uma maneira de se comunicar com autoridades brasileiras, já que por intermédio dos padres e da imprensa, esse contato era ampliado:

Entende-se por imprensa imigrante, a partir das características elencadas por Souza (2010), publicações de caráter jornalístico informativo, criadas dentro de uma comunidade imigrante com a finalidade de oferecer condições de inserção no novo contexto social e preservar as identidades culturais. O fenômeno da imprensa imigrante não se dá como um fato isolado no interior do estado do Paraná, mostrando-se um fenômeno que ultrapassa os limites das discussões históricas (SZEREMETA, SCHOENHERR, 2015, p. 01).

Tendo como sede inicialmente a cidade de Curitiba, a imprensa foi em seu primeiro periódico comandada pelos membros da *Intelligentsia*<sup>30</sup> contando também com o apoio da Igreja. A *Intelligentsia* ucraniana que se estabeleceu no Brasil nos anos iniciais da imprensa estrangeira disputou os mecanismos de mediação cultural com as autoridades religiosas. Enquanto os discursos religiosos eram muito presentes, esse grupo intelectual também buscava seu espaço, atuando muitas vezes como dirigentes sociais.

Utilizando de uma perspectiva de intelectualidade engajada<sup>31</sup>, a *intelligentsia* se caracterizou pela atuação no contexto ucraniano durante o século XIX que se formou frente aos conflitos territoriais da época. Assim, ligados a projetos literários, uma elite letrada, e a concepções nacionalistas, no Brasil esse grupo juntamente com a igreja foi o responsável pela formação inicial da imprensa ucraniano-brasileira:

Na Grande Polônia, então parte do Império Prussiano, a palavra inteligência popularizou-se em 1844 com a obra *Em amor à pátria*, do filósofo Karol Libelt. Nesse contexto ela estava associada a significados que atravessariam os séculos XIX e XX. O vocábulo foi utilizado para representar os membros bem-educados da sociedade que, apoiados na razão e no conhecimento, assumiriam as responsabilidades de defender os interesses da pátria e do povo. Em outras palavras, pressupunha a sensibilidade e a responsabilidade dos cultos no tocante à educação do povo e à afirmação da nação (VIEIRA, 2008, p. 68).

A constante atualização da situação sociopolítica e econômica da Ucrânia trabalhada em suas páginas até mesmo com um caráter ufanista, é um denominador comum que perdura dentro da imprensa imigrante desde o *Zoriá* e que ainda perdura na atualidade.

<sup>30</sup> A *intelligentsia* ucraniana remeteu a um grupo ligado ao trabalho intelectual e cultural, atuante em vários países eslavos durante o século XIX, e que tiveram espaço importante no início da colonização e formação da imprensa ucraniana no Brasil. A terminologia originalmente surgiu no contexto Polonês de mesmo período, então, parte do império prussiano. De acordo com Carlos Eduardo Vieira (2008) o termo originalmente estava relacionado a grupos bem-educados da sociedade, que por meio de expressões literárias e eruditas contribuíram para os interesses da pátria e sentimentos nacionalistas.

<sup>31</sup> A perspectiva de um engajamento intelectual remontou principalmente ao caso Dreyfus do final do século XIX. Dentro do contexto francês, os intelectuais representaram não apenas a atuação de grupos eruditos, mas também a perspectiva de protagonismo e atuação política, a partir da defesa da inocência do capitão Albert Dreyfus contra os denominados “*antidreyfusards*”. Logo na segunda metade do século XX, quando devido aos processos de turbulência vivenciados na época, a figura do intelectual de gabinete, que pensou na sociedade como um ambiente recluso, deu lugar à ideia de uma intelectualidade ativa, atuante entre as massas e reivindicando pautas sociais, direitos do povo e participação ativa na vida política. Agindo assim, não apenas como intelectuais dirigentes, remontando ao conceito elaborado por Gramsci, que colocava esses indivíduos como organizadores sociais, ao contrário, tal engajamento pressupôs não um status de diligência, mas sim de participação em meio a essas massas.

Atuando em uma perspectiva de mediação cultural que visava criar através das páginas desses jornais, uma ponte para divulgação de suas ideias e visões de grupo para com a comunidade, os periódicos atuavam tanto como noticiários do que ocorria em seu país, quanto como um espaço de troca e divulgação de ideias. Dito isso, o jornal como mediador cultural entre o grupo dirigente e as pessoas, não foi um fenômeno unicamente da comunidade ucraniana, quando vamos ao encontro de outros grupos étnicos por exemplo, percebemos a utilização desses veículos como difusores de um sentimento nacional, promovendo a manutenção de seus costumes, assim como os periódicos ucraniano-brasileiros fizeram.

A criação de instituições que buscam dar subsistência ao imigrante em sua nova realidade, através da promoção cultural, religiosa e também material, foi uma realidade para além de um grupo étnico apenas. Dentro da comunidade alemã por exemplo vemos que:

A persistência do fluxo migratório e a existência de entidades alemãs voltadas para os imigrantes, como a sociedade de Proteção que enviou Hermann Blumenau ao Brasil, e a Haus des Deuschtums, que coeditou o *Gedenkbuch* organizado por Entres (1929), contribuíram para a circulação dos ideais da germanidade, assim como jornais, anuários e outras publicações teuto-brasileiras vendidas nas casas comerciais, urbanas e rurais. Isso evidencia outros mediadores étnicos – os comerciantes (e industriais) – que possuíam fortes ligações com a Alemanha, econômicas ou não, contribuindo para a consolidação de uma identidade teuto-brasileira (SEYFERTH, 2011, p. 60, grifos da autora).

Sendo pioneiro em território nacional, o *Zoriá* não conseguiu uma longevidade em sua circulação, e nem possuímos tantas informações a seu respeito. O que concluímos é que foi o único controlado inteiramente pela *Intelligentsia*, e que assim como seus sucessores era redigido plenamente em idioma ucraniano, o que denotava seu caráter exclusivo para aquela população. Contando em seu início com ajuda financeira da instituição religiosa, as desavenças de projetos e discursos entre os dois grupos se tornaram irreparáveis com o tempo, o que levou a uma futura cisão e encerramento de auxílio monetário a ele por parte da igreja, o que o forçou ao encerramento no ano de 1910.

O segundo jornal ucraniano, confeccionado sob o comando pleno da igreja, era o *Prápor*, que contava com um viés muito mais religioso, mas que assim como seu primeiro não teve uma longevidade em suas atividades, sendo encerrado em 1911 principalmente por desavenças e embates com parte da imprensa brasileira, sobretudo o jornal *A república*, que contando com a presença de alguns ucranianos resistentes ao periódico, acusavam-no, assim como os membros dessa comunidade de produzirem discursos não patrióticos e difamarem o Brasil.

Ao tratar dessa dinâmica entre a imprensa brasileira (aqui em específico o jornal *A república*) e a ucraniana, Anderson Prado nos esclareceu sobre o teor dessas falas quando após uma malsucedida tentativa de apaziguar os ânimos entre os membros da *Intelligentsia* ucraniana

e os encarregados do *Prápor*, o jornal brasileiro aliado a alguns membros da intelectualidade ucraniana voltaram a atacar o periódico religioso:

Em 1910, o *A república* volta a acirrar esses conflitos com publicações acusativas sobre o *Prápor*, denunciando o jornal de promover notícias negativas sobre o tratamento dado aos imigrantes pelo estado [...] O jornal *A república* aproveitava-se, também, do fato de que o *Prápor* não tinha tradução em português, o que dificultava o seu acesso aos brasileiros e ao próprio estado para uma eventual certificação das acusações feitas pelo jornal brasileiro (PRADO; ANTUNES; COSTA, 2016, p. 17, grifos dos autores).

Apesar, um ano após seu encerramento, a igreja reformulou as atividades e passou a veicular o centenário *Prácia*, tendo o fator religioso quanto os informes ucranianos aos seus leitores, como principais objetivos. Dessa forma, *Prácia* atuou como um mediador cultural entre a igreja e o campo social, sendo que atualmente é considerado um dos principais símbolos da imprensa ucraniano-brasileira.

Em artigo publicado (VITCHMICHEN, 2021) foi analisado o *Prácia*, veiculado desde 1912, tendo sua produção interrompida apenas durante os anos de 1941-1946 devido a lei do crime idiomático em vigor durante o Estado Novo; O periódico figura até hoje como símbolo cultural da cidade de Prudentópolis, e é o principal nome da imprensa ucraniano-brasileira, tanto por sua longevidade, quanto pela carga cultural contida em sua trajetória. Agindo como mantenedor dos costumes, ritos, tradições, símbolos e idioma ucraniano por mais de 100 anos, o impresso ainda atua como veículo religioso que busca informar sua comunidade de leitores (que não se limitam apenas ao Brasil) sobre os acontecimentos da Ucrânia, assim como transmitir religiosidade própria utilizando de cânticos e calendário de atividades eclesiásticas locais, por isso, percebemos nesse caso em específico que:

Em realidade, apesar dos cerceamentos, das restrições idiomáticas e do encerramento das atividades do *Prácia* durante o Estado Novo, o idioma e a manutenção da língua ainda são fortes dentro do município [...] Naturalmente, o jornal sendo redigido inteiramente no idioma em questão era por um lado essencial para os ucranianos que se assentaram em terras paranaenses, pois o contato com sua língua materna, além de facilitar a comunicação e o processo de vivência comunitária, serviria também para manter todo seu universo simbólico vivo, já que a própria natureza da linguagem é o que conecta a pessoa com sua terra natal (VITCHMICHEN, 2021, p. 116-117).

Com a continuidade das atividades, foram designados redatores vindos diretamente da Ucrânia para sua feitura, o que denota um caráter de exclusividade e autenticidade ucraniana para com a comunidade, assim contou-se com Ossip Martenetz como redator oficial, vindo direto da Galícia. Ossip se deparou com toda uma equipe escolhida para dar ao jornal o tom de exclusividade dentro de Prudentópolis, assim como trabalhar com as questões de manutenção cultural presentes em suas páginas. Um dos futuros redatores que foram chamados para a direção do *Prácia* foi Petró Karmans'kei, que teve papel fundamental na trajetória de nosso objeto de análise.

Figura 1 – Primeiro exemplar do *Prácia*, 23 de dezembro de 1912.

Fonte: Jornal *Prácia* (1912)

Dada a devida contextualização sobre a atuação e formação da imprensa ucraniana no Brasil desde sua concepção até as tensões com Karmans'kei decorrentes da *Karmanchtchêna*<sup>32</sup>, buscou-se analisar:

- 1) Os recursos discursivos e representativos das mídias, nos atentando ao caráter das linguagens desses veículos, e a atuação dos jornais emigrados como um espaço de sociabilidade entre as pessoas;
- 2) A formação do *Chliborob* no município de União da Vitória até sua passagem para Curitiba.

Dessa forma, investigamos o entendimento de sua atuação e composição em especial no seu último decênio de atuação, quando as tensões vivenciadas em território ucraniano se fizeram presentes também em suas páginas, e obstante, despertaram a necessidade para reafirmação da cultura e legitimidade ucraniana frente à Rússia.

Antes porém, de nos debruçarmos nas notícias em si veiculadas acerca das representações sobre o *Holodomor* e a Crimeia, precisamos esclarecer justamente os mecanismos utilizados pelos veículos de imprensa para a legitimação perante seus leitores. A partir disso, nos atentamos para alguns pontos sobre os discursos de mídia, e os recursos midiáticos a que esses veículos recorreram ao mesmo tempo em que buscaram estabelecer suas

<sup>32</sup> Denominação dada aos conflitos deflagrados entre os padres dirigentes do *Prácia* e os projetos nacionalistas de Karmans'kei a partir de 1924.

opiniões e visões de mundo ao leitor, através dos escritos, procurando também obedecer a toda uma lógica de mercado a partir das demandas de sua época, o que influenciou seus posicionamentos.

## 2.1 MÍDIA E DISCURSO: A ORDEM DO JORNAL

Para o linguista francês Patrick Charaudeau, quando iniciamos um trabalho a respeito da análise midiática, foi necessário levarmos em conta alguns aspectos fundamentais em sua formação. A linguagem midiática é algo que se pensa e se formula a partir dos valores que a regem, e também de seus leitores. Ela é pensada e construída para seu espaço de atuação, dessa forma se apresenta como uma visão de mundo que busca atribuir sentido, e não como a detentora de uma suposta “verdade mundial”. Pensar seu lugar de fala torna-se necessidade na análise de mídias: “A questão, então, é saber quem é o manipulado, fato que, para as mídias, remete a questão de saber quem é o alvo da informação. Para quem fala ou escreve o jornalista?” (CHARAUDEAU, 2019, p. 18).

A análise de um jornal leva em consideração o seu local de fala, sua comunidade de leitores e seus processos de feitura e circulação, ou seja, não basta apenas uma noção de “necessidade de informar” para pensar as atividades jornalísticas, é necessário compreendermos as suas relações mais complexas.

Para a análise de discursos midiáticos, entende-se que a produção destes e suas narrativas levam em consideração quem são seus interlocutores, busca-se com os leitores, o estabelecimento de vínculos e identificações entre eles. O reconhecimento entre essas pessoas, sejam em seus conhecimentos, vivências e constituições identitárias, são fundamentais para o estabelecimento de um dispositivo de comunicação consolidado. As lógicas de seu trabalho perpassam diferentes níveis, desde a econômica até a simbólica, a busca de uma inteligibilidade do mundo através de suas práticas sociais e discursivas alcançam e buscam dar maior sentido para seu público. Logo, suas formas e linguagens dependem tanto de suas condições de trabalho, entorno social, quanto de seus receptores.

Os discursos produzidos e informados pretendem uma instância de poder, se assume que o detentor da informação vá supostamente informar a um outro que não o detém, assim o discurso busca atribuir sentido às relações entre receptor e o mundo, já que esses sentidos e informações adquiridas pelo público dependem dos discursos produzidos.

Assim, partindo de uma lógica de poder foucaultiana que denota as pequenas formas de atuação dessas instâncias de poder que formam saberes e perpassam o campo social,

podemos pensar as mídias como um mecanismo que ao mesmo tempo em que formam saberes, também produzem discursos, pois, “O saber funciona na sociedade dotado de poder. É como saber que tem poder” (FOUCAULT, 2019, p. 28). A partir dessas análises interconectadas entre a produção discursiva de saberes e os “micropoderes” de Foucault, compreendemos quando se fala que: “A ‘verdade’ está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem. ‘Regime’ da verdade” (FOUCAULT, 2019, p. 54). Sobre isso, Charaudeau nos diz ainda:

O discurso informativo não tem uma relação estreita com o imaginário do saber, mas igualmente com o imaginário do poder, quanto mais não seja, pela autoridade que o saber lhe confere. Informar é possuir um saber que o outro ignora (‘saber’), ter a aptidão que permite transmiti-lo a esse outro (‘poder dizer’), ser legitimado nessa atividade de transmissão (‘poder dizer’) [...] Toda instância de informação, quer queira, quer não, exerce um poder de fato sobre o outro. Considerando a escala coletiva das mídias, isso nos leva dizer que as mídias constituem uma instância que detém uma parte do poder social (CHARAUDEAU, 2019, p. 63).

Deixamos claro que uma das características que anula a suposta neutralidade objetiva midiática, retratando “o mundo como ele é” não são apenas suas práticas, mas também as de seu público, já que a partir de suas próprias experiências eles tendem a ressignificar e levar em conta as informações a que estão tendo acesso de maneiras diferentes. As significações que essas pessoas podem atribuir ao que se está consumindo são múltiplas e conseqüentemente os efeitos produzidos pela mídia também o são. Nenhuma informação se pretende neutra quando dependente das subjetividades do receptor.

## 2.2 LINGUAGENS E REPRESENTAÇÕES

Como postula Chartier (1991) com o aspecto da representação é preciso lembrar que o impresso, assim como seu conteúdo, não se colocam como fins em si mesmos, mas ainda, dependem de um entorno conjuntural, assim como uma determinada forma de se colocar dos elementos que os circundam, logo, considera-se aqui a inexistência de textos fechados em sua própria feitura, e que independam de um conjunto de fatores alheios a sua forma. Logo, a compreensão, a leitura, e as formas de recepção da mensagem, são diretamente ligadas ao seu contexto, tal como o de seus produtores. Leva-se em consideração o grupo responsável pelo jornal, pois as representações e discursos que o permeiam são produto desses agentes, que detém os meios de comunicação, e assim criam um mecanismo de circulação e mediação de ideias:

Uma dupla via abre-se assim: uma que pensa a construção das identidades sociais como resultando sempre de uma relação de força entre as representações impostas pelos que detém o poder de classificar e de nomear e a definição, de aceitação ou de resistência, que cada comunidade produz de si mesma (CHARTIER, 1991, p. 183).

A respeito do conceito de representação, devemos ter em mente que a busca do *representar algo* está diretamente associada à relação entre um objeto ausente e a imagem que se faz do mesmo, seja ela formulada gradativamente por práticas, ritos ou sociabilidades. Logo, a representação passa a ser uma construção humana, e desse modo não apresenta a realidade da coisa em si, sendo antes submetida a interpretações, imaginários, e interesses particulares, sejam esses de um grupo ou indivíduo, utilizadas para determinados fins. Sendo assim, ela se transforma inclusive em mecanismos de submissão, em um sistema que determina a dominação não apenas pela força bruta.

O autor ainda esclarece sobre o uso da linguagem escrita e do teatro para a produção de discursos e a representação cultural de mundo. Salienta que isso serve ao propósito de conectar e produzir discursos que busquem a apresentação de uma realidade de mundo para certos indivíduos, representações essas que também podem ser transpostas ao trabalho midiático, já que no caso da imprensa ucraniana é justamente atuando como mediador cultural que o *Chliborob* e demais periódicos atuam:

Por um lado, o que a escrita literária apreende é a poderosa energia das linguagens, dos ritos e das práticas do mundo social. Múltiplas são as formas de negociações que permitem tal apreensão estética do mundo social: a apropriação das linguagens [...] a simulação das cerimônias e dos discursos públicos (CHARTIER, 2011, p. 96).

O conceito de *mediação cultural* está ligado tanto às práticas de grupos ou indivíduos dentro de um determinado local e contexto, quanto para com as formas de organização desse grupo e suas relações com a sociedade. Além disso, como nos fala Ângela de Castro Gomes (2016), o diálogo feito entre as mídias e os grupos intelectuais responsáveis pelos impressos, estão ligados à sua forma de circulação. Assim o jornal pode atuar como um mediador cultural no sentido em que a ele é atribuído justamente uma função de mediação, essa sendo realizada entre os grupos produtores do discurso veiculado no escrito e seu grupo de leitores, por intermédio do periódico. Esses grupos, denominados pela autora referida como intelectuais mediadores ou apenas mediadores culturais, são responsáveis pela difusão e transmissão dos bens culturais para outros setores da sociedade, assim como grupos não especializados, além de algumas vezes, pela produção dos bens simbólicos. Eles formulam uma série de práticas de mediação que contribuem para mecanismos próprios de circulação de ideias.

É necessário termos em mente que mesmo que esses mediadores muitas vezes não tenham reconhecimento amplo, suas atuações e práticas de mediação devam ser levadas em conta, na medida em que perpassam múltiplos extratos sociais, e muitas vezes reverberam discursos e intenções político-culturais em seus meios de atuação ou através de dispositivos de circulação:

O fato é que, apesar da atividade de mediação cultural ser considerada indispensável e incontornável, em qualquer sociedade – a educação talvez seja sua melhor expressão –, com frequência o intelectual mediador – que a ela dedica tempo, esforços e tem sempre um projeto político-cultural –, sobretudo quando exclusivamente dedicado à mediação, não é nem mesmo reconhecido como intelectual, sendo negligenciado nas análises e considerado de valor secundário, quando não supérfluo (GOMES, 2016, p. 17).

O jornal como objeto de estudo e análise para o historiador é algo recente e nos permite compreender como o universo social e simbólico é interpretado e mediado por esses discursos de mídia e suas lógicas simbólicas:

Trata-se da maneira pela qual os indivíduos regulam as trocas sociais, constroem as representações dos valores que subjazem a suas práticas, criando e manipulando signos e, por conseguinte, produzindo sentido. Não deixa de ser paradoxal, no final das contas, que seja essa lógica que governe as demais (CHARAUDEAU, 2019, p. 16).

A apropriação de elementos discursivos presentes nessas mídias buscam a reinterpretação do mundo a partir de sua própria ótica, e almejam não necessariamente ser um reflexo exato de seu tempo, mas atender a uma determinada posição no mundo, semeando seus próprios ideais e representações do real, levando em conta seus interesses, posições e valores:

Se são um espelho, as mídias não são mais do que um espelho deformante, ou mais ainda, são vários espelhos deformantes ao mesmo tempo, daqueles que se encontram nos parques de diversões e que, mesmo deformando, mostram, cada um à sua maneira, um fragmento amplificado, simplificado, estereotipado do mundo (CHARAUDEAU, 2019, p. 20).

A representação fragmentária do “real” não atinge uma fiel representação objetiva do mundo, afinal a suposta “neutralidade” é como sabemos, uma ilusão. Dentro do campo historiográfico, essa neutralidade que exige um olhar técnico e imparcial para seu objeto de estudo, remete ao modelo positivista e a vertentes que tratam a ciência como algo objetivo, logo, a pretensão dos historiadores também deve seguir neutra, caso queiram legitimar a escrita da história a uma posição científica nos moldes do século XIX. Transcendendo o campo meramente historiográfico, como nos fala Michel de Certeau, uma reafirmação de indivíduos, grupos ou pessoas que segundo estes prezam pela imparcialidade e assim se dizem neutros, escondem posicionamentos e discursos já bem esclarecidos:

A ‘neutralidade’ remete à metamorfose das convicções em ideologias, numa sociedade, tecnocrática e produtivista, anônima que não sabe mais designar suas escolhas nem indicar seus poderes (para os ratificar ou confessar). Assim, na Universidade colonizada, corpo privado de autonomia na medida em que se tomou enorme, entregue agora às instruções e às pressões vindas de outras partes, o expansionismo cientificista ou as ‘cruzadas’ humanistas de ontem são substituídas por retiradas. No que concerne às opções, o silêncio substitui a afirmação. O discurso assume uma cor de parede: ‘neutra’ (CERTEAU, 1982, p. 67-68).

Mesmo uma mídia supostamente imparcial impacta e é impactada por seu tempo e valores, seus posicionamentos e suas representações do real não são nada mais do que a atuação de sujeitos vivos e atuantes na história. Mesmo que as aparências falem de uma suposta objetividade factual, para uma análise científica e um trabalho que se desenvolva a partir de

fontes midiáticas, é preciso olhar mais a fundo e perceber alguns pressupostos analíticos e metodológicos que se fizeram necessários.

Além disso, levando em conta que abordamos uma temporalidade recente para nossa pesquisa, consideramos necessária uma aproximação discursiva da fonte, principalmente tratando de sua colocação em relação à Crimeia e às batalhas de memória, a partir da história do tempo presente. Logo, observamos a pertinência de nos atentarmos também ao debate em torno do campo da historiografia, para assim melhor compreendermos a própria pesquisa e o papel do historiador no estudo de seu próprio tempo.

A história do tempo presente é para a historiografia, um advento recente. Para iniciarmos um debate sobre suas características e formação, propomos remontar brevemente à origem da história como uma disciplina consolidada e autônoma, rompendo com as práticas de subordinação que até então se faziam consolidadas. Até fins do século XIX, a disciplina já era uma realidade no contexto francês, apesar disso, não contava com uma autonomia plenamente garantida, encontrando-se, portanto, sob o guarda-chuva de outras mais antigas e já estabelecidas, como a filosofia e a literatura. Muitas vezes seus usos quando requisitados, eram delimitados às cortes e estavam relacionados às pautas e discursos políticos de época.

Na esteira desse processo de subordinação da disciplina, a figura do historiador especializado também era inexistente, assim ela era praticada por juristas, filósofos, escritores, e outros profissionais que queriam se aventurar nos meandros da história, seja por gosto ou interesses políticos. Foi apenas a partir da III República que esses ares gradualmente começaram a mudar. De acordo com a professora Marieta de Moraes Ferreira (2000) as mudanças de visão acerca do conhecimento histórico nesse contexto se deram a partir de um programa político dos dirigentes do processo contextual que estava em curso na França, e que desejava romper com o que estava sendo colocado anteriormente.

A partir do gradativo reconhecimento do campo como uma ciência, e não apenas um instrumento político, as concepções e métodos que foram norteando-o ao longo do tempo também sofreram alterações, entretanto, sua guinada inicial remontava ao historiador como alguém que deveria “resgatar” o passado distante, sendo que uma proposta de estudo a partir da história do tempo recente, ainda não estava em pauta:

A afirmação da concepção da história como uma disciplina que possuía um método de estudo de textos que lhe era próprio, que tinha uma prática regular de decifrar documentos, implicou a concepção da objetividade como uma tomada de distância em relação aos problemas do presente. Assim, só o recuo no tempo poderia garantir uma distância crítica. Se se acreditava que a competência do historiador devia-se ao fato de que somente ele podia interpretar os traços materiais do passado, seu trabalho não podia começar verdadeiramente senão quando não mais existissem testemunhos vivos dos mundos estudados (FERREIRA, 2000, p. 02).

Foi com a criação da revista dos *Annales* em 1929, que o campo historiográfico passou a repensar suas práticas, e assim abriu espaço para o advento da chamada “história problema”. Dessa forma, seus principais fundadores, Lucien Febvre e Marc Bloch, propunham não um rompimento completo com os modelos previstos até então, mas uma reformulação em seus métodos e olhares. A história puramente documental e factual vista até então, ou a dos grandes homens, deu lugar a um processo de análises conjunturais e sociais, que gradativamente aumentou o leque de fontes do historiador e permitiram ao campo ampliar suas possibilidades para com olhares socioeconômicos e culturais:

Em nome de uma história total, uma nova geração de historiadores, conhecida como École des Annales, passou a questionar a hegemonia da história política, imputando-lhe um número infindável de defeitos – era uma história elitista, anedótica, individualista, factual, subjetiva, psicologizante. Em contrapartida, esse grupo defendia uma nova concepção, em que o econômico e o social ocupavam lugar privilegiado (FERREIRA, 2000, p. 05).

É interessante retomarmos algumas ideias que a autora expôs em seu texto. Convencionou-se *a priori* a figura do historiador como responsável pelo estudo de um passado distante, logo, não coube ao seu ofício o estudo de questões de seu tempo. Apesar disso, o estudo sobre o presente propriamente dito, não o concebendo dentro de uma visão anacrônica que o insere em uma “disciplina histórica” formulada apenas no século XIX, remonta até mesmo à Antiguidade Clássica, por meio de estudiosos que nos legaram obras que ensaiavam um olhar para seu próprio período: “Para Heródoto e Tucídides, a história era um repositório de exemplos que deveriam ser preservados, e o trabalho do historiador era expor os fatos recentes atestados por testemunhos diretos” (FERREIRA, 2000, p 01).

Ainda remontando para essas práticas, as fontes orais, tão caras para os historiadores de nosso tempo, e que durante o século XIX eram vistas com desconfiança por seu caráter impreciso, eram utilizadas de forma considerável durante a Antiguidade. Na realidade, o estudo das civilizações antigas por exemplo, os relatos ouvidos por Tucídides acerca da guerra do Peloponeso, eram baseados em um trabalho de campo, ou seja, tinham na observação de práticas e nas bases orais, muito de suas estratégias de pesquisa.

Segundo Dosse (2012, p. 05-06) a principal questão ao qual essa temática irá se debruçar é justamente o tempo propriamente dito, sendo que suas primeiras reverberações se deram também na França, no ano de 1978 com advento do Instituto de História do Tempo Presente. A instituição nesse sentido: “[...] estava associada a uma verdadeira mudança epistemológica marcada pela ascensão da dimensão memorial, a busca ansiosa da identidade e a crise dos paradigmas utilizados nas Ciências Sociais, bem como uma crescente incerteza sobre o presente e o futuro”.

As análises sobre um tempo próximo por parte do historiador, começaram a vir à tona na contemporaneidade, principalmente após a Segunda Guerra Mundial, quando por questões conjunturais, os historiadores começaram a perceber o terreno político como não apenas responsabilidade de juristas ou políticos propriamente ditos, mas sim como incumbência também de seu ofício, já que estes processos recentes necessitavam de análises processuais e conjunturais. Assim, o tempo presente no entender do historiador, não está mais como algo descolado do tempo, que não se relaciona ao seu campo de pesquisa, mas passou a ser visto como parte integrante de seu *métier*, quando uma abordagem processual e estrutural da temporalidade passou a tomar forma.

Contrapondo uma concepção positivista factual, e que incumbiu ao profissional da história apenas movimentos de datações, nomes, e grandes feitos, essa vertente historiográfica fundada no pós-guerra permitiu uma problematização histórica, colocando os anseios políticos em campo e recorrendo ao passado para se compreender tais questões. Dosse (2012) exemplificou bem a ideia quando expõe:

Esse presente, como fonte de significado, era o objeto de exploração histórica em resposta às solicitações e indignações do momento (em um meio alarmado e indignado com o uso da tortura pelo exército francês em nome dos ideais republicanos), em plena guerra na Argélia. Henri-Irénée Marrou insistiu nesse discurso maior do presente propondo uma equação que o expressava. Para o historiador, a História resulta de uma equação do passado sobre o presente ( $H = P/p$ ), e não de uma restituição do passado, mais infelizmente uma pequena parte inevitável de presente ( $H = P+p$ ), tal como a escola metódica, dita positivista, concebe-a (DOSSE, 2012, p. 09).

Por fim, deve-se ter em mente que a partir das mudanças gradativas que ocorreram dentro do campo e método historiográfico durante o século XX, tal como com o advento da história do tempo presente como possibilidade de pesquisa, tanto as concepções de fontes se alteraram, quanto nossa relação para com elas, e com o próprio passado em si. Destarte, o estudo sobre o tempo, o historiador passou a olhar para o passado e para seu próprio contexto com olhares distintos.

Não bastava apenas o resgate histórico ou uma tentativa de descrição fidedigna dos fatos aos moldes positivistas, mas agora um olhar crítico e problematizador sobre o que passou e o tempo do pesquisador, compreendendo conjunturas e contextos de tempo e espaço, levando em conta os múltiplos extratos sociais, políticos, culturais, e religiosos do local em que o pesquisador se inseriu, assim como sua própria formação como sujeito. Consequentemente também se alterou o leque e a visão do pesquisador para com as fontes históricas, e a ideia do que pode ser considerado algo passível de análise.

Passou-se a considerar qualquer manifestação humana no tempo - não necessariamente escrita, documentalizada, ou oficial - como fonte, assim a história oral, as expressões culturais

e religiosas, os relatos íntimos e cartas, também como jornais, passaram a ser cada vez mais pesquisados e subiram de uma posição em que eram consideradas não confiáveis a recursos legitimamente possíveis de serem analisados. Assim a história do tempo presente se entrecruza diretamente com a pesquisa proposta, a partir da análise de discursos e fontes jornalísticas. Pois foi a partir do erigir dessa vertente histórica que aqui expusemos, que os métodos e fontes que foram utilizados no trabalho passaram a ser levados em conta e contemplados dentro da historiografia.

O conceito de representação, aliado com a questão da linguagem, se fez presente quando falamos das operações que envolveram discurso midiático e suas nuances. No caso do *Chliborob* e da imprensa ucraniana em um escopo mais ampliado, levamos em conta as práticas que definiram a escrita e a circulação do periódico em meio aos leitores. Dando atenção para as mídias, na forma como os jornais foram constituídos, nos discursos produzidos e na linguagem adequada.

Discorremos que os discursos e a atividade jornalística e midiática possuem seus mecanismos próprios que se encaixam na questão econômica, receptiva e sobretudo no campo simbólico, fator que rege os demais e está ligado diretamente ao universo do leitor, ou seja, às linguagens e representações do jornal que passam por suas práticas discursivas, buscando dar sentido ao universo do receptor e inseri-lo em um determinado acervo simbólico.

A noção de representação passa por uma discussão não apenas histórica, mas que atravessa tanto a antropologia, como a sociologia, e demais fronteiras das ciências humanas. Para Chartier, a noção clássica do “representar algo” se deve às práticas que buscam através de certos ritos e conceitos preservar e dar sobrevida às questões simbólicas de uma determinada sociedade:

[...] a representação nos permite ver o ‘objeto ausente’ (coisa, conceito ou pessoa), substituindo-o por uma ‘imagem’ capaz de representá-lo adequadamente. Representar, portanto, é fazer conhecer as coisas mediatamente pela ‘pintura de um objeto’, ‘pelas palavras e gestos’, ‘por algumas figuras, por algumas marcas’ – tais como os enigmas, os emblemas, as fábulas, as alegorias (CHARTIER, 2011, p. 17).

Para exemplificar essa noção da representação como espaço de atuação de práticas simbólicas que buscam o objeto ausente, temos por exemplo as particularidades religiosas anunciadas por Carlos Ginzburg a partir de costumes de utilização de manequins em ritos fúnebres para representar o duplo corpo do rei. Observa-se essas questões nos costumes funerários dos séculos XIV e XV, quando a realeza é representada por uma dupla simbologia, sendo que um dos manequins colocados em sua presença corresponde a uma representação do rei como guardião do estado e o outro alude ao seu corpo físico. Desse modo, observamos a atuação do simbólico como prática essencial no imaginário do povo desde épocas remotas.

Apesar dos ritos e práticas serem ressignificados dadas as especificidades da época, o papel do imaginário que atribui sentido maior às coisas é algo que permanece ao longo do tempo, sendo que muitas vezes esses ritos oferecem um maior grau de importância do que o acontecimento em si:

Nas ciências humanas fala-se muito, e há muito tempo, de ‘representação’, algo que se deve, sem dúvida, à ambiguidade do termo. Por um lado, a ‘representação’ faz as vezes da realidade representada e, portanto, evoca a ausência; por outro, torna visível a realidade representada e, portanto, sugere a presença (GINZBURG, 2001, p. 85).

Transportando a discussão para as mídias, mais especificamente os jornais, observamos uma dupla correlação entre representação e o uso da linguagem. Linguagem aqui não no seu sentido gramatical, mas no seu modo de atribuir sentido à notícia e ao discurso a partir de uma construção narrativa:

A linguagem não se refere somente aos sistemas de signos internos de uma língua, mas a sistemas de valores que comandam o uso desses signos em circunstâncias de comunicação particulares. Trata-se da linguagem enquanto ato de *discurso*, que aponta a maneira pela qual se organiza a circulação da fala numa comunidade social ao produzir sentido. Assim, pode-se dizer que a informação implica processo de produção de discurso em situação de comunicação (CHARAUDEAU, 2019, p. 33-34, grifo do autor).

O estudo da linguagem pelo campo historiográfico é mais enfático após o *linguistic turn* que começa a conceber o papel dela na construção das identidades, contrapondo à ideia que de isso serve apenas como um caráter de mediação entre as palavras e o mundo material.

Por fim, a respeito das línguas e discursos, consideramos relevantes os argumentos aqui expostos sobre suas caracterizações dentro do campo midiático e seus recursos narrativos. Sendo foco do trabalho proposto, a atuação do jornal *Chliborob* em Curitiba, foi levado em conta os mecanismos discursivos e seu lugar de fala, e de mesmo modo sua atuação como jornal ucraniano-brasileiro majoritariamente produzido para a comunidade étnica em pauta. Assim, o discurso das mídias (especialmente aqui o de mídia impressa) foi necessário para entendermos os espaços de atuação e os discursos do *Chliborob* para com notícias a respeito das tensões russo-ucranianas entre 2009-2019.

## 2.3 JORNAIS EMIGRADOS: TROCAS DE IDEIAS E ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE

A participação de jornais emigrados e o papel da imprensa estrangeira na construção de discursos, percepções e imaginários acerca de uma etnia ou povo, não é processo exclusivo da imprensa ucraniano-brasileira, sendo que exemplos da atuação de outros periódicos que buscavam por suas páginas divulgar acontecimentos e opiniões sobre seu país de origem, podem ser encontrados em diferentes momentos de nossa história. De acordo com Luís Francisco

Munaro (2018) sobre a atuação dos jornais lusitanos emigrados a partir da República das Letras<sup>33</sup> e as atividades destes pós 1808 - principalmente em Londres e Paris, partindo das iniciativas de José Hipólito da Costa<sup>34</sup> e Solano Constâncio<sup>35</sup> - um dos preceitos que os jornais continham, era o de ser um espaço para a circulação de ideias e comunicação entre os portugueses, especialmente após a Revolução do Porto<sup>36</sup>.

No contexto pesquisado pelo autor, a partir de questões internas de Portugal e das crises sucessivas vivenciadas em decorrência de tais turbulências, vemos como os jornais daquela época serviam como ponte e espaço de troca de ideias entre a comunidade portuguesa. Porém, ainda mais do que se consagrar apenas como um noticiário, esses periódicos eram um local de partilha, seja de angústias, alegrias, apreensões, e até mesmo de divergências, que viriam a surgir entre os próprios portugueses, acerca da administração lusitana:

A correspondência jornalística, tanto em Londres quanto em Paris, servia para restabelecer a conexão entre a Corte itinerante e aqueles que tinham permanecido na Europa. Ao escrever e compartilhar a sua insegurança com relação à ‘calamidade generalizada’ em Portugal, os exilados buscavam restabelecer vínculos perdidos com a emigração e aprofundar a reflexão sobre estratégias para escapar da crise social, política e econômica. A conexão entre esses indivíduos exilados, estivessem eles em Londres, Paris, Lisboa ou Rio de Janeiro, eram essas mesmas trocas de cartas. Se considerarmos o jornalismo uma espécie de epístola dirigida ao público, de forma regular, torna-se nítida a sua importância enquanto sustentáculo de vínculos políticos entre os portugueses diaspORIZADOS. (MUNARO, 2018, p. 178).

Ante a essa dinâmica que envolvia tanto os grupos intelectuais que controlavam os jornais, quanto também os leitores que eram convidados a participar dos escritos através de cartas e relatos, pôde-se observar a partir do que foi exposto, a constituição desses veículos como um espaço de sociabilidade entre as comunidades:

Monta-se todo um circuito, que tem nos espaços de sociabilidade um ponto de partida e nos jornais um ponto de escape, de fortalecimento das maneiras liberais – considerando que liberalismo é também uma forma de se comportar. E, ressalta-se, a comunicação está no centro de tudo isso (MUNARO, 2018, p. 186).

Traçamos um paralelo entre as questões levantadas sobre os jornais lusitanos do século XIX e a imprensa ucraniano-brasileira representada aqui pelo *Chliborob*. Em ambos os casos

<sup>33</sup> A República das Letras ganhou espaço entre os intelectuais a partir do século XVI e adquiriu repercussão no XVIII, sua atuação era feita por meio de salões, clubes de leitura, lojas maçônicas e academias científicas. As ideias centrais derivadas principalmente do Iluminismo cultivavam um forte caráter nacional, incentivando a produção intelectual e histórica da região.

<sup>34</sup> José Hipólito da Costa (1774-1823) foi um jornalista brasileiro e fundador do jornal *Correio braziliense*, em Londres no ano de 1808, onde discutia questões acerca da conjuntura político-econômica tanto de Portugal, quanto do Brasil.

<sup>35</sup> Francisco Solano Constâncio (1777-1846) foi um jornalista português, que atuou principalmente na cidade de Paris, onde divulgou escritos por meio da imprensa lusitana, sobretudo para a comunidade portuguesa local.

<sup>36</sup> A revolução Liberal do Porto (1820) decorreu de uma série de motivos, tais como a submissão do país aos ingleses, a insatisfação da população frente à ausência do rei que se encontrava em terras brasileiras, e a pressão de setores econômicos e religiosos da sociedade, que levaram a conflitos que ameaçavam a monarquia lusitana. O movimento que tomou conta da cidade do Porto e reverberou na capital portuguesa, propunha uma constituição que limitasse os poderes monárquicos e assim apontassem para um modelo mais liberal.

percebemos que apesar dos noticiários fluírem em uma certa constância, assim como a participação da comunidade em suas páginas, foi a partir de um problema ou crise vivenciada pelo país, que o engajamento comunitário para com as práticas aumentaram.

Naturalmente, a partir da exposição acerca do caso dos jornais lusitanos evidenciados por Munaro, não pretendemos comparar enfaticamente os dois casos, sendo que cada um deles possuía suas próprias particularidades, tanto de contexto, como de local, e época, já que ao passo em que os periódicos portugueses analisados se encontravam em circulação ao longo do XIX, o nosso recorte proposto para o *Chliborob* se encontrou mais de 200 anos adiante, partindo assim de pressupostos e conjunturas que se diferiram. Posto isso, o que aqui colocamos em comum entre eles, foi a capacidade de ambos de mobilizar a comunidade em torno de um espaço comum, oferecendo aos sujeitos uma oportunidade de se relacionar com outros além de seu círculo comunitário local.

#### 2.4 O *CHLIBOROB*

Quando se ampliou por parte dos colonos a necessidade de um elemento de ligação entre eles e suas raízes culturais, pudemos ver uma ascensão dos trabalhos da imprensa que culminou com o surgimento do centenário *Prácia* em 1912. A partir do recrutamento de Petró Karmans'kei para a direção do periódico, iniciaram-se após algum tempo complicações entre o redator e a comunidade religiosa do município de Prudentópolis, ao passo que Karmans'kei então, deixou a cidade e se estabeleceu em União da Vitória. É nesse local que se iniciou a produção do jornal objeto de nossa análise: o *Chliborob*.

Inicialmente, em sua formação no ano de 1924 o conteúdo era voltado principalmente para agricultores locais, e também para atender às causas nacionalistas. Em sua periodização e estrutura de corpo, o jornal era veiculado em caráter mensal, e possuía em média de 15 a 40 páginas, estas contavam com colunas que noticiavam ocorrências no país eslavo, sejam elas políticas, culturais, esportivas, dentre outras. Também buscava noticiar acerca de relações Brasil-Ucrânia, ou fatores locais que pudessem interessar ao jornal, como receitas culinárias típicas, curiosidades em geral, entre outros assuntos. Em seus primeiros anos analisados, contava também com um obituário que ora ou outra noticiava o falecimento de um membro notório da comunidade, ou pessoa ligada tanto ao jornal como em outras atividades da SUBRAS, além disso, havia também um espaço em suas últimas páginas para divulgar anunciantes e parceiros para auxiliar sua manutenção. Sua última grande alteração se deu em

2013, quando sofreu algumas mudanças estruturais, tanto em sua identidade visual, como mais singelamente em seu conteúdo.

Publicado pela União Agrícola Instrutiva no município até o ano de 1934, passou após isso, a ser redigido e veiculado na cidade de Curitiba ainda sob o fisco da União. A partir do ano 2000, a antiga União decidiu por alterar seu nome oficialmente para Sociedade Ucraniana do Brasil, logo sua abrangência cresceu consideravelmente quando foi levado à capital paranaense. Não apenas a sua gama de leitores cresceu, mas a variedade de notícias também, pois se expandiu para outras temáticas, sem no entanto, tirar o foco da Ucrânia e constantemente atualizando seus leitores tanto para os últimos acontecimentos no país eslavo, como quanto aos ritos, cultura, receitas culinárias, moda, entre outros assuntos que remetessem a sua “Pátria mãe”, veiculando informativos sobre a comunidade ucraniana no Brasil.

Diferentemente do *Prácia*, o periódico aqui em análise não é dirigido por um grupo religioso. Como já discorremos, o *Chliborob* foi iniciado no ano de 1924 em União da Vitória pelas mãos de Petró Karmans’kei e em seus anos iniciais redigido pela União Agrícola Instrutiva. A atual Sociedade Ucraniana do Brasil foi originalmente fundada em 1922, na cidade de Mallet sob denominação de União Ucraniana do Brasil. Em 28 de fevereiro de 1923 a instituição se assentou em União da Vitória, onde após um ano deu início ao *Chliborob* sob supervisão de Karmans’kei.

Um dos aspectos sobre a origem do *Chliborob* que devemos nos atentar é a sua feitura, sendo um produto quase direto das tensões vivenciadas entre o clero e a *intelligentsia* nos anos iniciais do estabelecimento dos ucranianos. Tais problemas que futuramente levaram a sua fundação, inicialmente despontaram nos primeiros momentos dos anos 1920 com a contratação do futuro criador de nossa fonte aqui estudada, mas que previamente seria sondado pela comunidade religiosa para redigir o jornal *Prácia*.

Petró Karmans’kei foi de acordo com Guérios (2012) um dos mais notórios membros da *intelligentsia* no início do século XX. Nascido em 1897 e tendo estudado inicialmente na Faculdade de Filosofia na Universidade de Lviv, ele tomou o primeiro contato com os grupos literários da Ucrânia ainda nos anos 1920 através de seus poemas. Tais clubes frequentemente possuíam ligações com a sociedade, como a *Prosvita*<sup>37</sup>, que atuavam politicamente para o alcance da almejada independência ucraniana, por conseguinte, em respeito ainda às sociedades mencionadas, principalmente a *Prosvita*, vemos que:

---

<sup>37</sup> A atuação da Sociedade *Prosvita* no Brasil se deu principalmente em caráter educacional. Em uma época em que se buscava a reorganização dos colonos, o grupo ligado à *intelligentsia* buscou expandir sua influência através majoritariamente da educação.

Não é à toa que uma das principais ramificações do movimento nacionalista chamouse Sociedade *Prosvita*. Neste sentido, a ideia de que a redenção social dos camponeses se daria pela educação, colaborou para que, ainda em 1848, os deputados galicianos se ocupassem com a expansão da educação elementar (ANDREAZZA, 1996, p. 25, grifo da autora).

Sendo assim, é por esses movimentos nacionalistas, que Karmans'kei despontou não apenas como um literário, mas acabou tendo parte nas reivindicações nacionais, desse modo: “Karmans'kei passou então a frequentar os círculos literários de onde saíram todos os grandes líderes do movimento nacionalista ucraniano – cuja figura fundadora e grande símbolo, Tarás Chevtchenko, como vimos, foi também um poeta” (GUÉRIOS, 2012, p. 191).

Em sua trajetória ativa contra a dominação do território ucraniano, atuou assiduamente dentro dos grupos que reivindicavam a independência da região, entre eles, deixou sua marca entre o Conselho Nacional Ucraniano da Galícia<sup>38</sup>, inclusive posteriormente à anexação do território pelos poloneses, logo:

Como parte desses esforços, o Conselho enviou Karmans'kei, então chefe do Comitê Nacionalista da cidade de Ternopil, como secretário de uma missão diplomática junto ao Vaticano, pois ele dominava o idioma italiano. Sua tarefa era manter audiências com o papa Benedito XV para esclarecê-lo sobre a situação da Galícia e para tentar colocá-lo ao lado da luta pela independência política do território (LIACHKEVETCH apud GUÉRIOS, 2012, p. 191)

Após sua estadia em Roma, o Conselho desta vez o incumbiu de uma outra atividade, dessa forma em 1922 solicitaram a presença do futuro redator ao Brasil, para assim angariar apoio da comunidade instalada e do governo brasileiro em sua luta para com a independência da Ucrânia.

Embora tal empreendimento não tenha sido bem sucedido, sobretudo pelo fato de o Conselho Nacional Ucraniano não ser um poder reconhecido durante a época (GUÉRIOS, p. 192), Karmans'kei teve alto destaque em sua atuação junto à comunidade imigrante, sobretudo em Prudentópolis. Além disso, suas observações pessoais a partir de seus caminhos pelo Brasil, relatadas em diário pessoal configuraram importante documento acerca de seus olhares para com a realidade brasileira, e sobretudo, com os desafios da comunidade ucraniana:

[...] Karmans'kei discorre sobre as impressões subjetivas que a jornada por uma terra exótica lhe inspiram. A natureza de múltiplas formas e cortes, a gentileza dos ‘negros’ com que cruza ao longo de sua jornada, a floresta escura e ameaçadora – tudo o que vê são pistas que o fazem refletir sobre a falsa liberdade de que acreditava gozar nos cafés de Viena, sobre a ingenuidade de seus planos de juventude, sobre os filósofos que leu (GUÉRIOS, 2012, p. 192).

Apesar de não ter sido bem sucedido em seu objetivo inicial de angariar apoio para a causa emancipatória do Conselho, o intelectual de certa forma encontrou um novo objetivo em meio ao Brasil. Destarte suas observações acerca das paisagens locais, se sentiu tocado

---

<sup>38</sup> O Conselho Nacional Ucraniano da Galícia atuava principalmente pela causa da independência do território galiciano, que na época se encontrava sob dominação polonesa.

especialmente pelas condições precárias ao que seus irmãos ucranianos foram submetidos no processo de assentamento.

Levando em conta também o fato de grande maioria dos colonos de Prudentópolis serem oriundos da Galícia, a mesma região em que atuavam, podemos compreender como o sujeito se sentiu tocado e de certa forma responsável pelo cuidado e bem estar daquelas pessoas. A partir daí observamos suas atuações dentro da comunidade ucraniana no Brasil<sup>39</sup>, que futuramente colaboraram em sua posição como redator do *Prácia* e da imprensa ucraniano-brasileira.

A atuação frente ao *Prácia* se iniciou a partir de boas relações construídas com a comunidade religiosa de Prudentópolis. Após uma breve volta à Galícia, Karmans'kei solicitou novamente um retorno ao Brasil, agora alegando atuação para o processo de assentamento e educação dos ucranianos do Paraná. Sendo assim, em 1923 com seu retorno, o relacionamento com os padres greco-católicos se estreitaram ainda mais, o que culminou em um convite por parte dos religiosos para comandar o *Prácia*, fator que o alçou a um posto de prestígio dentro da comunidade, e o posicionou como uma das lideranças dentro do processo de colonização ucraniana.

Apesar disso, Karmans'kei e a comunidade religiosa tiveram problemas; o que desencadeou numa das rupturas mais polêmicas decorrentes do embate entre os membros da *Intelligentsia*, ao que o redator fazia parte, e os padres. Assim, se deflagrou a chamada *Karmanchtchêna*, como ficou conhecida entre a comunidade local, o período turbulento que nas palavras de Guérios (2012, p. 190) “opôs os padres ao poeta e líder político Petró Karmans'kei a partir de 1924”.

A *Karmanchtchêna* se deflagrou principalmente por um desentendimento dos rumos do jornal ao qual tempos antes, o então redator fora convidado para assumir. Vimos anteriormente que tanto o *Prápor* como seu sucessor eram totalmente controlados pela igreja, ao contrário do *Zoriá* que contava com a participação da *intelligentsia*, devido a isso, ambos os jornais eram encarados sobretudo como veículos religiosos, cuja “missão” era atuar como um mediador entre a religiosidade greco-católica dos padres ucranianos e a comunidade local.

Em suas páginas são encontrados calendários litúrgicos, horários e festividades eclesiais, como também conselhos de que modo melhor se portar no cotidiano de acordo

---

<sup>39</sup> Como Guérios (2012) observou, Karmans'kei promoveu muitas reuniões entre instâncias ucranianas no Brasil que buscavam o alento e a unificação dos imigrantes, entre elas a Segunda Reunião Geral dos Ucranianos no Brasil e a criação da União Ucraniana no Brasil que ficaram a cargo de promover projetos educacionais e culturais entre os colonos.

com os valores religiosos ucranianos<sup>40</sup>, sendo assim, entendemos que se a princípio os padres ficaram contentes com os esforços do redator para com a comunidade ucraniana e por isso o colocaram à frente do jornal, perceberam após pouco tempo que as prioridades dele eram outras:

Karmans'kei rapidamente transformou o jornal dos padres greco-católicos em um bastião da luta nacionalista. Com a mesma rapidez, começou a desentender-se com os padres que não esperavam por sua postura particular frente a editoria do jornal, na qual misturava elementos leigos com uma compreensão própria da religiosidade (GUÉRIOS, 2012, p. 194).

Comprendemos devido à trajetória do personagem aqui apresentado, inclusive seu ativismo político em torno da causa ucraniana, e sua primeira missão no Brasil - a de mobilizar o governo local em torno da causa emancipatória - que ao passo em que as prioridades dos padres estavam motivadas pelo discurso religioso, Karmans'kei via o jornal como uma oportunidade para difundir seus valores nacionalistas, e assim procurar mobilizar a comunidade em torno de uma causa em comum para com a independência.

Após irremediáveis conflitos e divergências, o redator foi rapidamente destituído de suas incumbências, porém não antes de acalorar os ânimos ainda mais em Prudentópolis, não apenas entre os padres, mas também em meio à comunidade local, sob forma de uma série de denúncias que inclusive continuaram nos anos iniciais do periódico, mesmo o jornalista já estando longe. Foi esse rompimento traumático que localmente foi denominado de *Karmanchtchêna*.

A partir disso, concluímos que o *Chliborob* foi um produto direto do embate entre leigos e religiosos, que por sua vez se iniciaram no *Prápor* e tiveram sua última e mais agressiva expressão com o rompimento de Karmans'kei. Sendo assim, mais do que um produto criado aleatoriamente, sua origem nos conta a respeito de dissensos vivenciados dentro da própria comunidade ucraniana no Brasil e seus projetos individuais para com a perpetuação das colônias.

Quando Petró Karmans'kei foi destituído do cargo de redator em 1924, saiu de Prudentópolis e se assentou no município de União da Vitória, onde iniciou suas atividades no *Chliborob*. Em suas colunas iniciais, utilizou o jornal como forma de denúncia das atividades basilianas<sup>41</sup> no Brasil, incluindo questões sobre desvios de verba provenientes de recursos

---

<sup>40</sup> Dentre os conselhos dos padres para com o modo de se portar, um dos casos que mais nos chamou a atenção foi a coluna *para a dona de casa* veiculada entre 1963-1995. Tal espaço era com “dicas” de vestuário, organização doméstica, culinária típica, e de todo um modo de se apresentar ideal da mulher ucraniana em sociedade e no ambiente doméstico, levando em conta os valores religiosos locais.

<sup>41</sup> Referência aos padres pertencentes à OSBM (Ordem de São Basílio Magno) ativamente participantes no processo de integração e assentamento dos imigrantes ucranianos no Paraná, sobretudo dentro do município de Prudentópolis.

comunitários que buscavam o aumento do patrimônio da Igreja; além de imoralidades da comunidade religiosa e dos próprios membros.

Por fim, apesar de a dissidência da *Karmanchtchêna* ter sido um duro golpe contra a legitimidade religiosa no Brasil, pelo fato de ter levado muitos dos dissidentes da *intelligentsia* para o lado de Karmans'kei, ela não abalou suas estruturas de formas irremediáveis, tanto que posteriormente, ao passo que a Igreja se manteve como majoritária dentro da comunidade, as atividades da *intelligentsia* foram gradativamente findadas. Assim, concebemos que:

A *Karmanchtchêna* pode ser considerada a última grande tentativa por parte da *intelligentsia* leiga ucraniana que chegou ao Brasil a partir de 1907 para cooptar os camponeses para a iluminação nacionalista proposta pela Sociedade *Prosvita*. Ao longo do resto do século XX, esse grupo não logrou exercer influência sobre a vida dos moradores das colônias, que seguiriam sob a tutela dos padres greco-católicos (GUÉRIOS, 2012, p. 198, grifos do autor).

O *Chliborob* em seus anos iniciais não se acanhou em além de servir como chamada aos imigrantes e lavradores ucranianos, colocar-se também como um noticiário político tanto da situação ucraniana no Brasil, quanto de acontecimentos do país eslavo. Através das discussões feitas, compreendemos devido às posturas passadas, que este jornal, diferentemente do *Prácia*, assumiu uma retórica muito mais nacionalista. De fato, a partir de sua primeira edição, veiculada em outubro de 1924 (Anexo A) Karmans'kei conjuntamente com o grupo que o seguia não logrou em dar continuidade aos ataques contra os padres greco-católicos, fator esse que contribuiu para sua rápida notoriedade em meio à comunidade imigrante:

Karmans'kei continuou com seu combate para tentar prejudicar os padres greco-católicos [...] ele próprio escrevia denúncias ao Governo Estadual contra os colonos ucranianos e os sacerdotes – no caso, comunicando as autoridades que as escolas dos padres e freiras greco-católicos ministravam suas aulas em língua ucraniana (GUÉRIOS, 2012, p. 195).

Na realidade, apesar de conseguirmos vislumbrar algumas tendências do caráter nacionalista do jornal ainda hoje em sua estrutura geral, deixamos claro que não necessariamente conseguimos vislumbrar um paralelismo *stricto sensu* se compararmos suas visões da atualidade com a época de Karmans'kei, já que muito mais do que a manutenção de um elo cultural entre a comunidade e a Ucrânia, seu fundador pensou no periódico mais como um instrumento político viável para a atuação da *intelligentsia* em terras brasileiras.

Henrique da Costa Valério Quagliato (2017, p. 26) atesta que “Em seus 82 anos de funcionamento, o jornal passou por uma mudança no teor de suas publicações. As primeiras décadas do periódico foram dedicadas à circulação de textos autorais de cunho nacionalista por parte dos membros da comunidade descendente”. Seguindo este argumento, o autor em questão afirma que tal caráter tenha se alterado, visto que nos últimos anos artigos de opinião são raros, sendo que a grande maioria das notícias passam a ser republicações de outras fontes.

Ora, nesse ponto em específico temos que discordar em alguns aspectos, pois, apesar de reconhecermos o alto grau dessas republicações em anos recentes, durante o processo de pesquisa também nos deparamos com uma larga gama de artigos de opiniões, sejam por parte de membros da comunidade que não possuem ligação direta com a SUBRAS, ou participantes diretos na elaboração do jornal. O fato é que como iremos perceber no decorrer do trabalho, o viés nacionalista de seus textos, que muitas vezes é demonstrado a partir de defesas e argumentos acalorados por parte dos leitores, é ainda atualmente um fator determinante na escrita do jornal.

Observamos que ao contrário dos outros exemplares da imprensa que discorremos, seus integrantes eram em sua grande maioria membros da comunidade que se engajavam principalmente para o informativo agrícola, a respeito das atividades campesinas e de uma retórica nacionalista. Atualmente, desde sua mudança para Curitiba e controle da SUBRAS para com sua escrita e divulgação, o grupo editorial passou a ampliar o escopo do jornal; o conselho composto por membros da Sociedade Ucraniana do Brasil se estrutura basicamente por descendentes da comunidade que atuam para com a manutenção de ritos, noticiários sobre o país, e o contato com a Ucrânia para com os ucranianos-brasileiros.

Como já dissemos previamente, as atividades da SUBRAS contam com mais do que apenas a difusão do jornal, se apoiando também em festividades típicas, folclóricas, culturais, aulas de dança, artesanato e idioma, além de assistência social. Fora isso, também conta com um museu em seu interior, onde nos deparamos com vestimentas, documentos, e utensílios cotidianos que remetem à tradição ucraniana (Anexo E). De acordo com o Art. 3º do Estatuto mais recente da Sociedade Ucraniana do Brasil, de 09 de novembro de 2002, que dispõe da finalidade primeira do grupo, consta:

A sociedade, sem fins lucrativos, tem por finalidade a congregação cívica, moral e intelectual, a preservação e o desenvolvimento da cultura ucraino-brasileira, a recreação de seus associados, a prestação de assistência social e a de promover a união de entidades afins, podendo delas participar como sócia (CURITIBA, 2002, p. 04).

O trabalho realizado na SUBRAS é atualmente voluntário, ou seja, grande parte das atividades de sua sede são efeitos de doações, parcerias publicitárias e contribuições da sociedade para com a manutenção de suas funções, sendo que a equipe responsável pela continuidade do jornal, e de outras questões da sede, atuam voluntariamente no local. A organização está intimamente ligada ao serviço em prol da comunidade e da divulgação da cultura ucraniana em Curitiba e em território nacional. Ainda no âmbito das atividades do grupo, no mesmo Art. 3º - inciso 1º, consta que:

Dentre as suas atividades, a sociedade manterá biblioteca, poderá publicar periódico em idiomas ucraniano e português e manter programa radiofônico e outros meios de

comunicação, com noticiário de interesse social, e incentivará o estudo e a divulgação da língua ucraniana, danças típicas, corais de canto, música e outras atividades das tradições e do folclore ucraniano (CURITIBA, 2002, p. 04).

Vale dizer que a SUBRAS é membro da Representação Central Ucraniano Brasileira, portanto, ela trabalha em conjunto com outras organizações ucranianas ao redor do globo. Estas que estão sob liderança do Congresso Mundial dos Ucranianos, entidade máxima dos ucranianos na diáspora (ucranianos emigrados) que conta com sua sede em Toronto – Canadá, continuamente trabalhando em união com o governo ucraniano para atender as demandas necessárias.

O mapeamento dos nomes dos redatores e pessoas que trabalharam na feitura do *Chliborob* no ultimo decênio, especialmente nos primeiros anos de nossa delimitação, se mostrou fator problemático. Poucos nomes surgiram em nossa pesquisa, e as datas de contato de cada um destes com o jornal, também não foram idealmente precisas.

Na maioria das pesquisas em acervos, em que se deve levantar nomes e períodos de trabalho em algum periódico ou fonte impressa, lacunas como estas são mais comuns em periodizações mais remotas, devido muitas vezes a falta de cuidado com o próprio acervo e as fontes disponibilizadas nele. Sendo assim, reconhecemos que as informações coletadas, apesar de conseguirem nos revelar alguns nomes e datas, estão aquém do ideal, entretanto, isso se dá especialmente por um motivo. Em meados de 2009-2010, de acordo com a atual presidente da Sociedade Ucraniana do Brasil, a ata de reuniões da Sociedade, que continha basicamente 20 anos de registros de funcionários e suas funções até aquele momento, desapareceu de sua sede.

De acordo com a própria presidente, Mirna Slava Voloschen, foi levantada a possibilidade de roubo do livro ata, ou perda por parte de algum dos membros. Sendo intencional ou não, o fato é, que a perda de um livro de registros, com tamanha riqueza de informações teve um efeito na precisão de tais levantamentos, e conseqüentemente contribuiu para a escassez de detalhes dos próximos registros da SUBRAS.

Outro motivo para a dificuldade em localizar precisamente um grupo específico de redatores, se deu pela própria natureza editorial do jornal. Sendo o *Chliborob* aberto aos leitores, ou seja, permitindo a contribuição de membros da Sociedade, ou mesmo da comunidade, suas colunas muitas vezes não foram redigidas apenas por uma pessoa ou grupo específico, sendo também várias delas textos já veiculados em outros jornais, e que com a devida identificação original da fonte, incorporados no periódico ucraniano-brasileiro, além de contribuições de leitores que desejavam expressar suas opiniões através dos textos.

Apesar disso, conseguimos mapear alguns nomes que apareceram com mais frequência na fonte, muitos destes inclusive, sendo formalmente mencionados em atas de reunião que

foram investigadas, ou estavam presentes em registros de funcionários da sede. Logo, apesar de incompletas, as informações coletadas, nos levaram ao mapeamento e conclusão da participação de certos indivíduos na feitura do *Chliborob*, assim como em maior ou menor grau de precisão, pudemos observar o tempo de contribuição de cada um.

Anteriormente a gestão atual da Sociedade Ucrâniana, a presidência da mesma fora ocupada por Oles Ivan Sysak (2016-2018), e antes disso estava a cargo de Roberto André Oresten (2008-2016), quando foi atestado o sumiço do livro ata mencionado. Geralmente o secretário das atividades da SUBRAS, também mantém certa atuação juntamente com o presidente em assuntos do periódico, ora ou outra organizando seus textos e formatação.

De acordo com o registro de funcionários da Sociedade, consultado sob supervisão da presidente no ano de 1998, Pietro Harlezki foi mencionado como secretário até o ano de 2013, quando passou a ocupar o seu lugar a secretária Alessandra Ferreira que encerrou suas atividades no ano seguinte e deu lugar a atual secretária da Sociedade, Elenice Guibur. Como relatado pela atual presidente, o jornal basicamente é organizado pela secretária, que tem a função de diagramação e organização tanto de suas colunas, quanto das artes e identidade visual, sendo que a própria diretoria, é responsável pela seleção de textos, tradução e revisão final das edições mensais.

Durante nossa pesquisa no acervo da sede, encontramos em atas de 2012, menção ao nome de Paulo Stachera, que foi colocado como funcionário responsável pela diagramação e redação. Também pudemos perceber nas colunas mensais, a contribuição recorrente de Wolodimir Galat, que estava presente em 2009 e se encerrou apenas em 2016, ano de seu falecimento. De acordo com o livro de memórias *Heróis não morrem* de Emilio Gaudeda, em capítulo dedicado à vida de Galat::

[...] seus artigos eram frequentes, até seus derradeiros dias, deixando alguns inacabados ainda, publicados principalmente no Jornal 'Prácia', de Prudentópolis, e 'O Lavrador', de Curitiba, cujos assuntos versavam principalmente sobre atualidades da Ucrânia, análise política ucraniana da época, com fortes críticas ao comunismo soviético, em particular o russo, sobre sua história e tradições. (GAUDEDA, 2017, p. 205), grifo do autor).

A estrutura material do *Chliborob*, basicamente se mantém a mesma nos anos de nossa delimitação proposta, tanto sua paginação, como o *layout* de modo geral (Anexo C). O fato de apenas em 2009, suas atividades terem se iniciado no mês de abril, destoou dos outros anos, quando logo a partir de janeiro, já contamos com suas edições mensais. O caso atípico se deu devido a uma mudança no formato do periódico entre 2008-2009, tal como seu alcance. Além disso, o redator responsável até aquela época, Pietro Harlezki foi afastado devido a problemas de saúde, postergando assim as edições de 2009 em alguns meses, até um outro nome ser

encontrado: Paulo Stachera que veio a ser o então auxiliar administrativo da Sociedade. Como descrito em mensagem da equipe, em suas primeiras folhas de abril:

Após uma interrupção de 07 meses o Jornal ‘O Lavrador’ retorna sua publicação no mês de abril de 2009. Agora, na rede mundial de computadores, superando assim, mais um dos desafios desde sua fundação em 19 de julho de 1924 (AOS NOSSOS LEITORES, 2009, p. 01).

Notamos no comunicado, que a ampliação do jornal para vias digitais, foi um dos fatores que inauguraram seu novo modelo. A partir disso, o periódico cada vez mais adotou recursos virtuais, sendo que atualmente é quase que inteiramente acessado por seus leitores por meio da internet, salvo algumas exceções, como para assinantes mais antigos e embaixadas. Além da transposição do modelo físico para a rede de computadores, dentro de sua estrutura se nota uma característica que estava presente em suas páginas desde sua fundação em União da Vitória, mas que se remodelou a partir da década de 90.

Como já explanado, uma das características que inicialmente servia como elo principal para exemplares da imprensa ucraniano-brasileira e permitia a ligação entre os exemplares e seus leitores, era a utilização do idioma ucraniano em suas páginas. Isso se dava naturalmente, por um fator que aqui já postulamos, o de que logo no início do assentamento dessas pessoas, e alguns anos após isso, na inauguração dos jornais ucraniano-brasileiros, o idioma serviu de modo a facilitar o acesso dos imigrantes às informações de seu país de origem, também como ao noticiário local da comunidade. Além disso, também serviu como elo de ligação entre as pessoas, aproximando assim a comunidade, e permitindo um sentimento de união e pertencimento perante as adversidades encontradas em seus primeiros anos no Brasil.

Atualmente, a manutenção do ucraniano em suas páginas tem uma utilidade prática, devido ao fato de alguns de seus leitores mais antigos ainda preferirem o acesso ao idioma eslavo, e em alguns casos, como o do *Prácia* em Prudentópolis, boa parte da comunidade ainda tê-lo como idioma principal<sup>42</sup>. Uma outra explicação, sugere que sua manutenção permaneça como um ato simbólico, que relembra constantemente os ucraniano-brasileiros de suas origens, tal como as do jornal, dando assim uma impressão de exclusividade aos seus leitores, constantemente recordando-os de suas ligações para com a Ucrânia.

Apesar do ucraniano ainda permanecer em suas edições, durante a década de 1990 ele passou a figurar conjuntamente com o português, dessa forma, observamos que suas primeiras páginas são inteiramente escritas em ucraniano para os leitores que assim preferirem, e na

---

<sup>42</sup> O município de Prudentópolis conta ainda hoje com a predominância de áreas rurais em sua extensão. Apesar de o centro da cidade ser basicamente uma zona urbana, ela se estende em grande parte através de zonas rurais denominadas Linhas Coloniais. São nestes espaços que se concentram a maioria de seus habitantes, muitos dos quais ainda tendo o idioma ucraniano como primeira língua.

sequência, as demais em português. Notamos como a importância dada ao idioma eslavo ainda é considerável, pois o próprio ato dela anteceder o português em sua ordem, denota uma importância mais elevada da tradição, remetendo a uma constante busca de salientar suas raízes ucranianas.

Figura 2 - Jornal *Chliborob*, julho de 2019, primeira edição com a nova logomarca da Sociedade.

**O LAVRADOR**  
*Chliborob*

BOLETIM INFORMATIVO DA SOCIEDADE UCRANIANA DO BRASIL  
Информативний бюлетень Українського Товариства Бразилії

N.º 537 (3966) SETEMBRO 2019  
ВЕРЕСЕНЬ 2019

Al. Augusto Steinfeld, 795 - CEP 60410-140 Curitiba - Paraná - Brasil - Fone/Fax: (41) 3224-5597 - e-mail: subbras@sociedadeucraniana.com.br

**VETCHORNETS**  
**19/10/2019**

**Jantar Típico Ucraniano**

**Horário**  
**20h**

Convites Adulto: R\$55,00  
Criança 7 a 12 anos: R\$30,00  
Crianças até 6 anos: não pagam

**Apresentações Folclóricas**

Subotna Chkola Lessia Ukrainka  
Folclore Ucraniano Barvinok

**Local**

Al. Augusto Steinfeld, 795  
Sociedade Ucraniana do Brasil

**Cardápio**

Entrada - Borstch (sopa de beterraba)  
Pratos - Vareneke (pastel cozido)  
Holuptsi  
3 tipos de carne  
Batata sauté  
Nata  
Trigo mourisco  
Saladas  
Sobremesa - Torta de requeijão com calda de frutas vermelhas

**Reserva de mesas até 15/10/2019**

**Contato para reservas**  
32245597 / 984421403

Reservação  
Organização Feminina da Sociedade Ucraniana do Brasil

Fonte: Jornal *Chliborob* (2019)

Figura 3 – Edição reformulada *Chliborob*, julho de 2013.

**O LAVRADOR**  
*Chliborob*

BOLETIM INFORMATIVO DA SOCIEDADE UCRANIANA DO BRASIL  
Информативний бюлетень Українського Товариства Бразилії

N.º 463 (3908) JULHO 2013  
ЛИПЕНЬ 2013

Al. Augusto Steinfeld, 795 - CEP 60410-140 Curitiba - Paraná - Brasil - Fone/Fax: (41) 3224-5597 - e-mail: subbras@sociedadeucraniana.com.br

**EDITORIAL**

E é muito difícil fazer manter uma tradição, uma cultura.

Nossa Sociedade Ucraniana do Brasil atua há aproximadamente noventa anos junto aos imigrantes Ucranianos dando, no seu princípio, apoio nas questões agrícolas e econômicas objetivando incentivo na produção agrícola familiar para subsistência e depois para o crescimento comercial.

Depois disto ou mesmo de forma concomitante, aquele pequeno Clube já alçava voos maiores aos objetivos antes traçados, pois buscava manter também as tradições folclóricas, o artesanato e a língua Ucraniana. Surge então o MUSEU UCRANIANO, o FOLCLORE UCRANIANO BARVINKOK e a SUBOTNA SCHKOLA LESSIA UKRAINKA.

Mas tivemos um item de suma importância na história de nossos imigrantes e de seus descendentes que foi a criação do JORNAL "O LAVRADOR", em 1924.

Desde seu surgimento o Jornal sempre teve uma busca desenfreada de notícias sobre a Ucrânia ocupada com invasores de seu território. Precisávamos passar aos imigrantes e seus descendentes notícias da terra mãe. Precisávamos passar aos imigrantes todos os acontecimentos políticos que lá aconteciam, vez que qualquer deles poderia afetar seus pais e irmãos que lá ainda moravam.

Décadas se passaram e a sede por notícias da Ucrânia não diminuiu. Pelo contrário hoje temos várias gerações de descendentes de Ucranianos na busca por informações do passado e do presente na UCRANIA.

Diante disto nos perguntamos. Onde vamos parar com nosso informativo no formato que se encontra? Respondemos imediatamente de forma quase uníssona: na falência das informações, pois atualmente a rapidez em se obtê-las é tamanha e nosso informativo acabaria obsoleto. Foi então que decidimos parar com o Informativo escrito e passamos

a leva-lo ao leitor através dos meios modernos, a "web".

Fomos criticados e assumimos o risco. Tivemos a graça do sucesso. Atingimos uma massa de leitores que não tínhamos. Demos a eles mais agilidade de informação. Descobrimos, antes mesmo de completarmos seis anos deste novo formato que deveríamos mudar mais uma vez.

Paramos um mês, mas voltamos. Não num formato definitivo, mas numa primeira tentativa de dar a vocês leitores mais informações sobre a Ucrânia, bem como sobre nossa Cultura, nossa Religião Católica e Ortodoxa, e também sobre coisas que se passam dentro de nossas clubes, nossas comunidades.

Precisamos de sua opinião. Mudamos um pouco. Admitimos mudar o que for necessário para que tenhamos um informativo que chegue ao maior número de imigrantes e de seus descendentes. Trazemos muitas notícias na língua ucraniana, mas com o apoio do Consulado e da Embaixada da Ucrânia muitas delas estão traduzidas, facilitando aqueles que tem dificuldade em ler o idioma Ucraniano possam ao menos saber do seu conteúdo.

Leia, analise e opine. Escreva-nos e diga o que vem achando. Critique, elogie, mas nos escreva. Fale conosco pelo e-mail ou por carta.

Esperamos vocês. Bom reencontra-los por aqui.

Enfim voltamos.

Mas sabemos, é muito difícil fazer manter uma tradição, uma cultura.

Slava Ukraina.

DIRETORIA DA SUBRAS

Fonte: Jornal *Chliborob* (2013)

Se em Prudentópolis o *Prácia* conta com um forte discurso religioso, buscando a manutenção desses valores e notificando sempre que possível as atividades paroquiais do município, por outro lado, temos no *Chliborob* um informativo sem a tutela de alguma organização religiosa; desse modo, há ocasionalmente noticiários sem relações com as questões da conjuntura ucraniana, ou apenas curiosidades de modo geral, suas páginas não contam como no caso do *Prácia*, com uma retórica priorizada nas atividades eclesiais; nem atuam com um propósito majoritariamente voltado para a religiosidade comunitária. Dito isto, procuramos a partir das análises das edições da última década do jornal, trabalhar com os discursos que o periódico fez em relação à questão ucraniana, principalmente com foco na Rússia e a antiga União Soviética, assuntos tão delicados e marcados para a sociedade ucraniana e sua história.

Assim, afirmamos que as tensões entre Rússia e Ucrânia não são questões atuais, essas disputas que entraram novamente em um regime de ebulição a partir de 2014, com a invasão russa das fronteiras da Ucrânia e a anexação da região da Crimeia, recuam para muito antes disto, perpassando a URSS, o domínio soviético na região, e o *Holodomor*, que ainda hoje é tema sensível aos ucranianos, devido à magnitude de tal episódio e do fato de seu reconhecimento ainda não ser presente em vários países.

Ainda no século XIX com a imigração ucraniana para terras brasileiras, há um paralelo entre a vinda desses povos para o país e o contexto ucraniano, já que a região na época estava sendo pressionada tanto pela Polônia, o império Austro-Húngaro e a Rússia, questão que deixou a maioria da população em estado de pobreza. Apenas quase duas décadas depois das primeiras levas de imigração chegarem ao Brasil, que a Ucrânia conseguiu sua independência em relação a Rússia. Apesar de em 1918 essa independência ser proclamada, seus impasses com os russos não cessariam tão cedo.

Um dos fatores presentes nas edições do *Chliborob* aqui colocadas em evidência, e que esteve presente em todas as edições do jornal que foram analisadas até o mês de junho de 2013, foi a coluna intitulada *Deu no “Lavrador”*. Essa, de acordo com a presidente da SUBRAS, fora uma ideia implementada pelos redatores e que contava com algumas curiosidades que foram veiculadas em décadas anteriores. Esse elemento entretanto, foi abandonado no ano de 2013, quando o *Chliborob* passou por alterações estruturais, que de acordo com editorial presente em suas primeiras páginas de julho, justificavam o processo de mudança, além do que, também discorriam sobre outros ajustes recentes em seu formato de circulação, de acordo com os objetivos centrais do jornal:

É muito difícil fazer manter uma tradição, uma cultura. Nossa Sociedade Ucraniana do Brasil atua há aproximadamente noventa anos junto aos imigrantes Ucranianos dando, no seu princípio, apoio nas questões agrícolas e econômicas, objetivando

incentivo na produção agrícola familiar para subsistência e depois para o crescimento comercial. Depois disto ou mesmo de forma concomitante, aquele pequeno Clube já alçava voos maiores aos objetivos antes traçados, pois buscava manter também as tradições folclóricas, o artesanato e a língua Ucrâniana [...], mas tivemos um item de suma importância na história de nossos imigrantes e de seus descendentes que foi a criação do JORNAL ‘O LAVRADOR’, em 1924. Desde seu surgimento o Jornal sempre teve uma busca desenfreada de notícias sobre a Ucrânia ocupada com invasores de seu território. Precisávamos passar aos imigrantes e seus descendentes notícias da terra mãe. Precisávamos passar aos imigrantes todos os acontecimentos políticos que lá aconteciam, vez que qualquer deles poderia afetar seus pais e irmãos que lá ainda moravam. Décadas se passaram e a sede por notícias da Ucrânia não diminuiu. Pelo contrário hoje temos várias gerações de descendentes de Ucrânianos na busca por informações do passado e do presente na UCRÂNIA. Diante disto, nos perguntamos: Onde vamos parar com nosso informativo no formato que se encontra? Respondemos imediatamente de forma quase uníssona: na falência das informações, pois atualmente a rapidez em se obtê-las é tamanha e nosso informativo acabaria obsoleto. Foi então que decidimos parar com o Informativo escrito e passamos a levá-lo ao leitor através dos meios modernos, a ‘web’. Fomos criticados e assumimos o risco. Tivemos a graça do sucesso. Atingimos uma massa de leitores que não tínhamos. Demos a eles mais agilidade de informação. Descobrimos, antes mesmo de completarmos seis anos deste novo formato que deveríamos mudar mais uma vez. Paramos um mês, mas voltamos. Não num formato definitivo, mas numa primeira tentativa de dar a vocês leitores mais informações sobre a Ucrânia, bem como sobre nossa Cultura, nossa Religião Católica e Ortodoxa, e também sobre coisas que se passam dentro de nossos clubes, nossas comunidades. Precisamos de sua opinião. Mudamos um pouco. Admitimos mudar o que for necessário para que tenhamos um informativo que chegue ao maior número de imigrantes e de seus descendentes. Trazemos muitas notícias na língua ucraniana, mas com o apoio do Consulado e da Embaixada da Ucrânia muitas delas estão traduzidas, facilitando àqueles que têm dificuldade em ler o idioma ucraniano possam ao menos saber do seu conteúdo. Leia, analise e opine. Escreva-nos e diga o que vem achando. Critique, elogie, mas nos escreva. Fale conosco pelo e-mail ou por carta. Esperamos vocês. Bom reencontrá-los por aqui. Enfim voltamos. Mas saibam, é muito difícil fazer manter uma tradição, uma cultura. Slava Ukraina (DIRETORIA DA SUBRAS, 2013, p. 01).

Como discorremos anteriormente, as notícias veiculadas na coluna, muitas vezes faziam alusão a momentos marcantes dos acontecimentos, tanto do periódico, quanto do contexto ucraniano. Nesse sentido, marcavam presença os fatores que envolviam a Rússia soviética, a experiência ucraniana durante a ocupação nazista da década de 40, também como lembranças da própria atividade regional, ou das dependências da SUBRAS.

Em abril de 2009 por exemplo, o jornal relembra matéria de 1941 em que noticiara sobre a presença de exércitos soviéticos em mediações próximas a Lviv, onde estes buscavam: “transportar a população ucraniana da Galícia para Sibéria” (EXÉRCITOS..., 2009, p. 13), provavelmente fazendo alusão aos Gulags stalinistas do período. Além disso, em agosto de 2010 também encontramos referências ao ano de 1941, mas desta vez notificando o processo de perseguição das tropas russas por forças alemãs, em um memorando intitulado *A retirada dos russos da Ucrânia*, em que se lê:

Circulou hoje nesta capital a versão de que as forças alemãs apoderaram-se de Nikolaiv importante cidade situada no sul da Ucrânia. As forças blindadas e mecanizadas do Reich continuam perseguindo os exércitos russos do marechal Budenny, que recuam para os portos do Mar Negro, onde parece que são evacuados por via marítima, pois há notícia de que a Luftwaffe afundou transportes russos nesse

mar. As notícias oficiais acrescentam que a resistência russa se desmorona rapidamente e que as tropas sofrem enormes perdas (A RETIRADA..., 2010, p. 24).

Analisando com melhor atenção o editorial que buscava justificar as mudanças do jornal, percebemos um reforço da própria equipe da SUBRAS para enfatizar o propósito do periódico. Onde encontramos que desde sua criação em 1924, o jornal buscava atuar na concepção da Sociedade Ucrâniana, como um noticiário em relação à Ucrânia e da comunidade ucraniano-brasileira, e aos processos que ocorriam no país. Procurando dessa forma atingir um público que gradativamente foi se expandindo junto com as bases do jornal. Entendemos a partir disso que, para sua sede, o formato de noticiário foi fundamental para a identidade do *Chliborob*, mantendo um elo entre os imigrantes e descendentes, em meio a processos de circulação de ideias culturais, políticas e sociais, com relação a Ucrânia.

### 3 REPRESENTAÇÕES VEICULADAS: A POSIÇÃO DO JORNAL

No decorrer do trabalho, exploramos tanto alguns pontos que auxiliaram a imigração ucraniana ao Brasil, o assentamento desses imigrantes em Curitiba, a conseqüente formação da imprensa ucraniano-brasileira, quanto também os discursos de mídia e as representações de mundo que esses veículos ofereceram. O que fica evidente a partir do *Chliborob* e seus constantes posicionamentos sobre os dois eventos aqui pensados, respectivamente o *Holodomor* e a Crise da Crimeia. Nos capítulos anteriores, buscamos ressaltar e evidenciar o engajamento do jornal para com a causa e os discursos ucranianos, levando em conta sua posição de mediador frente à comunidade ucraniano-brasileira, especialmente de Curitiba, mas que também se estende a outras partes do Brasil, e até a alguns outros países, como Canadá. Feito esse registro, exploramos os eventos propostos e evidenciamos como eles se apresentavam no periódico. Porém, antes de levantarmos as matérias propriamente ditas, foi necessário contextualizar os jornais, abordando seus condicionantes e desdobramentos para dessa maneira situarmos o leitor frente às discussões propostas.

#### 3.1 O HOLODOMOR NAS PÁGINAS DO JORNAL

Como pudemos observar previamente, a Ucrânia foi historicamente palco de disputas entre várias das nações eslavas. Após a divisão territorial promovida de um lado pelo império Austro-húngaro, e de outro pela Rússia no ano de 1918, a região conseguiu alcançar sua independência. Porém, logo alguns anos após o feito, em 1922, fora novamente anexada, dessa vez à recém-formada União Soviética. Dentro da experiência como território anexado à URSS, a autonomia da região foi cerceada, tanto em sua base política, como social, servindo como uma extensão da experiência soviética e sendo controlada por eles:

A Ucrânia está limitada em seus direitos político-econômicos, sem relacionamento com outros países. A língua ucraniana não oficializada foi afastada dos órgãos públicos e escolas, reduzindo-se a Ucrânia a uma parte da Rússia, e sua produção, em grande proporção, enviada para fora de seu território (HORBATIUK, 1987, p. 69).

Enquanto parte da URSS, ela experienciou eventos que formaram a percepção nacional<sup>43</sup> acerca do período e da própria Rússia, porém o mais marcante foi o *Holodomor*. Considerado

---

<sup>43</sup> O sentimento anticomunista está presente em boa parte da retórica nacional ucraniana, justamente devido a essas experiências como parte do bloco soviético. Tal percepção reverbera em outros meios, como por exemplo, no próprio jornal ucraniano-brasileiro, *Chliborob*.

pelos ucranianos como genocídio<sup>44</sup>, comandado pelo regime stalinista entre 1932-1933, a *Grande fome* foi resultado de práticas artificiais do governo soviético da época que buscava o controle alimentício da produção de excessivos agrícolas e a coletivização das fazendas, que deviam abastecer a República Soviética com sua produção agrícola, como convencionado a partir do modelo econômico proposto com o *Plano Quinquenal*<sup>45</sup>. Essa prática consequentemente gerou um rigoroso controle de alimentos, e por fim acarretou um evento que ceifou milhões de vidas ucranianas, fato esse negado veementemente pela Rússia durante o período, que continuamente negava a existência de tal prática ou estado de fome, fato que ainda hoje permanece em um grau de obscurantismo em diversos países.

A abastada terra Ucrânia, em termos agrícolas, cantada desde o tempo dos gregos como um celeiro da Europa, foi severamente castigada pelo regime soviético, que impediu os camponeses de acederem aos bens alimentares, muitos destes por eles próprios produzidos. A polícia secreta soviética fechou as fronteiras e barrou o acesso de milhões de camponeses de todas as idades aos alimentos básicos. À luz de um plano criminoso, o governo estalinista desencadeou um processo de extinção das elites políticas e intelectuais críticas de Moscovo, bem como da grande massa da população produtiva da Ucrânia, em nome da total sujeição da vontade desta nação e do seu território ao poder imperialista soviético (CIESZYNSKA; FRANCO, 2013, p. 18).

Os eventos que ocorreram na década de 1930, ainda são lembrados pelos ucranianos como sendo uma das grandes tragédias nacionais à que seu povo foi submetido, se configurando também como um dos maiores dramas humanitários perpetuados na contemporaneidade. Não é à toa que anualmente o governo promove eventos que relembrem e celebrem a memória das vítimas do ocorrido. Dito isso, o *Holodomor* foi um dos exemplos das histórias e das turbulentas relações russo-ucranianas, e que especialmente a partir do século XIX se tornou um processo problemático, com as constantes investidas dentro do território. Esse fator apenas se agravou com a anexação de 1922 que porventura anulou o tratado de Brest-Litovsk e colocou a região sob a bandeira soviética.

Foi por meio do Tratado de Brest-Litovsk, assinado no início de 1918, que a Rússia abriu mão de exercer sua supremacia sobre uma grande área pertencente ao território ucraniano. Porém, o Tratado foi anulado a partir da derrota dos Impérios Centrais, ao final da Primeira Guerra Mundial, e o território passou a ser disputado na Guerra Polaco-Soviética (PRADO, 2017, p. 48)

As políticas de coletivização das terras feitas a partir do *Comunismo de Guerra* foram utilizadas pela Rússia soviética para a sobrevivência do regime em seus primórdios, assim como sua política “livre do capital”, como nos fala Anderson Prado (2017). Observamos isso a partir

<sup>44</sup> A caracterização do *Holodomor* como genocídio é ainda hoje um fator polêmico e permeado por disputas, tanto levando em conta grupos e entidades que consideram essa conceitualização válida, quanto por outros que se apropriando de um aporte jurídico, declaram a fragilidade da designação proposta para com o caso ucraniano.

<sup>45</sup> Os planos Quinquenais foram uma série de medidas econômicas instituídas pelo regime stalinista que visavam o controle e desenvolvimento do setor industrial da Rússia e que iria contribuir para a grande fome ucraniana. Vale notar que durante o período em questão, a Ucrânia era encarada como um dos grandes produtores de alimentos da Europa, contando com terras e condições férteis para o plantio, fato que também contribuiu para o *Holodomor*.

do controle do cultivo e da distribuição dos grãos produzidos que foram destinados ao abastecimento dos territórios soviéticos, que acarretou um aumento da pobreza e escassez de alimentos que atingiu principalmente os camponeses, os quais cederam parte de sua produção para subsídio do Estado. A partir dos anos 30, o modelo de coletivização, já sob o “guarda-chuva” de Stalin, foi então aplicado sob novos moldes, a partir dos planos quinquenais.

No *Chliborob* nos deparamos com uma vasta gama de referências feitas não apenas à situação nacional com o governo russo a partir da Crimeia, mas também acerca da construção de uma identidade nacional que buscava uma reafirmação mais intensa a partir de 2014. Logo, o *Holodomor* se configurou como um dos maiores traumas nacionais, como podemos ver no trecho a seguir originalmente redigido pelo portal Notícias Terra e transposto ao jornal ucraniano-brasileiro em sua edição de abril de 2009, para elucidar a comemoração de um monumento erigido em Kiev que relembra os eventos ocorridos na Ucrânia dos anos 30:

O memorial de concreto teve sua cerimônia de dedicação em novembro do ano passado, o 75º aniversário da grande fome, em um parque de Kiev, em uma colina por sobre o rio Dnipro, à sombra dos domos em forma de cebola de um mosteiro cristão ortodoxo muito reverenciado. Com mais de 30 metros de altura, o memorial no futuro abrigará um pequeno museu que oferecerá depoimentos dos sobreviventes da grande fome bem como informações sobre as aldeias ucranianas que sofreram com ela. Na União Soviética, as autoridades haviam praticamente proibido qualquer discussão da fome, mas por volta dos anos 80 os Estados Unidos e outros países estavam conduzindo investigações sobre o assunto por conta própria, muitas vezes por pressão de imigrantes ucranianos e seus descendentes. Em resposta, os dirigentes comunistas iniciaram uma campanha de propaganda cujo objetivo era atenuar a importância da fome e demonstrar que as mortes na verdade haviam sido causadas por surtos imprevistos de seca ou de escassez de alimentos [...]. A grande fome é conhecida na Ucrânia como ‘*Holodomor*’ – literalmente morte ou assassinato por fome –, e a campanha pelo reconhecimento dos fatos vem desempenhando papel significativo quanto a dar forma à busca ucraniana por uma identidade nacional na era pós-soviética. Essa busca também tornou ainda mais hostis as relações com o Kremlin, em mais uma das disputas que a dissolução da União Soviética, em 1991, legou. O governo pró-ocidental em Kiev, que chegou ao poder depois de uma revolução em 2004, classifica a fome como um genocídio ordenado por Stálin porque ele desejava dizimar a população ucraniana e sufocar as aspirações de independência quanto a Moscou (NOTÍCIAS TERRA, 2009, p. 10, grifo do autor).

Apesar da fome ucraniana ainda ser relativamente desconhecida ou não apontada com a atenção que merece, percebemos que aos poucos ela está sendo problematizada e pesquisada, isso inclui o reconhecimento de nações estrangeiras. Vale dizer que há anos a Ucrânia implementa campanhas para o reconhecimento internacional tanto do evento, quanto de sua natureza turbulenta. Esse processo de apoio aos ucranianos pode ser visto por meio de trecho que destacamos em uma coluna de sua edição de outubro de 2009, intitulada “Genocídio: apoio ao povo ucraniano”:

A Câmara de Vereadores de Campo Mourão enviou moção de apoio ao povo ucraniano reconhecendo como genocídio as atrocidades cometidas contra a população da Ucrânia durante a coletivização forçada promovida pelo governo da União Soviética no período compreendido entre 1932/33. Apresentada por José Pochapski

(PPS), a moção foi subscrita por outros seis vereadores. A iniciativa constitui-se em reconhecimento aos milhões de ucranianos que morreram durante a política de ‘fome artificial’ implantada pelo regime stalinista. Estima-se que cerca de sete a dez milhões de ucranianos foram vitimados pelo ‘*holodomor*’, denominação da língua ucraniana para o genocídio cometido no país. O número de vítimas equivale ao de judeus dizimados no holocausto nazista. José Pochapski explica que essa tragédia ‘espanta não somente pelo número de suas vítimas, principalmente entre as crianças. Espanta, antes de tudo, pela política de silêncio adotada pelo regime, motivada por princípios ideológicos e políticos. Os ucranianos assassinados nunca foram reconhecidos como vítima do terror político’. Os parlamentos dos Estados Unidos, Canadá, Estônia, Argentina, Austrália, Itália, Hungria, Lituânia, Geórgia e Polônia, entre outros países, já reconhecem o ‘*holodomor*’ como genocídio do povo ucraniano (POCHAPSKI, 2009, p. 11-12, grifos do autor).

Quando observamos os escritos, notamos o acontecimento retratado em notícias como a construção e inauguração do memorial curitibano em memória às vítimas; as anuais homenagens a essas pessoas que ocorrem em Kiev, e também nas declarações oficiais, como a do ex-presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, no dia do *Holodomor*, divulgada na edição de dezembro de 2009:

Setenta seis anos atrás, milhões dos ucranianos inocentes – homens, mulheres, e crianças – morriam pela fome em consequência das políticas deliberadas do regime de Joseph Stalin. Amanhã, nós iremos juntar-nos, ucraniano – americanos e todos os americanos, para lembrarmos estes acontecimentos trágicos e para honrar as suas vítimas. Entre 1932–1933, o povo ucraniano sofreu os horrores daquilo que se tornou conhecido como o *Holodomor* – ‘a morte pela fome’ – devido à apreensão pelo regime de Stalin das colheitas e das explorações agrícolas em todo o país. A Ucrânia neste período era considerada o celeiro da Europa. Os ucranianos poderiam ter-se alimentado e milhões de vidas seriam salvas, se a eles fossem permitidos fazê-lo. Porque nós recordamos esta calamidade, nós pagamos o tributo aos milhões das vítimas que mostraram a força e a coragem tremendas. O povo ucraniano superou o horror da grande fome e construiu um país livre e democrático. Recordar as vítimas da catástrofe artificial de *Holodomor* fornece-nos uma oportunidade de refletir sobre a situação de todos os aqueles que sofreram as consequências do extremismo e da tirania em torno do mundo. Nós esperamos que a lembrança de *Holodomor* ajude a impedir que tal tragédia se repita no futuro (DECLARAÇÃO..., 2009, p. 15, grifos do autor).

A partir da contextualização sobre a formação ucraniana e os eventos que marcaram o país até o século XX, compreendemos melhor como as relações entre os povos eslavos se formou, como a Rússia e a Ucrânia estabeleceram uma relação complexa, e de que forma levando em conta os argumentos do jornal, seu povo se estruturou a partir da independência. Também se esclareceu o contexto de uma formação cultural nacional ocorrida em grande parte ao longo do século XIX. Acerca da ascensão do nacionalismo ucraniano nesse período, entendemos que como na época o território estava sendo ocupado por países estrangeiros, viu-se a necessidade de estabelecer um sentimento nacional que aludisse e exaltasse a tradição e a história do território, logo a ascensão de mitos nacionais, figuras culturais e ritualísticas foram relevantes para os ucranianos suportarem as condições em que estavam sendo expostos tanto pelos poloneses, quanto por austríacos e pelo império russo.

Além disso, frisamos que o discurso nacionalista ucraniano, assim como boa parte dos nacionalismos ao redor do globo foram e são frutos de planejamentos e projetos políticos de um determinado grupo. E reforçamos aqui que as identidades nacionais ou de comunidade também o são, já que como nos afirma Tomás Tadeu da Silva (2000) a formação das identidades além de perpassar projetos políticos, é definida tanto pela identificação individual do sujeito para com um grupo homogêneo, o “nós”, como pela sua diferença entre outras comunidades, pelo olhar do “outro”, sendo assim, no caso dos embates políticos russo-ucranianos por exemplo, em que se busca recorrentemente o afastamento perante aos russos, o “somos ucranianos” ou “possuímos nossa própria história e nacionalidade” automaticamente busca também afirmar “não somos russos” logo, para mais ou menos, a autoidentificação nacional é sempre carregada de uma carga simbólica:

Assim a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento [...] em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma *falta* de inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por *outros* (HALL, 2019, p. 24-25, grifos do autor).

Entendemos que boa parte dos movimentos literários e culturais que ascenderam e tomaram forma durante o século XIX, foram consequências de uma série de desdobramentos de curta duração, mas pensamos que essa formação cultural e nacional pode também remeter aos eventos de longa duração, já que como vimos desde a Lituânia e Polônia até a Áustria e Rússia, o território ucraniano foi em sua maior parte do tempo dominado por agentes externos, e nem com sua independência em 1918 ele se tornou finalmente autônomo.

Dessa forma, entendemos que após tais fatores, o *Holodomor* só reforçava os sentimentos, também como animosidade entre ucranianos e russos no que tange às questões, assim como pelo regime soviético de modo geral. Exemplificamos a problemática e a preocupação do jornal com a veiculação de notícias sobre a Ucrânia, em trecho de uma edição do *Chliborob* veiculado no ano de 1948, mas que foi anexado ao impresso de abril de 2009, o primeiro veiculado no ano, já que o jornal se manteve inativo de janeiro a março. Na coluna que tem como título “Aos nossos leitores” destacamos o seguinte:

Apraz-nos apresentar à coletividade ucraina no Brasil, bem como ao povo, à imprensa e às autoridades brasileiras este novo número de ‘O Lavrador’. Jornal semanário, dedicado especialmente aos colonos ucranios espalhados por todos os quadrantes desta vasta hospitaleira e generosa Terra de Santa Cruz, ‘O Lavrador iniciou sua circulação na cidade de Porto União, no dia 19 de julho de 1924, com a denominação de ‘O Lavrador Ucranio’, circulando então ininterruptamente, até maio de 1938. A partir dessa época adotou a denominação de ‘O Lavrador’ circulando até o mês de janeiro de 1942, quando premido por dificuldades financeiras que atravessava a ‘União Agrícola Instrutiva’, então sua proprietária, viu-se forçado a suspender sua

circulação Hoje, ‘O Lavrador’ volta a circulação, refeito e melhorado, disposto acompanhar de perto a evolução natural do nosso país [...] É nossa primordial finalidade o desenvolvimento moral, cívico e intelectual, bem como a perfeita integração na coletividade brasileira, de todos os ucranianos que escolheram o Brasil para sua Pátria [...]. Não nos interessa e não é nosso desejo entrar em polêmicas políticas ou religiosas com outros órgãos congêneres. No entanto, manter-nos-emos firmes, resolutos e intransigentes na defesa dos ideais democráticos. Estamos com o Brasil ..... Somos dos que creem na Democracia. Dos que acreditam que somente a Democracia pura e real poderá dar ao mundo a paz, a liberdade e a justiça que todos almejam. O comunismo ateu e sanguinário, que há trinta anos escraviza a Ucrânia, terra de nossos antepassados, terá sempre a nossa mais veemente repulsa, o nosso mais obstinado combate. Estamos certos de que aquele lúgubre covil, aquela oficina sinistra intitulada Komintern, onde o grande Verdugo, manipula e cria com artes e manhas de diabólico artífice, a apocalíptica máquina, cujas engrenagens visam destroçar, corromper, dissolver e aniquilar a tranquilidade mundial, o adeantamento, o progresso e a liberdade dos povos, há deter um dia, o castigo que merece (AOS NOSSOS LEITORES, 2009, p. 01).

A partir dos textos e noticiários presentes no *Chliborob*, revelaram-se escritos e posicionamentos remetidos a um sentimento anticomunista do jornal. Por meio dos discursos adotados e das colunas veiculadas, que constantemente tratavam de embates para com a Rússia, observamos que não apenas o periódico, como boa parte dos cidadãos ucranianos compartilhavam de ressalvas quanto aos russos, o que irrompeu em críticas que recaíram sobre os modelos e acontecimentos históricos a que foram submetidos os dois territórios ao longo de sua relação. Foi portanto necessário, levarmos em conta os discursos e a conjuntura da feitura do impresso, assim como seu contexto editorial. Além disso, sendo um dos integrantes da imprensa ucraniano-brasileiro, atentamo-nos também para essa discussão dentro do contexto brasileiro, e como ela foi tomando forma com o passar dos anos.

A querela anticomunista no Brasil remonta aos primeiros passos da República. Temos alguma indicação do temor comunista no imaginário social, logo nos anos 1930 com o governo de Getúlio Vargas, tal como em movimentos políticos e partidários que o precederam, como foi o caso da AIB (Ação Integralista Brasileira) formulada por Plínio Salgado em 1927. Esses clamores anticomunistas se reacenderam e ganharam novos contornos na década de 1940, principalmente após o fim da Segunda Guerra Mundial.

Com a rejeição aos movimentos totalitários que se originaram das ruínas da guerra, também como o embate entre Estados Unidos e União Soviética que a sucedeu, vemos no Brasil uma ascensão de movimentos que ao reivindicar os moldes liberais norte-americanos, enxergam no modelo soviético resquícios do totalitarismo europeu. Não nos cabe aqui entrarmos em uma discussão acerca de modelos e especificidades políticas existentes durante o período, nem em questões de modelos econômicos de fato. Ademais, buscamos elucidar a partir de uma contextualização do anticomunismo brasileiro - sentimento esse que foi um dos estopins

para o advento do regime militar de 1964 e sua continuidade - como tal elemento pôde ter contribuído para os discursos do jornal, além das questões específicas do contexto ucraniano.

Para Motta (2000) o anticomunismo, não apenas no Brasil, mas como conceito, se colocou a partir de intenções e práticas de sujeitos ou grupos que explicitavam uma recusa ao modelo soviético. Em suas palavras, ele o define da seguinte forma:

A definição de anticomunismo é, em princípio, relativamente elementar. Mas tal aparente simplicidade recobre uma realidade bastante complexa. Anticomunistas seriam os indivíduos e grupos dedicados à luta contra o comunismo, pela palavra ou pela ação. A base de sua atuação estaria centrada, portanto, numa atitude de recusa militante ao projeto comunista. Ressalte-se, comunismo entendido como a síntese marxista-leninista originadora do bolchevismo e do modelo soviético (MOTTA, 2000, p. 04).

No editorial de abertura do mês de abril de 2009, que exemplificamos anteriormente, conseguimos encontrar alguns excertos que remetiam ao sentimento de uma parcela de ucranianos com relação ao país eslavo e à experiência deste como território anexado à URSS. Reforçamos entre as linhas, a reiteração aos valores democráticos por parte dos redatores, estes que foram de encontro – na concepção desse grupo – aos clamores brasileiros da época<sup>46</sup> (Anexo F) e que reafirmaram a união entre a comunidade ucraniana e brasileira pelos princípios da liberdade, e a ojeriza ao “comunismo ateu e sanguinário que há trinta anos escraviza a Ucrânia, terra de nossos antepassados [...]” modelo esse “cujas engrenagens visam destroçar, corromper, dissolver e aniquilar a tranquilidade mundial, o adeantamento, o progresso e a liberdade dos povos, há deter um dia, o castigo que merece”.

Vale lembrar que como jornal veiculado por descendentes de imigrantes, muitos destes serviam para acusar ou noticiar o que ocorria na Ucrânia do século XX. Como exemplo, temos em Prudentópolis durante a década de 1930, as notícias acerca do *Holodomor*. Já que a Ucrânia e seu povo se encontravam sob a égide do stalinismo, e assim possuíam limitações de comunicação, muitas vezes o modo que eles encontravam para comunicar os ocorridos se dava por meio de cartas, estas encontravam destino em familiares e jornais de outros locais, que logo ficavam a par do que estava ocorrendo em território ucraniano, ao menos na realidade do remetente. Desta forma, além de um noticiário sobre a situação política em um escopo ampliado, muitas vezes acusando a situação de fome e desespero à que a maioria das pessoas era submetida, o jornal contava com publicação de cartas e relatos, feitos entre familiares que se correspondiam privadamente, ou por intermédio do próprio jornal.

---

<sup>46</sup> É importante nos atentarmos ao fato de que no ano de 1948, período do editorial em questão, o Brasil estava sob o governo do militar Eurico Gaspar Dutra (1946-1951), empossado após a retirada de Vargas do poder em 1945 devido as pressões populares e políticas. Em linhas gerais Dutra fez consideráveis acenos aos Estados Unidos da América e a suas políticas econômicas, ao mesmo tempo em que reafirmava a repulsa do governo brasileiro pelo modelo soviético e o comprometimento de combate ao comunismo.

Os relatos de acontecimentos do país eslavo eram veiculados a partir da coluna *Do Mundo*. Assim, apesar do nome da coluna remeter a um escopo internacional, a grande maioria das suas informações mirava a própria Ucrânia; sendo assim, a maior parte das denúncias das práticas de Stalin na região eram à época veiculadas no *Prácia* por meio desse espaço de acordo com Prado (2018, p. 106):

Notícias do domínio russo sobre a Ucrânia não eram raras. A maioria das reportagens com esse teor denunciavam os ‘excessos’ da imposição política e étnica feita pela Rússia. Faz-se pertinente apontar que tais notícias vinham acompanhadas de um peso ideológico e cultural, pois sendo um jornal de uma comunidade de imigrantes ucranianos, a perspectiva de vitimização era aparente.

Processo similar ao descrito acima, acerca dos relatos e notícias veiculados no *Prácia* a respeito do *Holodomor*, conseguimos encontrar em muitas edições do *Chliborob*, que perpassaram os anos dentro de nossa delimitação proposta. Em nossas balizas, encontramos o assunto também nos anos 2009-2012, mas sobretudo a partir de 2013, época em que se acentuava consideravelmente a crise da Criméia, e em que se posicionou o jornal como um veículo de denúncia do processo entre a comunidade ucraniano-brasileira. Seja para relembrar acontecimentos remotos que envolveram os dois países, legitimar a Ucrânia frente à Rússia, ou em tom crítico frente a esta última, o jornal ora ou outra, nos revelou suas argumentações de embate. Porém, tais estranhamentos não ficaram apenas no campo do passado, já que eventos contemporâneos também apareceram em suas páginas.

Na edição de setembro de 2009 por exemplo, foi repercutida a declaração do presidente russo Dmitri Mevdev (2008-2012) sobre o que em suas palavras seria uma “política anti-Rússia” por parte do presidente ucraniano Viktor Yuschenko (2005-2010); por este ter afirmado seu desapontamento por conta do posicionamento russo; o que acarretou a prejuízos diplomáticos e comerciais entre os dois países. Já que era clara a fragilidade da relação entre os dois países, e alarmante a omissão de responsabilidade por parte de Moscou.

No mesmo ano, em edição de junho, reforçou-se o sentimento anticomunista por parte de uma parcela da comunidade ucraniana, assim como as políticas pelo resgate da memória nacional implementadas por Yuschenko, sempre relembrando a submissão e os percalços de seu país frente ao modelo soviético. Através de um noticiário que colocava a constante tarefa do governo para a retirada de símbolos que remetiam ao período soviético, o que segundo ele era uma contradição e um desrespeito à trajetória nacional:

‘A Ucrânia tem que finalmente e definitivamente limpar-se dos símbolos do regime comunista, que destruiu milhões de vidas de pessoas inocentes’, - disse o Presidente Viktor Yushchenko no Parque Nacional ‘Túmulos de Bykinia’ durante os eventos dedicados à memória das vítimas da repressão política. ‘Não pode ser a absolvição. Aqueles símbolos não fazem parte da nossa história, como alguns cinicamente querem dizer. São rudimentos do regime comunista, símbolos do homicídio, a preservação

dos quais é uma blasfêmia antes todos os caídos' - disse Yushchenko (YUSHCHENKO..., 2009, p. 10-11).

A partir disso, observamos um noticiário que recorrentemente nos leva às relações entre esses dois países, seja em eventos recentes ou não. No ano de 2012, em sua edição do mês de maio, houve uma coluna reeditada de seu original em 1991, e escrita pelo ex-deputado federal do Paraná, descendente de ucranianos, Pedro Firman Neto, intitulada *A Ucrânia é anterior à Rússia: A Legitimidade de sua soberania*. Ao longo de suas quase duas páginas, Firman apelou para fatos históricos e argumentos que buscavam legitimar o território ucraniano frente à Rússia, esclarecendo portanto, uma maior ancestralidade deste primeiro.

Entre seus argumentos, temos a ancestralidade do Principado de Kiev dos séculos IX e X, em face à dinastia moscovita que iria erigir a capital russa em algum momento do século XII, e a etimologia da própria palavra *Rus*, que derivaria da denominação dada aos subordinados de Kiev. Assim, há uma tentativa por meio da coluna de desestruturar teses de que a Ucrânia seria uma nação separatista, ao invés disso, nas palavras do escritor, essa denominação era mais adequada ao território russo, que em seu princípio se separou da já colocada *Rus de Kiev*:

Por essa razão, falar da 'Ucrânia separatista' de 'separatismo do povo ucraniano', como se fora um oportunismo fortuito, é uma heresia e agressão à história [...] Na realidade, a Rússia, e não a Ucrânia, regressa, mais humilde, às suas origens históricas. A Ucrânia, nesse particular, está onde sempre esteve: em Kyiv (NETO, 2012, p. 15-16).

Apesar de existirem contestações quanto a sua natureza causal, afirmando que seu princípio não foi intencional, ou seja, refutando a tese de ser uma fome artificial e atribuindo a sua causa a fatores acidentais dos planos econômicos stalinistas; por outro lado, um dos pilares centrais do argumento ucraniano que definiu as práticas de época como genocídio, atestou que o modelo econômico colocado, as coletivizações de terras e os planos quinquenais que controlavam o excessivo agrícola, foram atos que diretamente influenciaram a fome ucraniana dos anos 30, não à toa o termo *Holodomor*, que como aqui já discorreremos, alude a essa fome artificial que mencionamos, comporta tal terminologia devido ao entendimento dos ucranianos, e demais países que o reconhecem como um acontecimento que poderia ter sido evitado, porém o projeto de industrialização do território russo e do alcance soviético demandavam outros planos.

O *Holodomor*, assim como outras práticas stalinistas tomadas no período, começaram a vir à tona a partir de finais dos anos 50, durante o governo de Nikita Krushev (1953-1964) sendo que os relatórios e documentos que indicavam as mortes e os eventos ocorridos na Ucrânia na grande fome, tiveram mais atenção a partir do fim da década de 80. Em face dessa documentação, ao passo que alguns países tenderam a não reconhecer o *Holodomor*, outros o

tiveram como um fato que ceifou milhões de vidas. De acordo com Prado (2017, p.50, grifo do autor):

As mortes decorrentes das coletivizações ainda são motivos de algumas divergências entre ordens diplomáticas até hoje, devido ao fato de não ser considerado um holocausto. Esse tipo de comparação ao ocorrido com judeus e ciganos, no período nazista, é uma constante quando o assunto é legitimar ou não a alcunha de holocausto. Ao apontarmos o número de vítimas, definitivamente não se pode negar o teor genocidiário do *Holodomor*, pois, se estima, segundo a Comunidade Internacional dos Direitos Humanos, que sete milhões de ucranianos morreram devido à fome, números que impressionam ainda mais, considerando que o fato ocorreu no período de apenas um ano, entre 1932 e 1933.

Em contrapartida, o autor alertou que parte das fontes que trataram do ocorrido estiveram ligadas à causa por algum ângulo, seja ele cultural, religioso ou político. Tendo em conta os movimentos anticomunistas<sup>47</sup> que ganharam espaço após a Segunda Guerra Mundial, esses também apresentaram trabalhos que apontavam o *Holodomor* com o intuito de desgastar o regime comunista.

Após o que discorreremos do reconhecimento brasileiro sobre o *Holodomor*, é importante colocarmos que a cidade de Curitiba conta desde dezembro de 2009 com um memorial dedicado às vítimas, fato que movimentou a comunidade ucraniano-brasileira, e também figurou entre suas páginas na edição de janeiro de 2010:

O Ministro da Cultura da Ucrânia, Vasyl Vovkun, inaugurou monumento em homenagem às vítimas de *Holodomor* nesta sexta feira, 11/12/2009, no Memorial Ucraniano do Parque Tingui, em Curitiba. A grande fome que dizimou a população da Ucrânia, integrada à URSS nos anos de 1932 e 1933, está sendo reconhecida como genocídio por diversos países. *Holodomor* significa morte pela fome, ou ainda ‘moryty holodom’, morte induzida através da fome (RCUB, 2010, p. 10, grifo do autor).

---

<sup>47</sup> Referindo-se aos movimentos anticomunistas do pós-guerra, compreendemos as particularidades de cada território e suas conjunturas específicas, nesse sentido, longe de ser algo homogêneo, as características organizacionais e contextuais erigidas principalmente com as disputas da Guerra Fria, assumiram uma heterogeneidade expressiva.

Figura 4 – Memorial ao *Holodomor* em Curitiba.



Fonte: PORTAL UCRANIANO. **História do Memorial Ucraniano de Curitiba**. Curitiba, 2015. Disponível em: <https://ucraniano.com.br/memorial.html>. Acesso em: 20 maio. 2021.

O monumento da figura 4, nos dá mais subsídio para analisarmos a amplitude do que representou o *Holodomor* mesmo em escala internacional. Percebemos, portanto, que mesmo que de modo oficial o governo brasileiro não tenha se posicionado quanto ao seu reconhecimento, ele é lembrado constantemente em certas localidades, principalmente naquelas que contam com uma presença expressiva de ucraniano-brasileiros em seu meio.

### 3.2 CRISE À VISTA: UCRÂNIA INDEPENDENTE E “EUROMAIDAN”

Apesar de que entre 2009 e 2013 as matérias terem aludido a questões que diziam respeito às relações entre as duas nações, é a partir de 2013 que notamos uma escalada das tensões, e na medida em aumentavam foram naturalmente transplantadas às páginas do *Chliborob*. A Crise da Crimeia é comumente relembrada apenas a partir da anexação da região, porém, consideramos pertinente nos debruçarmos sobre alguns fatores predecessores, e que foram gradativamente escalonados até a entrada das tropas russas na região. Logo, foram levados em conta neste estudo, os fatores diplomáticos como a tentativa de entrada da Ucrânia na UE (União Europeia) e os embates que permeavam o campo da memória.

Para falarmos sobre os impasses russo-ucranianos vivenciados no final de 2013, foi preciso retornarmos alguns anos antes, para com isso vislumbrarmos outros aspectos da relação entre os dois países que se destacaram em um cenário pós queda da União Soviética. Como observa Denis Matoszko (2017) em um primeiro momento, após o fim da URSS ambos os territórios tiveram conflitos que sobretudo diziam respeito aos aspectos identitários e culturais

entre as nações. Principalmente levados adiante através de decisões de projetos políticos de seus líderes à época. A diplomacia já se encontrava fragilizada devido às relações com o extinto bloco soviético<sup>48</sup>, assim, por parte ucraniana, um dos objetivos iniciais para com a Rússia, era esclarecer a soberania nacional e sua autonomia como país independente, ao passo que o Kremlin tentava manter posição de destaque para com as nações eslavas.

Alguns atritos vivenciados nesse período foram turbulências como: a questão das forças armadas – no momento em que Ucrânia desejava um grau de autonomia em suas operações, a Rússia buscava um comando militar unitário - e o debate sobre as ogivas nucleares, onde o Kremlin exigia a transferência de todo o poderio nuclear armazenado nos demais países, em tempos soviéticos, para o território russo. Tal tema foi fruto de debate nos anos vindouros após a queda da URSS<sup>49</sup> porém apenas finalizadas em 2004, quando a Ucrânia, assim como outros países, concordou em ceder seu arsenal nuclear, assim, de acordo com Fortes:

As negociações entre Kuchma e Yeltsin possibilitaram superar alguns pontos de discordância importantes, tais como o status nuclear da Ucrânia e a questão do uso da base naval de Sevastopol. Ainda havia, entretanto, atritos nas relações entre os dois países, particularmente devido à animosidade manifestada entre seus órgãos legislativos. Não obstante a assinatura de um tratado de amizade, o perdão da dívida ucraniana e a declaração pública em que Yeltsin afirmou o respeito à integridade territorial da Ucrânia, o parlamento 70 deste país recusava-se a ratificar o acordo assinado entre os dois presidentes acerca de Sevastopol (FORTES, 2017, p. 69-70).

Apesar dos impasses entre as duas regiões no primeiro decênio do século XXI terem se dado tanto por razões como as já citadas acima, além de outras, como a polêmica da entrada da Ucrânia na OTAN<sup>50</sup> (Organização do Tratado do Atlântico Norte) - fator que desagradava o Kremlin e o recém-eleito presidente, Vladimir Putin (2000-2008; 2012-) - os ucranianos também sofreram com alguns processos de turbulência interna. Destes, o que mais se destacou foi a chamada Revolução Laranja<sup>51</sup>.

---

<sup>48</sup> Nos referimos aqui aos países que compunham a URSS e adotaram o modelo socioeconômico e político soviético proposto pelo Kremlin, em contraparte ao modelo capitalista liderado pelos Estados Unidos e aplicado em outras regiões pelos norte-americanos.

<sup>49</sup> A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas foi dissolvida em dezembro de 1991, dando fim às disputas iniciadas ainda na década de 40 após a Segunda Guerra Mundial. Vários foram os fatores que contribuíram para sua queda, passando por questões econômicas, políticas e militares que se arrastaram ao longo dos anos.

<sup>50</sup> A questão da entrada da Ucrânia na OTAN, cuja intenção de integração ao bloco foi anunciada ainda no governo Leonid Kuchma (1994-2005), vêm se arrastando a mais de uma década. Ao passo em que a aliança foi vista com bons olhos pela Ucrânia e outros países membros, a Rússia considerou a opção como uma ameaça à sua soberania, ao expandir o bloco para o leste europeu.

<sup>51</sup> A Revolução Laranja, como ficou conhecida, foi um processo que se iniciou em 2004 logo após a vitória nas eleições do candidato Viktor Yanukovich, apoiado tanto por seu antecessor, Leonid Kuchma, e por Moscou. Logo após o pleito anunciar sua vitória, opositoristas e diversos setores da Ucrânia acusaram o processo de fraude. Tal fato se agravou quando potências como os EUA, a União Europeia, o parlamento e suprema corte aderiram às teses que deram vitória a Viktor Yushenko (2005-2010), que após a realização de um novo pleito, foi anunciado como vencedor. Esse processo fragilizou ainda mais as relações entre Ucrânia e Rússia, já que Moscou acusou tanto os países ocidentais, quanto opositoristas ucranianos, de interferirem no processo eleitoral previamente acertado.

Tanto esses processos internos e externos, se relacionaram em maior ou menor grau com os acontecimentos que se iniciaram logo nos primeiros anos do segundo decênio, e que futuramente culminaram na situação da Crimeia, o que consideramos o ponto de ebulição para processos que anos antes já demonstravam a fragilidade das relações. Para se analisar os impasses vivenciados foi necessário compreendermos as mudanças na política russa que foram introduzidas principalmente com a eleição de 2012, ao qual reestabeleceu Vladimir Putin como presidente, sucedendo Dimitri Medvedev:

No ano de 2012, Vladimir Putin assume a presidência da Federação Russa pela terceira vez não-consecutiva. Enquanto não esteve à frente do governo do país, esteve sempre presente na formulação das políticas da Rússia. Participou do governo de Boris Yéltsin, primeiro presidente da Federação, como primeiro-ministro. Em seguida, ao fim do mandato de Yéltsin, assumiu como presidente interino, até ser eleito duas vezes consecutivas (eleições de 2000 e 2004) com a maioria dos votos. Repetindo a tradição, ao não estar na liderança, foi um dos dois primeiros-ministros de Dimitri Medvedev. As políticas adotadas por Putin ao longo de seus mandatos são de um estadista nato com preocupações voltadas à retomada de poder estatal anteriormente experienciada pelo território em regime soviético. Assim sendo, a memória do império soviético, assim denominado informalmente durante a Guerra Fria devido à bipolaridade existente e seu grau de poder mundial, pode ser considerada como uma das bases que guiam as atividades desenvolvidas por ele. Partindo disso, surge o estudo em relação à denominada memória soviética: anseios baseados em experiências vividas no período soviético a serem aplicados atualmente na política externa da Rússia (FIGUEIREDO, 2017, p. 02).

Como parte do projeto de governo vivenciado na era Putin, percebeu-se que o ímpeto para o aumento do poderio russo, em um sentido de relevância internacional, criou tensões com o governo ucraniano. Um outro ponto que na esteira dessa expansão russa proposta pelo então presidente, colidiu com os interesses de Kiev, foram as crescentes conversas do governo ucraniano com a cúpula da OTAN, fato que ao mesmo tempo em que deu mais autonomia aos ucranianos, os levou a ainda mais para longe do legado soviético e das tratativas com Moscou:

<sup>52</sup>A Ucrânia se aproximou de uma agenda ocidental nos anos recentes, com a expansão da OTAN e da União Europeia, tal fator pode começar a fazer uma real diferença e oferecer uma possibilidade para a Ucrânia. Por outro lado, isto pode desencadear certas reações por parte da Rússia [...] Em 1999, a Ucrânia começou a expressar uma clara preferência pela OTAN e uma participação nula nas estruturas militares da CEI<sup>53</sup>. Porém, com uma crise política doméstica em 2001, o alinhamento político russo-ucraniano em um nível presidencial se provou repentinamente útil novamente (BUZAN; WAEVER, 2003, tradução nossa)

<sup>52</sup> Ukraine has moved up in Western agendas in recent years and, with enlargement of NATO and the EU, the Western factor could begin to make a real difference and offer more of a choice to Ukraine. This, on the other hand, could trigger determined reactions from Russia [...] In 1999, Ukraine began to express a clear preference for NATO and non-participation in CIS military structures. Yet, with a domestic political crisis in 2001, Russian-Ukrainian political alignment at the presidential level proved suddenly useful again (BUZAN; WAEVER, 2003, p. 417).

<sup>53</sup> A CEI (Comunidade dos Estados Independentes) constitui um bloco econômico formado originalmente pela Rússia, Ucrânia e Bielorrússia em 1991, logo após a dissolução da URSS. De acordo com Fortes (2017), ela determinava as relações multilaterais entre seus membros, o reconhecimento da autonomia de cada território participante, o respeito aos direitos humanos, e a liderança da Rússia como substituta da extinta URSS na ONU (Organização das Nações Unidas). Por fim, o controle do armamento nuclear entre os territórios, também foi estabelecido como medida protetiva entre os países.

De modo geral, podemos colocar o início da crise de fato no período final do mandato do então presidente Viktor Yanukovich (2010-2014). Quando assumiu a presidência, especulava-se que seu governo pudesse melhorar as relações com o Kremlin, por conta de indicações de uma provável reaproximação entre os dois países, como por exemplo, com o anúncio do governo ucraniano em se afastar das negociações em andamento até aquele momento e de sua entrada na OTAN. Tais acenos para os russos no entanto, logo deram lugar a alguns problemas internos, que refletiram por exemplo, na desvalorização massiva do gás nacional<sup>54</sup>. Os problemas no entanto, só foram a ponta do iceberg em uma cadeia de eventos que culminou nas tensões diplomáticas de 2013, em meio ao crescente avanço nas negociações entre Ucrânia e a UE:

Neste período, as negociações entre o governo ucraniano e a UE para a assinatura de um Acordo de Associação estavam em estágio avançado, prevista para ocorrer na reunião de cúpula da UE em Vilnius, em novembro daquele ano. Embora a aceitação desse tratado não constituísse o ingresso imediato da Ucrânia como membro pleno do bloco europeu, certamente indicava um passo importante nesta direção. Além disso, o acordo incluía cláusulas comerciais que, apesar de oferecer maior acesso ao mercado europeu, tornariam incompatível a entrada da Ucrânia na União Econômica Eurasiática (FORTES, 2017, p. 77).

Em reação ao iminente tratado a Rússia temendo que a aliança entre Ucrânia e UE deixasse o Kremlin em uma posição desvantajosa, tanto em relação a sua relevância internacional, mas sobretudo em face da sua posição defronte à economia ucraniana, o governo de Putin decidiu oferecer uma outra alternativa à Kiev. Diante de uma proposta de um empréstimo bilionário e ainda uma promessa de redução no preço do gás, que ainda era uma temática sensível para o governo ucraniano, Yanukovich decidiu então aderir à oferta russa, e conseqüentemente se afastar das negociações com a União Europeia. Em consequência ao afastamento, inúmeras revoltas emergiram em todo território, o que levou para mais um cenário de crise nacional e à decorrente queda do governo Yanukovich:

[...] foi um choque quando a Ucrânia simplesmente parou todas as negociações com a UE em 21 de novembro, uma semana antes do encontro de Vilnius. No mesmo dia, o parlamento desistiu da sua pretensão de uma reforma legal ou libertar Tymoshenko. Também no mesmo dia, pequenas demonstrações começaram na praça Maidan em Kiev, nascidas da frustração de que o regime de Yanukovich agora iria se consolidar sob proteção russa. Ele continuou a pressionar os líderes da UE até o último minuto, negociando incessantemente com ambas Bruxelas e Moscou. Mas quando o encontro de Vilnius se encerrou em desordem, uma tentativa brutal foi feita para dispersar os protestantes nas horas finais do dia 30 de novembro, enquanto Yanukovich estava caçando (WILSON, 2015, tradução nossa)<sup>55</sup>.

<sup>54</sup> Em uma tentativa de se legitimar economicamente perante Moscou, o governo ucraniano decidiu diminuir a importação do gás para o território russo e assim dar prioridade ao restante da Europa. Isso no entanto, refletiu em um fortalecimento dos dutos russos, que passaram a se tornar mais atraentes para os demais países europeus, tal fator reverberou em uma desvalorização da Ucrânia como rota comercial do produto.

<sup>55</sup> [...] it was still a shock when Ukraine simply stopped all negotiations with the EU on 21 November, a week before the Vilnius summit. On the same day, parliament gave up on the pretence of legal reform or freeing

Como resposta à atuação do governo nos protestos que eclodiram em novembro, as manifestações contrárias ao presidente e sua atuação frente ao problema só aumentavam. O que fez com que no início de 2014, a capital Kiev se encontrasse em uma situação delicada, com manifestantes frequentemente ocupando suas ruas. O elo que ligava a maioria dos manifestantes era uma inclinação favorável às negociações entre Ucrânia e UE. Fator que levou a grande mídia a adotar o título de *Euromaidan* para se referir aos movimentos de protesto. Tal nomenclatura passou assim a figurar nos grandes noticiários ao redor do globo, assim como a crise nacional e diplomática em que a Ucrânia se encontrava.

O cenário de protestos logo se tornou cada vez mais acalorado, com a crise extrapolando suas fronteiras, e a ocorrência de mortes devido aos tiroteios entre manifestantes e policiais. Diante do cenário caótico que ameaçava desembocar em uma guerra civil, decidiu-se pela adoção de uma nova carta constituinte, que limitava os poderes do presidente, e a formação de um novo governo pelo parlamento, além disso, ficou acordado para a realização de novas eleições até o final de 2014.

Com a subsequente saída de Yanukovich de Kiev, e a aprovação de seu *impeachment* em fevereiro, o novo governo foi chefiado pelo então presidente interino Oleksandr Turchynov. No entanto, a maioria dos novos gabinetes incorporados por parlamentares e políticos que se opunham à Rússia, e que aconselhavam o distanciamento dela, causaram revolta entre as diversas regiões da Ucrânia que contavam com uma população majoritariamente russa, entre elas, a Crimeia. A situação que ainda não se encontrava inteiramente definida, deflagrou num novo episódio de conflitos:

Na Crimeia, cuja população é de origem majoritariamente russa, a resistência e a desconfiança em relação ao novo governo deram ímpeto a um movimento declaradamente separatista. Os militantes separatistas, encontrando pouca resistência das autoridades ucranianas, tomaram o controle de prédios públicos e de bases militares na península (FORTES, 2017, p. 80).

Após um referendo realizado em março de 2015 - este que foi considerado ilegal tanto por Kiev, quanto pela UE e demais países do ocidente - mais de 90% da população indicou o desejo de sua separação da Ucrânia e a consequente anexação do território à Rússia; tal resultado deu então segurança ao governo russo que dias após o referendo, oficialmente anexou a região à federação.

---

Tymoshenko. Also on the same day, small demonstrations began on the Kiev Maidan, born of frustration that the Yanukovich regime would now consolidate itself under Russian protection. He continued to string EU leaders along until the very last minute, blatantly trading with both Brussels and Moscow. But once the Vilnius summit ended in disarray, a brutal attempt was made to disperse the protestors in the small hours of 30 November, while Yanukovich went hunting (WILSON, 2015, p. 348).

Como dito anteriormente, a Crimeia é considerada uma região estratégica tanto pela Ucrânia quanto e pela Rússia, por causa da parte comercial (pois a península se encontra como um entreposto comercial interligando o Mar Negro ao de Arzov) e pelo âmbito militar (devido a presença da base de Sevastapool). Além disso, sendo sua população majoritariamente de origem russa<sup>56</sup>, para Moscou a reivindicação da península era um ato acertado, pois o fato ultrapassava o pragmatismo militar e se inseria num plano simbólico, logo, sendo a Crimeia um território que possuía sua trajetória interligada à história soviética e russa, a anexação foi considerada uma questão de orgulho nacional:

Putín, como estadista exemplar, ‘atribuiu ainda à Criméia um profundo significado espiritual para a Rússia e seu povo (...) uma valiosa importância civilizadora e até sacra para a Rússia como o Monte do Templo em Jerusalém para seguidores do Islã e do Judaísmo’ [...] Para além disso, a memória soviética é usada pelo governante como instrumento chave para retomada da narrativa russa na Crimeia por meio da nostalgia. A Crimeia tem uma forte relação com o passado soviético e, como resultado, no imaginário atual da Rússia. Para além da cultura, presença massiva de população russa na região, tradição literária e importância geográfica, há também a importância turística que remonta o passado (FIGUEIREDO, 2017, p. 23).

---

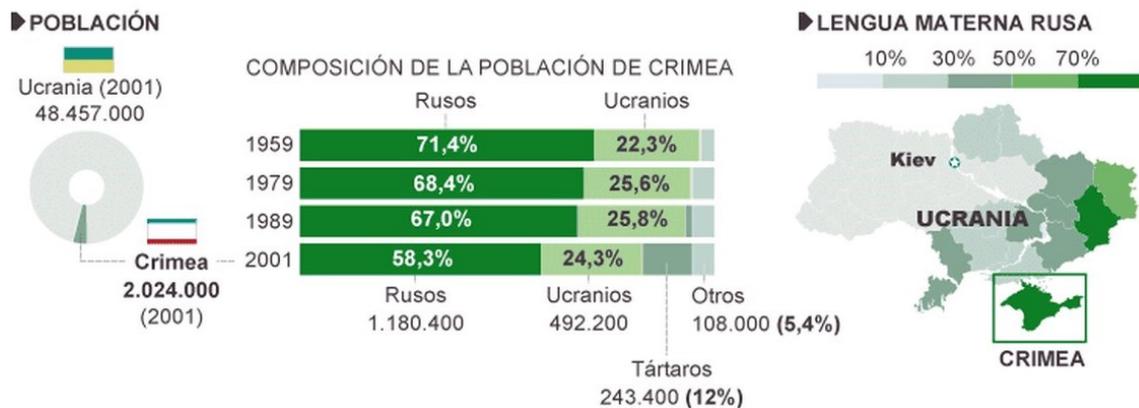
<sup>56</sup> A região da Crimeia foi oficialmente anexada ao império russo em 1783, sendo que em 1954 o então líder soviético Nikita Krushev anexou o território à URSS. Após o desmantelamento da União Soviética em 1991, a península ficou sob o governo ucraniano.

Figura 5 – Localização da Península da Crimeia



Fonte: BBC. **Ukraine crisis in maps**. London, 2015. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-europe-27308526>. Acesso em: 26 jan. 2021.

Figura 6 – Relação de grupos étnicos na Crimeia



Fonte: EL PAÍS. **Crimeia ante o referendo**. Madri, 2014. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2014/03/15/internacional/1394905738\\_528801.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/03/15/internacional/1394905738_528801.html). Acesso em: 26 jan. 2021.

Como podemos ver na figura 6, não apenas a Crimeia é formada majoritariamente por povos oriundos da Rússia, mas o restante da Ucrânia também possui uma composição étnica dividida, o que se reflete em uma situação em que enquanto boa parte dos territórios do oeste ucraniano possuem o idioma oficial como língua materna do povo, essa predominância já é diluída quando começamos a adentrar o leste do país, onde o russo já se encontra mais disseminado entre a população.

A forte presença não apenas do idioma russo, mas de suas tradições, ocorrem devido a já postulada forte presença destes povos no território em sua história como um país autônomo

e ainda antes disto, quando suas fronteiras ainda não se encontravam bem delimitadas. A experiência ucraniana em eventos como a partilha do solo entre Rússia e o império Austro-Húngaro no século XIX, e a sua futura anexação à União Soviética em 1922, deixou marcas em sua composição étnica.

Tal fator, para os grupos que defendem o afastamento do país de tudo o que remete à Rússia, é visto como um problema, pois essas pautas reverberam em outros pontos, como a inclusão de escolas e programas educacionais que contam e estimulam a presença e o ensino do idioma e da cultura russa. Em coluna do *Chliborob* veiculada em abril de 2012, e escrita por Wolodimir Galat, o autor expressou suas preocupações quanto ao assunto. Remetendo a uma denominada “russificação” da Ucrânia, e mais uma vez exprimindo as opiniões a respeito de seus vizinhos eslavos, ao longo da intitulada *o que impede certos cidadãos ucranianos de falar seu proprio idioma?* pôde-se destacar o seguinte:

Não é segredo para ninguém que existem regiões na Ucrânia, nas quais não se ouve falar idioma ucraniano. Segundo alguns dados estatísticos, falam russo quase ou mais de 50% cidadãos [...] O processo de ‘russificação’ de territórios ucranianos já se estende por vários séculos. Mesmo agora, já com a Independência de 20 anos, a pressão da Federação Russa sobre a Ucrânia independente é intensa (GALAT, 2012, p. 17-18).

A questão idiomática não se encerrou porém em uma única matéria. No ano de 2012 pudemos encontrar mais de uma menção ao debate, sendo uma delas na edição de julho, e a outra no mês seguinte, ambas dedicadas inteiramente ao assunto. O engajamento com que o *Chliborob* tratou o tema, no deu indícios de fatores que como já vimos, agravaram consideravelmente a partir do final do ano seguinte, porém a escolha de 2012 para o tratamento da pauta não foi uma mera coincidência, já que foi nesse ano, mais precisamente no dia 5 de junho, que o parlamento ucraniano aprovou em primeira instância uma das medidas que inflamaram muitos dos setores sociais que buscavam se afastar da Rússia, também como do jornal.

Apesar de o idioma oficial da Ucrânia ser constitucionalmente o ucraniano, em junho de 2012 foi aprovada a inclusão do russo como idioma regional no país, devido justamente a grande parte da população russa na região. Essa medida gerou uma série de protestos e confrontos entre policiais e manifestantes em Kiev. Para os opositores, o idioma ucraniano é um símbolo da soberania nacional, e a inclusão do russo marcaria então mais uma sinalização do país como ainda subordinado à influência russa. No *Chliborob* a indignação contra essa decisão parlamentar foi expressa pelo mesmo autor do nosso primeiro exemplo, o escritor Wolodimir Galat, que de modo enfático, afirmou em coluna intitulada *A luta pelo idioma ucraniano continua* que:

A luta pelos direitos do idioma ucraniano na Ucrânia está se estendendo indefinidamente. A infame lei dos deputados do Partido Regional, foi aprovada dia 05 de junho, na primeira das duas votações necessárias pelo parlamento ucraniano [...] Toda essa campanha dos elementos pro-russos traz uma grande confusão e uma falta de respeito com os valores nacionais ucranianos. Mesmo assim, a discussão parlamentar não parou, continuam discutindo e apresentando novas emendas e as manifestações não param, na Ucrânia e também no exterior – Canadá, Estados Unidos, Austrália e até no Brasil estão aparecendo diversas formas de protesto contra agressão ao idioma ucraniano [...] Por mais amenizada, a lei apresenta uma grave ameaça ao idioma ucraniano. Mesmo nos dias de hoje, o russo está muito espalhado, e o que, então, poderá acontecer com essa lei aprovada e idioma russo sendo oficializado. A minoria russa está levantando um universal lamento, acusando ucranianos de perseguir o coitadinho do idioma russo (GALAT, 2012, p. 25).

Já em agosto foi retratado um estudo feito pela BBC (*British Broadcasting Corporation*) que buscou entrevistar moradores que adotavam o idioma russo, e que por sua vez, relatavam suas dificuldades em se adaptar ao ucraniano em atividades cotidianas, como ver filmes ou ler bulas de remédios. Ao fim de algumas entrevistas, a redação concluiu emitindo seu próprio posicionamento a respeito do assunto:

Como podemos ver as dificuldades com o idioma ucraniano para os moradores que falam o russo são, em princípio a comodidade, a falta de interesse e, porque não dizer, a preguiça. Como é possível viver dezenas de anos no meio do povo ucraniano e não aprender o seu idioma, sendo que seus filhos já falam o ucraniano e frequentam escolas ucranianas. O que seria, então, mais fácil - sofrer durante os anos com as traduções ou aprender de vez o idioma oficial do país, onde vive? A isso, precisa adicionar a instigação de políticos e nacionalistas russos, cujas intenções visam o domínio da Federação Russa sobre a independência da Ucrânia. Nesta política, a Rússia investe muito dinheiro – seja na imprensa, nos livros, na literatura e na arte, não falando em pressões político-econômicas e a corrupção dos parlamentares e altos funcionários do governo ucraniano. Além, da propaganda do partido comunista, que sem o menor constrangimento luta pela volta da União Soviética. Este partido não devia ter sido criado na Ucrânia em 1991 e não deveria ser permitido atualmente. São declarados inimigos da livre e independente Republica de Ucrânia (IDIOMA..., 2012, p. 30).

Mais uma vez percebemos a questão das batalhas pela memória por parte do jornal, que no tocante às questões idiomáticas, referiu-se a sua preocupação com a denominada “russificação” da Ucrânia, como Galat colocou num texto de abril.

De acordo com Helenice Silva (2002) entendemos os embates políticos em torno da memória, ou melhor dizendo, o uso da memória coletiva como um recurso que busca a reafirmação de uma identidade nacional formulada em conjunto com determinados projetos políticos. Revividas sobretudo em contextos de crise, esses embates buscam amparo em simbologias nacionais, tais como comemorações cívicas e um idioma comum, para se salvaguardar de possíveis ameaças à unidade territorial:

A esse propósito, as comemorações nacionais oferecem exemplos pertinentes, uma vez que elas são objeto de interesses em jogo (políticos, ideológicos, éticos, etc.). O uso perverso da seleção da memória coletiva encontra-se, portanto, nesse processo de ‘rememoração’ social, cuja função é justamente a de impedir o próprio esquecimento [...] Ora, essa seleção da memória coletiva é comum em todas as comemorações de uma data nacional. As utilizações sociais da memória são visíveis nesse fenômeno das

comemorações que, em todas as partes do mundo, vêm se impondo como um ritual nacional (SILVA, 2002, p. 432).

Verificamos então que o passado fabricado é reapropriado nessas conjunturas caóticas e recorrentemente adaptado para se ajustar às questões contemporâneas. Logo observamos que a unidade nacional formada em torno desses mitos em comum buscava tanto aplacar eventuais dissensos entre a comunidade como também reafirmar determinados projetos de poder, nesse sentido como a autora nos esclareceu (2002, p. 435) “A conjuntura memorial do presente, voltada para um retorno ao passado, inscreve-se, pois, nesse momento de incertezas do presente e de imprevisibilidades do futuro” portanto:

Por trás de todas as comemorações nacionais encontra-se, portanto, a questão do tempo que se manifesta em sua relação com o passado da história e com o presente da memória. Em outras palavras, a comemoração tem por objetivo demonstrar, como já vimos, que o acontecimento ‘rememorado’, por seu valor simbólico, pode se reportar ao devir (SILVA, 2002, p. 436).

Dito isso, para entendermos os discursos presentes, assim como suas elaborações ao longo das páginas, tivemos em conta a trajetória e o estabelecimento do periódico como um dos representantes da imprensa ucraniano-brasileira, assim como também o posicionamento e os espaços de sociabilidade de seus redatores. Sendo assim, os discursos analisados partiram de posicionamentos individuais ou de grupos dirigentes, estes por sua vez, formados de acordo com o tempo, e com suas respectivas redes de sociabilidade, pois como diz Foucault (2011, p. 145):

A alteridade reaparece sempre e, fundamentalmente, na própria natureza da linguagem. Uma verdade é dita pela organização de uma cultura que escapa aqueles que são seus colaboradores. Certas relações predeterminam os sujeitos, levando-os a significar algo diferente do que eles julgam exprimir ou conter.

As redes de sociabilidades, sobretudo a dos dirigentes do jornal e seus leitores atestaram na perspectiva dos estudos apontados por Dosse (2007) os alinhamentos entre interesses político-ideológicos do jornal com seus discursos e as instâncias de poder à que Foucault já se referia em seus textos. Nesse sentido, as aproximações entre os sujeitos colocadas em posição a partir dos escritos atestaram também a aproximação e os interesses tanto por parte dos leitores que buscavam nas páginas do periódico reafirmar suas percepções e posicionamentos, como por parte do grupo editorial que detinha o monopólio e controle da palavra escrita, e por consequência o controle da divulgação de suas próprias representações de mundo.

### 3.3 A “VOZ” DO JORNAL: DAS REVOLTAS DE NOVEMBRO À CRIMEIA

No *Chliborob*, percebemos inquietações quando observamos que quase paralelamente às revoltas de novembro, o jornal buscava de certa maneira fazer uma cobertura dos eventos, ou pelo menos os que eram considerados pela redação como os mais relevantes para seus

leitores. Isso se refletiu por exemplo, no posicionamento sempre muito claro do periódico, favorável à aproximação dos ucranianos à União Europeia, e um eventual distanciamento dos mesmos para com Moscou. Como relatamos anteriormente, os textos veiculados muitas vezes foram retirados de outros veículos e incorporados em suas edições, com isso porém, essas matérias passaram por uma filtragem editorial prévia, nesse sentido, a curadoria das notícias que apareceram em suas páginas incluiu a veiculação de textos que compactuavam com seus posicionamentos. Tal discussão se desdobrou no que ressaltamos logo no início de nossa pesquisa, que o discurso das mídias não é neutro mesmo quando assim se presume.

Mesmo quando um veículo midiático tenta transparecer uma suposta neutralidade ao leitor, seu texto parte de um determinado local e ponto de vista, e é substanciado e formulado a partir também destas diferentes perspectivas. Sendo o *Chliborob* um representante da imprensa ucraniano-brasileira, que como vimos, busca claramente evidenciar seus posicionamentos, acreditamos que tal verniz de neutralidade ao qual nos referimos não seja um dos seus objetivos, mas mesmo assim, o crivo para o qual as notícias são submetidas, e a inserção de colunas que muitas das vezes compactuem com o posicionamento dos seus redatores, nos reforçam ainda mais que assim como Charadeau (2019) nos explanou nenhuma mídia é plenamente imparcial, mesmo que se apresente assim, ela sempre busca se inserir em uma lógica específica de mercado, e obstante, em maior ou menor grau é fruto de visões de mundo que perpassam questões culturais, sociais, econômicas, e/ou políticas.

Em agosto de 2013 o debate em torno de um processo de seleção de notícias alinhadas com o periódico ficou evidente mais uma vez, quando logo em sua primeira página, foi inserido um artigo escrito pelo então embaixador da Ucrânia no Brasil, Rotyslav Tronenko. Com o título *22 anos da Ucrânia independente*, e originalmente apresentado pelo jornal Gazeta do Povo, Tronenko fez uma defesa da autonomia ucraniana, e das conquistas do país frente às dificuldades históricas enfrentadas, além disso, o que ressaltamos foi o destaque feito para com a aproximação da Ucrânia aos países ocidentais e à União Europeia, fator que como vimos, figurava como uma das grandes prioridades do país na época:

Implementando às normas e padrões europeus em todas as esferas, a Ucrânia, passo a passo, aproxima-se da conclusão do Acordo de Associação com a União Europeia e da criação da Zona de Comércio Livre. Enquanto terminam os procedimentos internos relativos à preparação desse documento para a assinatura na Cúpula da Parceria Oriental da UE em Vilna (Lituânia), em novembro, o governo recentemente levou o projeto do acordo para a discussão pública, prestando a maior atenção ao diálogo com a sociedade sobre as questões da associação com a UE (TRONENKO, 2013, p. 01).

Na mesma edição de agosto, a Ucrânia voltou ou a celebrar e a exaltar a sua modernização, de acordo com eles, através dos recentes posicionamentos e aproximações para com os países ocidentais. A coluna *País firmou-se como nação independente e buscou*

*consolidar sua vocação europeia* e simboliza além do que já argumentamos a respeito dos olhares do jornal para com o país de modo geral. No texto, fez-se referência mais uma vez à perseverança da Ucrânia frente aos seus problemas históricos, afora isso, destacou-se no texto a resiliência do povo ao ter sido integrado e feito parte da URSS, e posteriormente ter alcançado sua independência: “No caso da Ucrânia, particularmente, foram muitos anos de lutas e sofrimentos para que o povo ucraniano tivesse seu próprio Estado, livre e soberano, podendo assim cultivar e desenvolver livremente sua cultura e se integrar à comunidade internacional das nações” (REZENDE, 2013, p. 07-09).

A partir da argumentação inicial que buscou introduzir ao leitor um senso da obstinação do povo, a coluna relatou uma série de sucintas descrições de algumas ocorrências, como as parcerias com o Brasil, a integração do imigrante ucraniano a partir da imigração, e os mais recentes trâmites com a UE. No entanto, aqui nos atemos ao título e a sua sugestão da Ucrânia como tendo sido finalmente reconhecida em sua “vocação”, parafraseando o jornal para com a Europa. É interessante notarmos aí que mais uma vez, em uma mera escolha de palavras, o periódico deixou subentendido que considerava a Ucrânia como possuidora de uma vocação natural para integrar o bloco europeu. Neste sentido, mais do que apenas salientarmos as visões do *Chliborob* para com assuntos internos do território, conseguimos observar também que para os redatores foi benéfico a Ucrânia ser tratada como um país europeu, ligada mais aos valores ocidentais, do que como um componente do oriente, vinculado aos povos eslavos, e sobretudo à Rússia.

Compreendemos, portanto, que como colocado por Edward W. Said (2007), o Oriente é um produto do Ocidente<sup>57</sup>, sendo frequentemente mal compreendido, ou visto como inferior em comparação aos valores eurocêntricos ocidentais. Nessa vertente, a sugestão de uma vocação europeia, sugere que tal estado era algo que precederia os acordos de 2013, mas que só atualmente estava sendo reconhecido e assim, colocou a Ucrânia em meio aos países e valores ocidentais.

Com a combustão dos protestos de novembro, a recuada do governo para com os acordos com a União, e a subsequente reação do parlamento em razão das decisões do presidente Yanukovych, o *Chliborob*, como de costume, assumiu suas próprias posições.

---

<sup>57</sup> Said, em sua obra mais conhecida, mencionou sobretudo três caracterizações geográficas do que ele definiu como Oriente em um entendimento das potências ocidentais, principalmente a Grã-Bretanha, França e Estados Unidos. Em primeiro lugar o autor trabalhou com a definição de “oriente próximo”, ou seja, o Oriente Médio. Mais além tivemos também o oriente tradicional que situava a Rússia e demais países da Europa oriental, e por fim o extremo oriente, que compreendia países como Índia, Japão, e China.

Apenas um mês após o início das turbulências, na última edição de 2013, o editorial do dezembro possibilitou tanto o grupo responsável pelo impresso, quanto a SUBRAS de um modo geral, marcarem suas percepções a respeito dos eventos mais recentes. Ainda foi curioso observarmos mais atentamente os editoriais, muitas vezes esporádicos, pois mesmo que possamos observar os discursos por outros meios, tais espaços possibilitaram os redatores a “falarem” de modo mais direto e enfático a respeito de algum evento ou tema extraordinário, ou seja, o local em que observamos de modo mais claro essas nuances.

Frisamos que as turbulências vivenciadas com a recusa do governo para com as negociações foi a razão de surpresa tanto para os ucranianos, quanto para o *Chliborob*, tão esperançosos e certos que estavam de um encerramento suave e bem-sucedido a respeito das negociações. Assim, no editorial (escrito pelo então presidente da Sociedade Ucraniana do Brasil, Roberto André Oresten) que em sua grande parte apelava para a coragem dos ucranianos e responsabilizava a Rússia pelo insucesso vivenciado, inclusive no resgate da memória do *Holodomor* como grande trauma nacional, sobre isso destacamos o seguinte:

Durante décadas nossa esplendorosa cultura foi divulgada ao mundo como meio de mostrar que aquele poder sujo era o que de melhor o povo poderia ter. Durante décadas nossa religiosidade e os monumentos a ela vinculados foram quase que destruídos na sua totalidade. Durante décadas nossa língua mãe foi sendo substituída por outra com o intuito de sufocar nossa identidade. Quase vinte e cinco anos depois, já livres o tormento volta à cena. Comandados por um tirano querem impor ao nosso povo condições econômicas, políticas e sociais que nos remetem ao passado onde *Holodomor* é a grande marca. Não podemos manter o silêncio, VAMOS GRITAR. Não estamos no passado onde nosso grito não era ouvido. Nosso mundo é outro, falamos com todos os cantos em segundos. As cartas escritas e lacradas de décadas passadas e que eram queimadas pelo regime dominante, estão hoje substituídas pelos meios mais modernos. A eletrônica nos favorece. Vamos mostrar ao mundo nossa indignação. Vamos colocar na voz dos Ucranianos que gritam na praça da INDEPENDÊNCIA a nossa voz. Vamos usar a nossa voz em favor dos nossos irmãos [...] Vamos levantar o azul do céu e o amarelo das estepes para mostrar ao mundo que o melhor para nossa Ucrânia é estar junto aos países desenvolvidos da União Europeia e não no colo daqueles que já tentaram nos destruir. Eles não conseguiram, querem voltar, mas não podemos permitir (ORESTEN, 2013, p. 01-02, grifo do autor).

A partir dos eventos que levaram ao *Euromaidan*, como ficou conhecido, basicamente todas as edições do jornal, em menor ou maior grau, se debruçaram em torno disso. Contando com palavras inflamadas e posicionamentos sólidos, o *Chliborob* mais do que em anos anteriores, se manteve ativo em seu trabalho de manter seus leitores a par da situação em que se encontrava a Ucrânia e fornecer a eles um posicionamento claro e de apoio..

A *revolução europeia de Kiev*, como descrito em seu texto, impulsionou uma série de outras publicações, dentro de um contexto específico ou mais geral, e que tiveram como premissa a divulgação de um patriotismo ucraniano que ultrapassou suas fronteiras regionais (no caso reverberar em comunidades étnicas fora do país) e se galgou em uma série de artifícios simbólicos e culturais que visavam o engajamento da comunidade em torno da causa. Os

simbolismos foram fundamentais na construção de projetos que perseguiram a edificação de uma coesão social e o imaginário coletivo, que por sua vez amparavam um senso de causa comum em torno de um regime ou projeto de nação. Não foi à toa que os regimes totalitários, massivamente se apoiaram neste tipo de recurso para sua sobrevivência e longevidade<sup>58</sup>. Nesta perspectiva, mais do que o poderio bélico, ou meramente as atuações puramente políticas e burocráticas foram as representações de mundo e os códigos culturais como o idioma comum, que garantiram a prosperidade a longo prazo de um projeto de país, interligando os indivíduos em torno de uma causa semelhante.

Em síntese, os recursos imagéticos e simbólicos foram e são fundamentais para a perpetuação de um sentimento nacional. Sem isto, uma possibilidade de conexão que permita a interligação das pessoas com seu próprio território, um senso de pertença desses sujeitos a um local ou grupo, um projeto nacional, não se constituiriam por um longo período:

Os critérios de representações corporificam-se em coisas (emblemas, bandeiras, insígnias) ou em atos e estratégias interessados na manipulação simbólica, tendo em vista determinar a representação mental que os outros podem ter dessas propriedades e dos seus portadores (TRINDADE, 2004, p. 55).

Além dos recursos simbólicos, a religiosidade ou os ritos de um povo, encarados quase sempre como tradição nacional, formam a unidade pretendida, e amplificam suas projeções em tempos de crise, como observamos nas atuações da comunidade étnica responsáveis pelo jornal:

No processo de identificação do seu grupo étnico, o indivíduo usa como estratégia seus códigos culturais para se mostrar aos outros e com eles manter relações. A identificação étnica, seguindo a análise de Cardoso de Oliveira, refere-se ao uso que uma pessoa faz de termos raciais, nacionais ou religiosos para se apresentar e, desse modo, relacionar-se com os outros (WAWZYNIAK, 2004, p. 111).

Afora isso, são em momentos críticos que tais recursos são constituídos, ou são mais enfaticamente lembrados, são também nesses períodos que se observa o levantamento de grupos extremistas que passam a divulgar suas ideias de modo mais permissivo, e logo se aproveitam do caos instalado para propagar a mensagem. Como exemplo disso, temos o *Euromaidan* provocado por grupos de extrema direita que valeram-se de seus ideais para legitimar seus anseios. De acordo com Fortes:

Diante deste cenário, grupos de extrema-direita – tal como o partido Svoboda e o agrupamento Pravyi Sektor (‘Setor de Direita’) – conseguiram ocupar um papel de destaque nos protestos. O Svoboda, por exemplo, foi o responsável por uma das primeiras cenas que deram notoriedade ao Euromaidan, a derrubada da estátua de Lenin, bem como desempenhou papel fundamental na invasão da prefeitura de Kiev.

---

<sup>58</sup> Os movimentos totalitários que ascenderam no século XX, especialmente o nazifascismo, se ampararam em uma série de recursos imagéticos e simbólicos para sua perpetuação, o nazismo por exemplo pregava a pureza racial do alemão, o “espaço vital” da Alemanha frente a outros locais, e recursos estéticos, como traços arquitetônicos que remetiam à Antiguidade Clássica para potencializar a ideologia do partido. O fascismo por sua vez, promovia narrativas em que se afirmava como sendo o sucessor do antigo império romano, e prometia aos seus adeptos uma volta aos “tempos de glória”. O próprio símbolo fascista atestava tal fato, sendo que é basicamente uma apropriação de outro, amplamente utilizado pelos oficiais romanos da antiguidade.

Ainda que compusessem uma pequena parcela dos manifestantes, tais organizações obtiveram legitimidade nos protestos, conseguindo massificar o uso de sua saudação – a mesma empregada pelos banderistas do OUN – de ‘Glória à Ucrânia!’, respondida prontamente com o grito ‘Glória aos Heróis!’ (LUHN apud FORTES, 2017, p. 78).

O fator da derrubada da estátua de Lenin, ao qual Fortes fez referência, foi inclusive abordado pelo *Chliborob* em dezembro de 2013. *A segunda morte de Lenine*, originalmente redigida pelo portal *Euronews* discorreu:

Na maior manifestação a ocorrer na Ucrânia desde os protestos pró-democracia da Revolução Laranja, em 2004, os ucranianos derrubaram a estátua do líder bolchevique Vladimir Lenine. O monumento foi destruído sob gritos ‘Glória à Ucrânia’. ‘Nós poderíamos ter feito isso de uma maneira civilizada e colocá-lo suavemente num museu, como um artefato histórico. O que aconteceu é culpa dos comunistas, eles não nos deram possibilidade de o fazer de forma civilizada, porque estão agarrados ao seu passado. Foram contra fazer protesto de forma civilizada e foi assim’. Os manifestantes enfureceram-se com as especulações de que Yanukovich, terá mantido um encontro secreto com o presidente russo, Vladimir Putin, na sexta-feira (06/12/2013) em Sochi para levar a Ucrânia a um acordo aduaneiro contestado pela oposição. Sergio Cantone, correspondente da euronews em Kiev comenta: ‘A estátua de Lenine derrubada veio de um movimento controverso para muitos ucranianos, mas o simbolismo é muito importante. Uma página da história transformada, porque esta estátua, na avenida Shevshenko, no centro de Kiev era o símbolo de um poder que não querem de volta. O símbolo da antiga União Soviética.’ (EURONEWS, 2013, p. 07).

O ano de 2014 se iniciou ainda com um apelo em sua primeira edição. Durante o editorial, o presidente da SUBRAS revelou seus motivos de alegria para o novo ano. Boa parte do conteúdo do texto diz respeito aos 200 anos de Tarás Schvechenko, um dos maiores nomes da história ucraniana. Para Roberto Oresten, o poeta deveria ser fonte de orgulho e aprendizado para as novas gerações do país, principalmente após a conquista da democracia ucraniana na década de 1990, e frente aos percalços vivenciados nos tempos mais recentes. Em sua concepção por conseguinte, as palavras de Tarás: “São letras e poesias que inspiram nossos irmãos a buscar incansavelmente o que de melhor a Ucrânia pode ter que é o não retorno ao passado mas a busca de um futuro promissor [...]”. Neste sentido, o passado aqui é o que remete a dominação da Ucrânia pela URSS, fantasma este cada vez mais rememorado pelo periódico.

É notável que suas palavras remetam também aos caminhos do jornal no cenário brasileiro, considerando sua trajetória e representação como produto da imprensa ucraniano-brasileira, resgatando marcas para a redação, como a perseguição aos periódicos estrangeiros durante o Estado Novo:

O nosso O LAVRADOR passou por muitos momentos dentro do contexto da nossa imigração e sobreviveu a todos. Surgiu num Brasil tateando saber o significado de ser uma República, passou pelo Estado novo, suportou a era de Vargas, não cambaleou durante a ditadura e modernizou-se como tudo neste mundo e hoje é entregue digitalmente aos leitores. É ou não motivo de alegria para todos nós, descendentes daqueles que o criaram, daqueles que o mantiveram vivo atendendo todo seu objetivo até os dias de hoje. Para nós da SUBRAS é, pois sabemos que neste período O LAVRADOR fez muito pelo pequeno agricultor, pelo imigrante que pouca notícia tinha de sua UCRÂNIA longínqua, ou pelo jovem que dela quer saber nos dias de hoje. (ORESTEN, 2014, p. 01).

Obstante à mensagem esperançosa, ele continuou adotando seu compromisso com a Ucrânia, e ressaltou que se preciso fosse, continuaria a denunciar as tensões recentes, eventualmente potencializadas pela situação da Crimeia. Ainda em 2014, notamos uma escalada na quantidade destes editoriais, *a priori* esporádicos, mas que com a necessidade de se manifestar com mais frequência, se acentuaram quantitativamente. Destacou-se nisso o desejo da SUBRAS de ter o ucraniano como idioma único no território, o fortalecimento da democracia no país, e a continuidade da aproximação da nação com a União Europeia, tirando assim, nas palavras do editorial de fevereiro “a dependência da Ucrânia em relação a Rússia”, o que para eles divergia das pretensões do ex-presidente Yanukovych e seus aliados, desejosos do contrário.

Sobre a presença russa em território ucraniano, é válido nos voltarmos para a dinâmica histórica entre os povos, previamente abordada no texto, para assim conseguirmos geograficamente compreender de forma mais inteligível, a divisão territorial que com a Crimeia passou a se inflamar politicamente. Anteriormente, pudemos observar que durante meados do XIX, o território que depois se constituiu como a atual Ucrânia, estava dividido entre o Império austro-húngaro e a Rússia, sendo que a porção russa estava na esfera oriental.

Ainda que não releguemos a importância do período soviético para explicar a presença russa na região, a divisão territorial do século XIX pode ser um fator importante para compreendermos como geograficamente a descendência russa se distribuiu na região a partir de um modelo específico, o que inclusive influenciou no comércio entre os dois países, pois:

[...] as exportações com destino à Rússia - as quais normalmente originam-se da região oriental do território ucraniano (Donbass) - demonstram uma estrutura mais avançada: máquinas, equipamentos, aeronaves, embarcações e outros equipamentos de transporte. Reconhecidamente, essas exportações são frequentemente remanescentes dos laços do passado de cooperação do período soviético, as quais são profundamente não competitivas em outros mercados (LIMA, 2019, p.74).

Quando a partir dos protestos de novembro a questão ucraniana se intensificou, observamos logo no início de 2014 uma sessão de manifestações tomando conta do cenário ucraniano. Se num futuro não muito distante tais atos escalonariam praticamente para uma guerra civil, nos primeiros meses do novo ano, o governo ucraniano discutia a plenos pulmões uma maneira de frear as manifestações e apaziguar os ânimos. Todavia, ações como a aprovação de penalidades e multas a manifestantes, serviram apenas para acentuar os problemas internos do país. Analisamos por meio de algumas colunas do jornal, que a preocupação do periódico ao mesmo tempo que buscava notificar sobre a questão russa<sup>59</sup>, procurava cobrir um evento que

---

<sup>59</sup> Nesse contexto, uma das pautas enfatizadas pelo periódico, era a constante pressão russa para com a União Europeia, em uma tentativa de afastar o bloco europeu do território ucraniano.

descambava para um embate interno, sendo assim, destacou-se a proporção dos conflitos num dos noticiários do *Chliborob* retirado da *Euronews*:

Desde domingo que a Ucrânia é palco de fortes protestos antigoverno e os confrontos com as forças policiais antimotoim tem vindo a agravar-se. Nos últimos quatro dias, pelo menos cinco pessoas morreram, duas delas na quarta-feira, e cerca de 300 terão ficado feridas [...] Os protestos de milhares de ucranianos começaram em novembro, na sequência do abandono pelo governo do presidente Yanukovich das negociações para uma associação comercial com a União Europeia. O chefe de Estado da Ucrânia preferiu virar-se para a Rússia e assinar com Moscovo um acordo comercial que prevê um empréstimo de 15 mil milhões de dólares (mais de 11 mil milhões de euros) para fazer face à dívida externa do país e ainda um desconto acima dos 30 por cento no preço do gás natural comprado à Gazprom. Uma boa parte da população não gostou do volta-face e revoltou-se contra o presidente. (*EURONEWS*, 2014, p. 07-08).

À parte das discussões puramente econômicas que levaram ao distanciamento do governo Yanukovich para com a UE, vimos nos escritos de Galat ainda em janeiro, a indignação do jornal e de parte da comunidade ucraniana para com a repressão dos protestos, assim, angustiado, o assíduo contribuinte reafirmava sua posição:

As manifestações pacíficas dos ucranianos contra os desmandos do governo Ianukovetch já se estendem, por mais de 5 semanas. São milhares de pessoas que aparecem no Maidan, a praça de independência de Kyiv e também nas praças de outras cidades. Mas o comportamento do governo contra os manifestantes não é correto e honesto. Ocorrem frequentes agressões aos manifestantes e jornalistas por parte da polícia Berkut, dos membros do partido governamental e de bandidos profissionais, contratados pelos políticos corruptos [...] Muitas autoridades internacionais apresentam seus protestos e críticas para com a violência do governo Ianukovetch. O Papa Francisco tem enviado para Ucrânia sua mensagem apoiando o povo ucraniano. O único que não sente nada e não se preocupa com o seu povo é o presidente Ianukovetch (*GALAT*, 2014, p. 13-14)

O engajamento da comunidade ucraniano-brasileira ainda pôde ser atestado em referência aos acontecimentos da época, através do apelo feito pelo presidente da Representação Central Ucraniano Brasileira, Vitório Sorotiuk para a então presidente do Brasil, Dilma Rousseff (2011-2016) por um posicionamento oficial do estado brasileiro em relação à questão ucraniana. A RCUB em documento oficial de janeiro do mesmo ano: “vem apelar para que o governo brasileiro desenvolva ações no sentido de garantir a democracia e a paz na Ucrânia”, pois nas palavras do presidente da RCUB, o dever do Brasil era zelar pelos direitos de liberdade dos povos.

Ainda em seu argumento, Sorotiuk equiparou a situação ucraniana aos protestos vivenciados no Brasil em 2013, e reafirmou que: “[...] corre nas veias do povo brasileiro o sangue de meio milhão de brasileiros descendentes de ucranianos que também constroem a riqueza da nação. Construções, monumentos, artefatos e modos de ser e existir da cultura ucraniana integram o patrimônio cultural do povo brasileiro” (*SOROTIUK*, 2014, p. 14-15).

Nos meses seguintes, à medida que os conflitos escalonavam, muitos foram os enfrentamentos diplomáticos entre os países, mas sobretudo, a escalada da crise ucraniana

atingiu em fevereiro níveis inesperados, quando o governo Yanukovich buscou em reunião mediadora com outros países da Europa, arrefecer os protestos em marcha, assim:

Além de estabelecer que as autoridades renunciavam ao uso da força, que os atos de violência seriam investigados em conjunto com a oposição e o Conselho da Europa e que as reformas constitucionais de Yanukovich seriam repelidas em favor da adoção de uma nova carta na qual os poderes do presidente seriam reduzidos, o acordo também previa a formação de um novo governo pelo parlamento em dez dias e que novas eleições presidenciais deveriam ser realizadas até o final do ano (FORTES, 2017, p. 79).

Apesar do acordo firmado, a recepção negativa a ele apenas gerou o efeito contrário ao esperado, intensificando a mobilização social que passou a adotar posições irredutíveis, tomando prédios governamentais e a própria residência presidencial. Diante do cenário dramático, Yanukovich e sua base passaram então a não mais vislumbrar uma saída diplomática para o problema:

Impotente e abandonado por seu partido, Yanukovich deixou Kiev sem renunciar à presidência e denunciando que um golpe estava em andamento. Sem seguir o procedimento constitucional, o impeachment de Yanukovich foi considerado aprovado pelos parlamentares opositores em 22 de fevereiro, enquanto insurgentes armados perambulavam pela câmara legislativa (FORTES, 2017, p. 80).

A partir do declínio do governo até então firmado, não apenas a crise civil se intensificava, como também as movimentações militares entre russos e ucranianos se acirrava. As tropas russas concentradas no território da Crimeia amedrontavam grande parte dos ucranianos, e não apenas internamente, já que os olhos de grande parte das potências europeias e dos Estados Unidos estavam voltados para a região eslava, temendo a deflagração de um conflito em maior escala.

Dito isso é interessante não apenas notarmos como o *Chliborob* se apropriou de uma retórica construída para remeter ao contexto ucraniano, mas através de notícias de outros jornais brasileiros que foram incorporadas por ele. Percebemos o largo escopo à que a situação estava levando, pois na época, grande parte dos noticiários do Brasil veiculava recorrentemente os fatos, temendo como outros, uma ampliação dos conflitos.

O posicionamento do jornal foi notório a partir do momento em que a Crimeia foi oficialmente anexada pela Rússia em março de 2014. E no mesmo mês em que foi oficializado o referendo do território (é necessário reforçar, considerado ilegal tanto pela Ucrânia, quanto por parte da comunidade internacional) vimos a inquietação dos redatores para com a situação quando em coluna veiculada atestou-se que o presidente russo estava forçando um conflito intencional, mesmo que escondesse seus objetivos alegando o não pertencimento das tropas à Rússia.

Além disso, mais uma vez notamos os mecanismos discursivos do jornal atuando, quando lemos que a justificativa das tropas russas no local para “[...] defender os coitados de

russos perseguidos, mas a % de russos na Criméia é 58% e ninguém está os perseguindo”, além disso, o argumento foi reforçado ao destacarem que apesar de na Ucrânia os russos serem realmente minoria (cerca de 18% de acordo com o texto) tais grupos “vivem de modo arrogante, seu idioma é falado pela maioria da população, seus filhos tem sua escola garantida, enquanto na Rússia as crianças ucranianas não tem escola nenhuma” (GALAT, 2014, p. 16-17). Afora isso, reforçou-se a defesa da península da Crimeia como um território legitimamente pertencente à república da Ucrânia e que as intervenções russas foram por conseguinte um grave ataque à soberania do país.

No contexto de ebulição em que a Ucrânia se encontrava, tanto manifestantes pró-Rússia e a favor dos movimentos separatistas, quanto ucranianos defensores da unidade da federação, confrontaram-se em torno de seus projetos. As regiões de Donetsk e Luhansk, localizadas na porção ocidental do país, foram agentes centrais para as reivindicações dos manifestantes pró-Rússia:

Ressalta-se que esses dois *oblasts*<sup>60</sup> são, atualmente, os epicentros da crise política do país, que culminou em um conflito armado entre o exército da Ucrânia e os rebeldes separatistas pró-Rússia. No dia 12 de Maio de 2014, as duas regiões declararam sua independência da Ucrânia, autoproclamando-se República Popular de Donetsk e República Popular de Lugansk. Os dois *oblasts* manifestaram desejo de se integrarem à Federação Russa, pedido que, até o momento, não encontrou recepção no Kremlin. É importante salientar que a Ucrânia não reconheceu a separação das duas regiões, que continuam em intenso conflito armado com os rebeldes pró-Rússia (RIBEIRO, 2015, p. 86, grifos do autor).

Figura 7 – Localização das regiões de Donetsk e Luhansk



Note: Control of Mariupol regained by Ukraine

Fonte: BBC. **Ukraine crisis in maps**. London, 2015. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-europe-27308526>. Acesso em: 26 jan. 2021.

<sup>60</sup> Em tradução “províncias”

De fato, consideramos que talvez o ano de 2014 tenha sido um dos, se não, o mais turbulento para a conjuntura ucraniana desde que eclodiu o *Euromaidan* e os protestos de 2013. Pois justamente nesse período houve uma grande quantidade de desdobramentos como a escalada dos conflitos que passaram de uma esfera diplomática para/ um conflito armado dentro do país, envolvendo inclusive a comunidade internacional, e ainda o impedimento de um presidente eleito.

Quando entendemos que o mau “clima” ucraniano, principalmente em suas relações com a Rússia, estava de certo modo sendo contornado desde os anos 90, e que ainda houve outros momentos tumultuosos como a Revolução Laranja de 2004, também pensamos que esse clima encontrou seu ápice em 2014. Durante os meses em que ocorreram movimentações frequentes das duas potências, e inclusive uma nova eleição presidencial, todo o desgaste e senso de tragédia que um contexto como esse gerou, se atestou nas palavras cansadas do jornal, quando lemos:

Admito que cansei de escrever, não pelo fato de que o tema é enfadonho, mas pela dor que me causa e pelo ceticismo que me provoca em relação ao futuro [...] Quanta incerteza, quanta dor, quanto medo. Onde iremos parar? Para onde irá a humanidade? Para onde, ou para quem ficará a Ucrânia? Daqui nossa voz pouco ecoa. Estamos longe de todos, longe do conflito (ORESTEN, 2014, p. 01).

Nos meses subsequentes, o presidente eleito, Petro Poroshenko (2014-2019) se deparou com a tarefa de que ao mesmo tempo em que buscava frear os conflitos internos, reacendia as negociações com a União Europeia; nesse sentido é interessante notarmos como após a assinatura de Poroshenko acerca da retomada de comércio entre Ucrânia e UE, o *Chliborob* se manifestou: em euforia porque vislumbrou melhorias na situação caótica do país; sobre isso, no editorial de junho exaltou-se a escolha de se eleger Poroshenko para o cargo, pois nas considerações do Presidente da SUBRAS, as decisões do então líder de governo apontavam para um horizonte mais próspero ao país. Fazendo inclusive paralelos com os cossacos, tão presentes no imaginário nacional ucraniano. Portanto, ao contrário de meses anteriores, a edição se apresentou de modo otimista:

Pois em pouco mais de trinta dias sinto que nossos irmãos Ucranianos deram o voto de confiança ao homem certo, pois as atitudes que vem sendo tomadas pelo Governo Ucraniano estão me agradando. O Presidente vem se mostrando audacioso, um verdadeiro cossaco ao ir de frente conversar com os insurgentes rebeldes e pedir cessar fogo; um diplomata ao tratar com o Presidente Russo objetivando a paz; um estadista ao tratar com outros governantes e acordar questões econômicas. Era o que precisávamos, ou seja, alguém com visão estratégica de futuro, sem pensar em solução imediata, mormente pautada na força bruta, mas sim através da inteligência. Acho que o verão ucraniano será quente, mas não pelo fogo da Praça da Independência. Seu calor virá da alegria que deverá tomar conta dos nossos irmãos ucranianos ante as decisões (ORESTEN, 2014, p. 01).

Destarte as possibilidades que se abriram e foram bem vindas pelo jornal diante das conversas entre Poroshenko e Putin, e sobretudo com a assinatura do tratado de livre comércio

com a União Europeia, retomando os acordos interrompidos no ano anterior, as regiões ao leste da Ucrânia, que se envolviam em uma guerra civil, se embriacavam cada vez mais em novas proporções de combate. Ao passo que tropas ucranianas apresentavam dificuldades de movimentação nas regiões separatistas e solicitavam ajuda governamental, vítimas eram recorrentemente noticiadas, com ataques e bombardeios a prédios e casas, e inclusive, a queda de um avião internacional na região de Luhansk<sup>61</sup>, foram motivos para afirmarmos que apesar das tratativas políticas, a situação ainda teve um alto custo em vidas humanas, como atestou checagem de órgãos humanitários da ONU em informação compartilhada em coluna de abril de 2018:

O coordenador humanitário residente na Ucrânia, Neal Walker, informou na sexta-feira(13) os Estados Membros e Organizações Internacionais sobre a terrível situação humanitária enfrentada por 4,4 milhões de pessoas afetadas por conflitos no leste da Ucrânia ‘Após quatro anos de conflito, 3,4 milhões de pessoas na Ucrânia estão lutando para lidar com o impacto da crise humanitária e precisam urgentemente de assistência e proteção humanitária’, informou a Organização das Nações Unidas (ONU) na Ucrânia . Todos os dias, o conflito armado no leste da Ucrânia obriga milhões de civis a fazer escolhas impossíveis, quer comam, tomem remédios ou seus filhos vão para a escola. Infraestrutura civil é gravemente afetada, pois os acordos de cessar-fogo são consistentemente desconsiderados [...] Mais de 600.000 pessoas, incluindo 100.000 crianças, suportam o peso dos contínuos confrontos armados ao longo da linha de contato de 457 km. Todos os meses, mais de 1 milhão de pessoas são forçadas a atravessar a ‘terra de ninguém’ através de postos de controle, muitas para simplesmente acessar serviços humanitários e sociais básicos. Mais de 2.500 homens, mulheres e crianças civis foram mortos e mais de 9.000 feridos, desde que as hostilidades começaram há quatro anos (REUTERS, 2018, p. 06-07).

Observamos com isso que o cenário turbulento em que a Ucrânia se encontrava desde 2014 e que por sua vez culminou com uma intensa crise humanitária dentro de seu território, deixou um saldo exponente de vítimas em meio aos conflitos apontados principalmente no leste do país, local em que os movimentos separatistas e conflitos armados tiveram maior proeminência. Além dessa questão, atentamos também ao fato de tal situação calamitosa ter se arrastado por um longo tempo, sendo que o balanço oficial veiculado pela ONU quatro anos depois do início das tensões podem nos dar uma margem não apenas dos números oficiais, mas também da severa situação em que o país se encontrava e que se alastraria com o passar do tempo.

---

<sup>61</sup> Em julho de 2014, o avião MH17 da Malaysia Airlines foi atingido por um míssil quando sobrevoava o espaço aéreo ucraniano, em um setor controlado pelas forças separatistas. A responsabilidade do incidente é fruto de debate ainda atualmente, já que ambos ucranianos e russos ainda trocam acusações. Tal tragédia foi encarada como uma consequência internacional da escalada dos conflitos, já que os passageiros do avião eram oriundos de diversos países.

### 3.4 MEMÓRIAS DA CRIMEIA: REPRESENTAÇÕES CONTINUADAS

Quando nos debruçamos sobre assuntos que remetam à crise ucraniana devemos ter em mente que os conflitos que se iniciaram em 2014, apesar de terem seu estopim no decorrer do ano, e principalmente após a anexação da Crimeia pela Rússia, não se restringiram apenas em algo que dizia respeito à península, e nem se encerraram após acenos positivos do país, como a assinatura do acordo entre Ucrânia e UE durante o mandato de Poroshenko. Na realidade, grosso modo, a Crimeia serviu como pretexto para movimentos muito maiores e complexos, e que ainda atualmente não foram totalmente resolvidos.

Observou-se adiante, como ainda que amenizadas ou refreadas, seja por tratados e balizas nacionais e internacionais, ou ainda por pressões sociais, que assim como quando afirmamos que as complicações entre os dois países não foram plenamente solucionadas após a queda da União Soviética (mesmo com posicionamentos e apontamentos diplomáticos de ambos os lados, que garantissem a solução para eventuais estranhamentos) consideramos que a crise diplomática que levou ao processo de guerra civil no país ainda se encontra em movimento. Exemplo disso é o fato de que em março de 2021, os debates que outrora estariam dormentes voltaram a se reacender, quando a inteligência militar ucraniana acusou o Kremlin, de movimentações armadas de suas tropas no leste do país. Tal fator levou a uma movimentação militar de Kiev, e um novo fôlego nos noticiários internacionais, que temiam uma nova fase de conflitos. Com isso, a própria Representação Central Ucraniana Brasileira se posicionou oficialmente, afirmando em texto oficial para embaixada:

Estamos muito preocupados com o aumento das forças armadas russas e as provocações no leste da Ucrânia e nas regiões vizinhas. Lamentamos profundamente a contínua perda de vidas e outros danos infligidos à Ucrânia. Apelamos ao total cumprimento do texto e do espírito dos acordos de Minsk<sup>62</sup> e a um cessar-fogo acordado. Exortamos a Rússia a tomar medidas ativas para reduzir as tensões, interrompendo o aumento do poder militar na Ucrânia e em seus arredores, pondo fim as provocações e intimidações militares. Pedimos também a comunidade internacional e aos líderes democráticos que expressem sua preocupação e condenem veementemente as ações das autoridades russas. Continuaremos monitorando cuidadosamente a situação no leste da Ucrânia para reduzir as tensões e, por fim, restaurar a integridade territorial da Ucrânia (RCUB, 2021).

Passadas as turbulências do ano anterior, quando 2015 se anunciou, com mais desafios à mão, a crise humanitária do país crescentemente se acentuou com refugiados ucranianos e o

---

<sup>62</sup> A carta se referia aos acordos firmados originalmente em 2014. Assinado em Minsk, capital da Bielorrússia, por representantes da Ucrânia, Rússia, e as recém proclamadas República Popular de Donetsk e República Popular de Luhansk, o texto visava um encerramento nos conflitos ocorridos no leste ucraniano, a partir de um cessar-fogo imediato. Apesar de suas intenções, o acordo não obteve êxito em suas propostas, o que fez com que complementos em seu teor futuramente viessem a ser redigidos, sendo um deles intermediado pela França e Alemanha e assinado no início de 2015.

auxílio internacional para a procura de uma solução diplomática para o conflito das regiões do leste europeu. Destarte as intensas manobras militares, tanto russas quanto ucranianas do ano anterior, uma das consequências do prolongamento do conflito, foi a continuidade de uma constante pressão territorial a partir dos exercícios militares na região. No tocante à questão, segundo Ribeiro (2015, p. 29) :

Moscou interpreta a atividade militar da aliança como uma demonstração de força do bloco ocidental, que põe em risco a segurança de suas fronteiras. Como consequência, o Kremlin se viu forçado a aumentar a capacidade ofensiva de suas forças armadas. Nesse sentido, em 2014 e 2015, foram mobilizados exercícios com uma maior frequência, muitos dos quais nem estavam programados (KUREEV apud RIBEIRO, 2015).

Ao longo do ano, em meio às acusações que pairavam sobre a Rússia, como exposto no jornal em sua edição de fevereiro em notícia que endossava o apontamento por parte dos EUA de uma eventual quebra do Tratado de Minsk pelo Kremlin, as manifestações tanto internas quanto externas que apontavam um cessar fogo e ajuda humanitária às vítimas do conflito, pareciam muitas vezes fragilizadas, quando mesmo após esses acordos, a paz parecia estar num estado distante para ser vislumbrado. Ainda, o posicionamento de Poroshenko e sua intenção de retomar a Crimeia, categorizando o referendo majoritariamente russo como “uma farsa planejada” que visava encobrir sua agressão para com a Ucrânia, elevou a ainda os problemas e a presença militar na região. Como de costume, os textos veiculados no *Chliborob* deixavam clara a preocupação para com a situação e o aprofundamento da crise. Em relação ao panorama tratado, lemos:

É muito delicada e preocupante a situação na Ucrânia de hoje – economicamente, socialmente, politicamente e militarmente. A perda da Crimeia, a presença do exército russo nas regiões de Donetsk e Luhansk e a manutenção pouco definida das cláusulas de acordo de Minsk criam uma situação dúbia – o que é que acontece na Ucrânia? É um levante, é uma rebelião ou mesmo uma espécie de guerra que os russos chamam de híbrida (deve significar como ‘meia guerra meia paz’). Na realidade, o exército ucraniano, na hora do início de conflito, estava com 90 mil soldados, contra 900 mil russos – diferença brutal [...] Nos dias de hoje, a situação na Ucrânia continua delicada, especialmente na área econômica. O país até se parece com um pedinte, sentado com ‘a mão estendida’ na encruzilhada da história, aguardando um milagre, parecido com o milagre de Nossa Senhora de Potchaiv que defendeu o mosteiro do ataque de muçulmanos, fazendo voltar as balas disparadas por eles. Nas áreas de conflito a situação teve melhorias. O número de mortos e de feridos diminuiu drasticamente, mas os tiroteios ainda acontecem e a soldadesca russa ainda não foi embora. Segundo últimas notícias (1-3 de abril), vindas do exterior, Putin está promovendo manobras e treinamento de suas tropas, o que poderia significar o preparo para a nova, final agressão à Ucrânia e até um possível uso de armamento nuclear (GALAT, 2015, p. 20)

Como apontamos anteriormente, um dos traços recorrentes nas narrativas e discursos analisados em nossa fonte era a presença de uma estética anticomunista em sua leitura, principalmente com relação às questões que abordavam com mais ênfase as representações desse anticomunismo para com os russos (um exemplo foi a notícia veiculada e aqui exposta

previamente, acerca da derrubada das estatuas de Lênin da capital Kiev). Logo, as ressalvas quanto aos “vermelhos russos” nas palavras do jornal, como pudemos observar em sua edição de maio, nos auxiliaram a lembrar assuntos que dadas as devidas particularidades, ora ou outra trafegavam pela imprensa ucraniano-brasileira. Assim, em uma analogia para com as crianças travessas e ingênuas, lemos o seguinte:

Tenho para mim que a Rússia está tal qual uma criança sapequinha, travessa que espera uma boa oportunidade para dar uma aprontadinha. Há momentos que nossas crianças nos deixam preocupados pelo seu lado sapequinha de ser, ou seja, temos que abrir os olhos sobre elas. Assim está a famosa Rússia. Quietinha, a sapequinha pode nos trazer uma surpresa muito ruim. Sempre temos que nos espertar em relação a uma criança ante sua ingenuidade, sua vontade de conhecer novos horizontes. Da mesma forma não se pode confiar nos vermelhos Russos, pois não obstante acordos estejam na pauta política, há um triste histórico de traição em relação a nossa Ucrânia que não podemos esquecer (ORESTEN, 2015, p. 01).

Além disso, como já afirmamos que toda escolha de redação para com as notícias veiculadas, direta ou indiretamente, são configuradas como escolhas conscientes, temos o noticiário originalmente veiculado pelo site Uol Notícias e incorporado pelo *Chliborob* em maio, onde havia uma coluna que atestava a decisão do presidente ucraniano em proibir por legislação a utilização de símbolos soviéticos em solo ucraniano.

Ao longo do texto, que dissertava entre outros pontos sobre os separatistas, e em como em sua maioria estavam nostálgicos pela extinta URSS; o que nos chamou a atenção foram suas linhas finais, em que lemos uma equiparação entre o regime nazista e comunista, ambos como representantes equivalentes do totalitarismo. Ora, as discussões historiográficas atualmente compreendem a falsa equivalência das teses que colocavam ambos os regimes como faces da mesma moeda, além disso, como nos ensina Muniz Ferreira (2020) tais teses foram produtos de agentes políticos engajados com determinados projetos bem delimitados, assim de acordo com o autor:

Os elementos inovadores do nazismo e do fascismo em relação às direitas que os precederam foram astutamente distorcidos pelos ideólogos da direita liberal no período da Guerra Fria, para identificar os inimigos de então, os comunistas, com os inimigos do passado, os fascistas. Em suas elaborações mais refinadas, como nos textos de Hannah Arendt, a causa comum de fascistas e comunistas (ambos ‘totalitários’) era a negação do indivíduo e das liberdades individuais, a estatolatria e a ambição de estabelecimento do ‘poder total’ sobre a sociedade. Esta, com variações e notório empobrecimento argumentativo nos nossos dias, tem sido a base ideológica das mais do que duvidosas tentativas de redução e equiparação do fascismo ao comunismo e a caracterização de ambos como fenômenos ‘de esquerda’ (FERREIRA, 2020, p.44).

Adiante, disso, podemos perceber o caráter revisionista dessas teses, quando o autor nos esclareceu que:

Para além destas tentativas de interpretação, o estabelecimento de equivalências estruturais entre o regime soviético e o nazismo esteve a cargo de historiadores vinculados a uma corrente revisionista da historiografia. Esta vertente, que teve na obra do historiador alemão Ernest Nolte seu principal expoente, interpretava o hitlerismo como mero reflexo do ‘comunismo’ (FERREIRA, 2020, p. 45).

Ainda sobre assuntos envolvendo os contextos da Segunda Guerra, na mesma edição de maio constatamos críticas veiculadas aos posicionamentos russos durante o conflito, mais precisamente, a uma suposta falta de punição aos soviéticos pelas tragédias à que foram submetidos os soldados ucranianos durante o confronto em suas tentativas de combater o nazismo. Assim, foi denunciada a falta de reconhecimento para com a contribuição ucraniana:

As perdas de vidas em geral eram enormes, mais de 60 milhões de seres humanos. Uma das maiores vítimas nesta guerra foi, sem dúvida alguma, a Ucrânia, o povo ucraniano. Pereceram algo entre 8 e 10 milhões de ucranianos, entre soldados e população civil. Muitas cidades foram destruídas e muitas aldeias queimadas. Mas como quem tem a razão é sempre o vencedor, somente os nazistas é que foram julgados (até o presente). Os criminosos soviéticos seriam, então, na vez, mas será que ela virá? A nova geração de hoje sabe muito pouco sobre o que aconteceu neste sanguinário duelo entre os dois verdadeiros psicopatas. As propagandas de ambos os lados criaram muitos mitos e encobriram muitas verdades. A Rússia sempre tentou privatizar a sua vitória sobre o nazismo, não dando devida importância à ajuda de Aliados e desprezando o enorme sacrifício da Ucrânia (GALAT, 2015, p. 14).

Ao lermos sobre o “sanguinário duelo entre ditadores”, como pontuado, novamente nos perguntamos por exemplo se o periódico está apenas constatando o caráter ditatorial de ambos os líderes, ou diretamente equiparando os partidos em questão. Sendo que quando há uma direta equiparação conceitual entre os dois regimes, percebemos novamente a utilização do argumento (previamente desenvolvido levando em conta os estudos historiográficos) para reforçar suas teses. Obstante, reforçou-se o ressentimento para com o não reconhecimento da participação ucraniana na guerra<sup>63</sup> e o tratamento dado ao então presidente russo, Vladimir Putin nas comemorações de 2015 ao fim da Segunda Guerra, considerado ele um “sangrento agressor” nas palavras do jornal.

Para o *Chliborob* o caráter do conflito eclodido em 2014 a partir da deflagração do *Euromaidan* e da anexação da Crimeia, não era apenas algo militar ou político, mas para parte da comunidade ucraniana; se colocava muito mais como um embate em que se percebia em jogo a identidade ucraniana, ou melhor, sua identidade emancipada e autônoma, livre do controle russo. Assim, a construção discursiva que embasava seus argumentos para com o que ocorria no oriente eslavo<sup>64</sup> também foram premeditadas, visando com isso legitimar suas posições. Desse modo, quando analisamos nas elaborações textuais do jornal, referências a um passado glorioso da Ucrânia, ou de movimentos para com a independência, ou ainda mais uma

<sup>63</sup> A atuação ucraniana na Segunda Guerra Mundial se deu principalmente através das ações do Exército Insurgente da Ucrânia, ou *Ukrayins'ka povstans'ka armiya* (UPA) criado em meados de 1943. O grupo militar pertencente à Organização dos Nacionalistas Ucranianos (OUN) defendia os interesses nacionais do território e se destacava por seu caráter anticomunista. Combatendo tanto a Alemanha nazista, quanto posteriormente a União Soviética, o grupo militar foi encerrado no ano de 1954. Atualmente o reconhecimento oficial da UPA como contribuinte para a derrocada nazista é uma das reivindicações dos movimentos nacionalistas ucranianos.

<sup>64</sup> Nos referimos aqui às nações eslavas que compunham a extinta União Soviética, nesse sentido levamos em conta as perspectivas que apontam um desejo de autonomia nacional e cultural por parte dessas regiões, após a desintegração do senso unitário promovido anteriormente pelos soviéticos.

alusão aos grandes heróis nacionais, devemos ter em mente que mais do que a objetivação da transmissão do orgulho nacional ucraniano (nacionalismo este que como vimos fora historicamente fabricado) visava apresentar uma região originalmente autônoma.

Ora, o que seria, se não uma construção nacional para legitimar a autonomia e superioridade ucraniana, a evocação da já mencionada *Rus de Kiev*? Claro que como já discorreremos, não estamos aqui refutando completamente a existência de um conglomerado destes, mas temos que ter em mente que, o discurso da *Rus de Kiev* como foi fabricado durante o século XIX, foi tal como a figura heroica dos cossacos, tidos como lendários guerreiros nacionais, ou da libertação ucraniana em 1918, uma narrativa formulada para propósitos específicos.

Assim quando em sua abertura de janeiro em 2016, o jornal evocou todo um arcabouço nacional para explicar as particularidades ucranianas, devemos ter em mente que utilizando das ideias de Stuart Hall quando afirmou que uma das estratégias da criação de uma cultura comum é o forjamento de uma concomitante identidade nacional, essa questão pôde ser percebida de forma incisiva tanto no imaginário quanto nos discursos aqui arrolados.

A evocação do filósofo francês Jean Jaques Rousseau (1712-1778) pelo editorial, e sua teoria sobre a soberania do Estado e o clamor popular como sendo a principal forma de manifestação desse poder, serviu logo como estofa para a construção de um argumento que visava assim legitimar (por meio das palavras de Rousseau) a soberania popular ucraniana frente a uma região que ao longo de sua caminhada foi muitas vezes partilhada, e sofria com uma guerra civil em seu território. Sendo assim, é compreensível muitas vezes que diante do caos, tenham sido estas as palavras escolhidas para reacender um espírito unificador, pois foi muito típico do que as construções nacionais costumam fazer ao buscar dar um sentido à vida das pessoas, além de suas próprias experiências diárias.

Tal sentimento portanto, serviu muitas vezes como motor para a ação, e no caso ucraniano, para o levantamento ante a sua fragmentação territorial e por autonomia. Nessa linha de raciocínio, a criação de um *Folk* como denomina Hall (2019) é um dos grandes recursos identitários nacionais, pois une as pessoas em torno de uma mesma causa, contribuindo assim para essas “comunidades imaginadas” como fala Benedict Anderson (1986). Dito isso, para o jornal uma analogia entre a “moral da história” de Rousseau seria entre a soberania do povo colocada pelo filósofo, e os movimentos ucranianos vistos na praça Maidan:

Coincidência ou não [...] muitos milhares naquela Maidan fizeram valer as palavras de Rousseau, ou seja, fez-se valer a voz do povo para que nossa Ucrânia seja Soberana. Mas que triste saber que o povo deve ser ouvido mas morre por isto. Isto poderia ter um fim, o fim das lutas desiguais, o fim das perdas de vidas que amam o solo que vivem, o fim das famílias esfaceladas. Mas tudo isto poderá ser o começo onde o povo

terá sua voz ouvida e seus desejos atendidos, onde a sua vontade é soberana, onde o Estado regido por alguém do povo, Governe para o povo [...] Quanta dor e sofrimento pela busca da soberania Mas ela está por vir. Eu acredito que Rousseau será efetivo em nossa Ucrânia (ORESTEN, 2016, p. 03).

Com isso, observamos que à medida em que a situação regional e os conflitos russo-ucranianos se estendiam ao longo dos anos, o jornal passou a amargurar suas pretensões para com uma rápida solução do conflito. Entre embates militares ocorrendo no leste ucraniano e conversas diplomáticas, que destarte os acordos de Minsk pareciam não surtir um efeito palpável em 2017 as palavras de preocupação foram expostas já em sua primeira tiragem:

Vejam que em Janeiro de 1919, há 98 anos, a Ucrânia aprovava o Ato de Unificação da República Popular da Ucrânia e da República Popular da Ucrânia Ocidental que hoje se comemora como o Dia da Unificação da Ucrânia. Mas o que se viu depois disto, nos anos e décadas que se seguiram foi uma Ucrânia dominada, subjugada pelo regime imposto pela Rússia. Temos sim que lembrar com festa aquele momento da história, mas meus olhos não deixam de ver o poderio Russo no leste da Ucrânia, nem a tomada indevida da Criméia. O medo me toma. Espero ouvir os gritos vibrantes dos jovens ucranianos me dizerem o contrário como o fizeram na Maidan. (ORESTEN, 2017, p. 02).

Ainda assim, seguidamente o jornal demonstrou mais uma vez seu espírito de forma clara, quando em coluna intitulada *O processo de unificação do governo da Ucrânia* buscou historicizar a trajetória nacional remontando a meados da Primeira Guerra Mundial.

Lemos em meio a sua considerável extensão, uma gama de referências históricas que procuravam compreender a busca ucraniana por emancipação política, sendo assim, foram relatados alguns momentos marcantes na trajetória nacional para dar subsistência ao texto, como a formação da URSS ainda sob tutela de Vladimir Lenin, como um fator que impediu o avanço democrático ucraniano (já que o território seria algum tempo depois anexado a República Soviética), a revolução Laranja de 2004, e mais recentemente a anexação da Crimeia, contudo, é relevante que de forma sucinta o posicionamento editorial se revelou na seguinte passagem:

Em 2014, tropas russas tomaram a Criméia e o Leste da Ucrânia tornou-se alvo de disputa dos russos com uma guerra que se estende até os dias de hoje e sem previsão de acabar. Apesar disto, a luta na Ucrânia pela defesa do território é pertinaz, não esmorecendo o exército ucraniano que com determinação defende a Ucrânia para que a Pátria volte a ser livre, soberana e com integridade nacional (VOLOSCHEN, 2017, p. 05).

Podemos aferir que grosso modo, a Ucrânia durante os anos de conflito foi a que recebeu em grande parte o apoio internacional, pelo menos por parte da Europa ocidental e dos países ligados à União Europeia e OTAN. Desse modo, a pressão econômica para com a Rússia não foi um fator de curto alcance, mas sim algo constante desde 2014. A constante reafirmação da necessidade de um cessar fogo por parte das potências ocidentais para com a Rússia e o reforço ao cumprimento desses acordos, foi algo que levou os órgãos internacionais até mesmo a imporem sanções econômicas ao Kremlin, objetivando um fim ao conflito, desse modo:

Além de acusar Moscou de apoiar os rebeldes do Donbass, as potências ocidentais denunciaram fortemente a anexação da Crimeia, afirmando que as ações do Kremlin violavam a soberania ucraniana e o Direito Internacional, impondo sanções econômicas contra a Rússia (FORTES, 2017, p. 82).

De acordo com o autor acima, toda a pressão internacional se justificava pela impressão de um suposto autoritarismo russo para com o território ucraniano, o qual estaria sendo subjugado por movimentações militares comandadas por Moscou, sendo assim, o posicionamento foi a de que “O presidente Putin, segundo esta visão, não agiu razoavelmente, mas seguiu uma ideologia nacionalista e expansionista, procurando reerguer uma Rússia imperial e resgatar seu status de grande potência, perdido com o fim da União Soviética” (FORTES, 2017, p. 82).

Por outro lado, o linguista Noam Chomsky (2014) discorreu sobre as particularidades que levaram para um posicionamento internacional quase que homogêneo em relação a Rússia. Para Chomsky, a anexação da Crimeia pelos russos feriu um consenso internacional colocado pelas grandes potências mundiais desde o fim da Guerra Fria, isto é, de que as movimentações militares destes países deviam ocorrer apenas mediante ao consenso das demais potências, ou desde que, tais conflitos não resvassem nos interesses de outras nações.

Para exemplificar esse delicado equilíbrio entre os territórios, Chomsky dissertou ainda, sobre a invasão do Iraque pelos EUA e Reino Unido, algo que em sua visão se colocou como “o crime internacional mais grave desta era”, segundo ele, a falta de uma denúncia externa para com o conflito, foi explicada justamente pelo fato de não ter se configurado como uma quebra de acordo, na medida em que: “apesar de não terem apoio internacional, os agressores não cruzaram as linhas vermelhas russas ou chinesas” (CHOMSKY, 2014). Portanto a anexação russa da Crimeia foi uma grave violação internacional não tanto pelo fato de ter sido apenas um ato injusto, mas porque extrapolou diretamente as fronteiras nacionais russas, ameaçando o protagonismo estadunidense, e por conseguinte, a delicada ordem mundial previamente estabelecida. Seria então para Chomsky, o expansionismo russo um sinal vermelho para as potências ocidentais.

Acerca do posicionamento brasileiro para com os conflitos, o *Chliborob* se ressentiu pela falta de apoio por meio do governo quando opina: “O Brasil? Este por nós nada fez, não obstante tenhamos ido até o Congresso Nacional esperar por uma manifestação de solidariedade, ao menos. Mas nada. São anos se passando e o Brasil parece até concordar com as ações da Rússia” (ORESTEN, 2017, p. 02).

Em meio aos textos veiculados durante os primeiros meses de 2018, aferimos novamente as disputas identitárias ucranianas com relação aos russos, ou seja, editoriais ora

escritos pela própria redação local, e outros redigidos por diferentes veículos de comunicação, e seguidamente incorporados ao jornal, voltaram a contestar o que consideravam reivindicações históricas injustas por parte da Rússia, um dos exemplos já percorridos aqui, por exemplo, foi em relação à discussão sobre a *Kievan Rus*, ou sobre a presença do idioma russo em território ucraniano, atuando como uma alternativa para o Kremlin reivindicar sua soberania. Outro exemplo foi colocado na coluna “*SLAVA UKRAINI! HEROIAM SLAVA!*” escrita por Andreiv Choma e veiculada em julho de 2018. Destarte o que já deixamos claro sobre as origens e as contemporâneas reivindicações de certos grupos para com a tradicional saudação ucraniana, o periódico buscou esclarecer a situação ao seu ponto:

A célebre expressão continuou sendo um sinal de busca pela liberdade e independência. Ganhou forças novamente após a Revolução da Dignidade e queda do presidente Yanukovich (corrupto, diga-se de passagem e aliado de Putin). O Partido Comunista e seus símbolos foram proibidos na Ucrânia desde a Revolução. O problema não é a ideologia em si, mas as feridas deixadas pelos longos anos de cativeiro sovieta. Milhões morreram, outros milhares simplesmente desapareceram (CHOMA, 2018, p. 02).

Ainda sobre o assunto, a “má interpretação” da questão, segundo a coluna, enfatizando naturalmente as discussões observadas na conjuntura brasileira, se deu pelo fato de:

No Brasil, a desinformação leva muitos a acreditarem que, pasmem vocês, Putin é Comunista. Logo, se eu me oponho a Putin, me oponho ao comunismo, logo, se me oponho ao comunismo, sou um fascista. Essa é a leitura que muitas mentes pobres, sem tempo para leituras e estudo acerca do caso ucraniano, costumam fazer. Se é contra a Rússia, é contra a URSS, logo, só pode ser Nazista ou Fascista, algo assim. Bom, a expressão ‘Slava Ukraini’, utilizada normalmente por chefes de Estado, grupos folclóricos, organizações e até mesmo a Igreja (e agora por jogadores que entendem a situação atual da Ucrânia - jogaram lá) como forma de autoafirmação da própria nacionalidade foi associada a movimentos de extrema direita (pela imprensa do desserviço) (CHOMA, 2018, p. 02).

Nessa linha de raciocínio a “imprensa do desserviço”, como colocado, que estaria associando a utilização da terminologia a movimentos da extrema-direita só veio a contribuir com a desinformação e por conseguinte com a deslegitimação da causa ucraniana, dando abertura para eventual apoio aos russos. Podemos mais uma vez observar, mais do que um esclarecimento do *Chliborob* para com a terminologia, um ímpeto de descolamento entre uma identidade ucraniana de uma provável identidade russa. Partindo a principalmente dos estudos de Kathryn Woodward (2014) acerca das formações das identidades e principalmente sobre as disputas étnicas entre as “comunidades imaginadas” como conceitualizado por Benedict Anderson, como de acordo com a autora, frequentemente tais embates são formulados levando-se em conta um contexto em que tais identidades firmadas se colocam em crise, logo, um dos recursos utilizados para a legitimidade identitária de um povo é justamente o retorno ao passado. Assim, como nos fala Woodward, a produção de novas identidades frequentemente é

feita através de um retorno ao passado por parte de uma comunidade contemporânea, que busca ressignificar sua própria história e assim legitimar sua conjuntura atual.

Dessa forma: “Ao afirmar uma determinada identidade, podemos buscar legitimá-la por referência a um suposto e autêntico passado – possivelmente um passado glorioso, mas de qualquer forma, um passado que parece ‘real’ – que poderia validar a identidade que reivindicamos (WOODWARD, 2014, p. 28). Dito isso, o contexto de crise ao qual mencionamos seria no caso da Ucrânia vivenciado mais enfaticamente a partir de 2014, sendo assim a “volta ao passado” mencionada pela autora, vislumbrada por meio do apego deste povo para seu passado fabricado, porém que atende às demandas nacionais e sociais da época. Logo, toda a mitologia em volta da figura dos cossacos, ou a volta à *Kievan Rus*, podem configurar-se como exemplo disso, pois:

Para lidar com a fragmentação do presente, algumas comunidades buscam retornar a um passado perdido, ‘ordenado’ [...] por lendas e paisagens, por histórias de eras de ouro, antigas tradições, por fatos heroicos e destinos dramáticos localizados em terras prometidas, cheias de paisagens e locais sagrados [...]” (DANIELS apud WOODWARD, 2014, p. 24).

À medida que nos dirigimos ao encerramento de nossa delimitação temporal e do arrolamento de fontes, observamos que embora nossa pesquisa acerca das representações russo-ucranianas se encerre, as crises identitárias e as disputas entre os dois países (estejam elas localizadas em uma esfera discursiva apenas, ou descambe para questões mais acaloradas) não se findam juntamente com nossas balizas convencionadas para o trabalho. Como deixamos claro no início de nossa pesquisa, procuramos aqui nos aprofundar sobretudo em dois dos principais momentos vivenciados entre russos e ucranianos: o *Holodomor*, e a mais recente crise da Crimeia. e que foram muito noticiados por nossa fonte.

A respeito do *Holodomor*, vimos por meio da pesquisa, que embora quase um século tenha se passado desde os desdobramentos do que ficou conhecido por alguns como genocídio stalinista em momento algum o jornal se ausentou do debate e interrompeu seus noticiários, sendo assim, observamos que em praticamente todos os anos compreendidos por nós, colunas, memoriais e acusações a despeito da natureza genocida do ocorrido foram feitas no jornal. Contudo, não colocamos toda a carga discursiva veiculada apenas sobre os ombros dos redatores do periódico e da própria SUBRAS, na medida em que constatamos através das matérias, que algumas parcelas da sociedade ucraniana também possuem um forte senso nacionalista sobre seu passado, fator esse acentuado ao longo do tempo. Dito isso, as homenagens para com vítimas do *Holodomor*, oficialmente comemoradas no mês de novembro, são um fator sempre presente, e assim entram no calendário nacional com as homenagens em Kiev e pela região.

Portanto, compreendendo o período de dez anos ao que nos debruçamos, em nenhuma das edições, sobretudo as de novembro, notou-se uma ausência de homenagens, já que elas são presença constante na estrutura do jornal. Dito isso, consideramos a Crimeia, justamente por ser um fator mais recente, presença marcante em suas páginas. Se como observamos anteriormente, até 2013 o *Chliborob* buscava entre outras coisas enfatizar as diferenças entre ucranianos e russos, assim se distanciando do Kremlin e legitimando uma identidade própria, seu posicionamento mostrou-se muito mais inflamado após o *Euromaidan*, a anexação da Crimeia, e os conflitos no leste, estes que ainda não foram solucionados destarte as constantes pressões, acordos e conversas internacionais<sup>65</sup>. A crise humanitária vivenciada em território ucraniano, que desde o início dos conflitos promoveu milhares de mortes, foi novamente reiterada pelo jornal quando vislumbramos que:

Desde o início do conflito com no leste da Ucrânia, cerca de 11.000 pessoas já morreram e 44.000 pessoas tiveram suas vidas diretamente afetadas, 25.000 soldados voltaram para casa mutilados. Os números não param. A Ucrânia já investiu 5 bilhões de dólares para defender sua integridade quando poderia estar investindo na aceleração das reformas para se adequar às exigências da Comunidade Europeia. Porém, além do conflito armado de outra guerra que acontece paralelamente, com poder ainda mais penetrante na estabilidade da Ucrânia, que é a guerra híbrida. A agressão no espaço da informação, através da internet é mais dinâmica e causa maior desestabilização entre o povo, que é diretamente atacado pela disseminação de notícias desvirtuadas dirigidas contra a Ucrânia (VOLOSCHEN, 2018, p. 01).

Em 2019, nosso último ano de análise, contamos com novas discussões a respeito da situação em que se encontrava os impasses russo-ucranianos, mas agora sob uma nova ótica, ou melhor, uma insegurança para o futuro das negociações. A eleição do presidente ucraniano Volodymyr Zelensky em maio, colocou incógnitas a respeito de sua postura acerca dos conflitos em que a região se encontrava havia 5 anos. O sentimento de insegurança era ainda mais reforçado devido à inexperiência anterior de Zelensky em uma esfera política, já que sua profissão até o momento, a de comediante, destoava de uma formação política tradicional. Em uma outra esfera, a Sociedade Ucraniana do Brasil buscava notificar sob nova direção, suas mais recentes iniciativas de modernização e organização do acervo pessoal da sede, o que incluiu a digitalização de cópias do jornal aqui analisado, também como atas de reunião, e outros documentos que podem contribuir com futuras pesquisas<sup>66</sup>.

---

<sup>65</sup> Relembramos aqui fator notificado anteriormente, de que durante o mês de maio de 2021, o assunto novamente se reacendeu, ainda que momentaneamente, devido às movimentações militares nas fronteiras ucranianas e as acusações bilaterais entre os países.

<sup>66</sup> Aqui vale ressaltar que minhas atividades e contatos com a SUBRAS se iniciaram em meados de 2018, quando o projeto da Sociedade estava em seu início, sendo assim, ao longo dos meses posteriores os trabalhos que visavam a digitalização e organização especialmente do acervo, e concernente ao jornal, foram muito benéficas para a operacionalização da pesquisa apresentada.

Um dos fatores atentados pela redação, sobretudo nos últimos meses de 2019 fora a realização da Cúpula da Normandia, o que além de ter sido mais uma das tentativas de mediação internacional para com os conflitos, também se configurou como o primeiro encontro entre o presidente Zelensky, com o chefe de estado russo, Vladimir Putin. Assim, com altas expectativas e ainda sendo a situação da Crimeia indefinida, o jornal noticiou o ocorrido, quando em intermediação do presidente francês Emmanuel Macron e da chanceler alemã Ângela Merkel, as negociações foram finalizadas em Paris, acordando com uma série de prerrogativas, como o status especial da região autônoma de Donbass. Ao longo do texto, o que se destacou foi a fala da chanceler Merkel sobre a situação:

‘O cessar-fogo deve ser alcançado até o final deste ano, e o deslocamento final de forças em Luhansk, Zolotoy e Petrovsky deve ocorrer no próximo ano’, anunciou a chanceler alemã Angela Merkel na conferência de imprensa final após a reunião normanda em Paris, transmitida pelo Direct. Ela acrescentou que as partes concordaram em estender o status especial de Donbass. ‘Vamos melhorar a vigilância da contenção. O ponto é que não serão observadas apenas durante o dia, mas por 24 horas ininterruptas, sete dias por semana. O ponto mais importante é a implementação da coordenação política. E a Lei sobre o status especial de Donbass será estendida. Todo o pacote de acordos de Minsk será implementado. E aqui concordamos que o lado ucraniano finalmente seria capaz de realizar eleições locais. E isto já está claro para ambas as partes’, afirmou Merkel. Ela confirmou a declaração do Presidente francês Emmanuel Macron de que a próxima reunião no formato normando acontecerá em quatro meses. ‘... concordamos em nos reunir novamente quatro meses e, juntamente com os assessores políticos, falaremos sobre mais sobre quais eleições verdadeiramente locais poderão ocorrer lá’, disse a chanceler (COMPLETO..., 2019, p. 12).

Percebemos com o recorte anteriormente citado a continuidade dos processos que preocupavam o cenário internacional em anos posteriores, no caso além da anexação da Crimeia, outros desdobramentos dos conflitos que se desenrolaram com o tempo ganharam projeção tanto em uma escala expandida, como também nas páginas do periódico. Os diversos setores da crise perpassaram assim ambientes políticos, conflitos armados e movimentos separatistas, nesse último caso as regiões discutidas durante a Cúpula da Normandia foram os maiores exemplos da fragmentação territorial a que foi submetido o território da Ucrânia .

### 3.5 SUJEITOS DESCENTRALIZADOS: IDENTIDADES FRAGMENTADAS

Dadas as devidas análises empíricas para com a fonte proposta, reforçamos a necessidade de contextualização do grupo formador do jornal em seu princípio. Ao longo dos anos, desde a formulação inicial por conta das ações de Petró Karmens’kei, muitas foram suas modificações, porém levando em conta as pretensões nacionais originalmente adotadas e seus claros confrontos com o projeto religioso que girava em torno da imprensa-ucraniano brasileira até então, acreditamos que um exercício de ressignificação dos discursos da antiga *intelligentsia*

em que fazia parte Karmens'kei para com as problemáticas atuais, possa vir a ser uma discussão pertinente, no sentido em que podemos compreender as pretensões nacionais do jornal que salvo a passagem do tempo, foram em alguma medida herdadas de seus momentos iniciais e ainda podem ser verificadas atualmente.

Além disso, discorreremos acerca dos processos identitários e da formação dos sujeitos e engajamentos nacionais, que vemos tanto nas relações do *Chliborob* para com os acontecimentos ucranianos, quanto os próprios cidadãos em território eslavo. Desse modo, partindo das perspectivas de uma descentralização do indivíduo, ou das atuais identidades fragmentadas, como coloca Stuart Hall, buscamos nos debruçar mais a fundo na questão da “crise das identidades” na contemporaneidade, e como elas podem nos auxiliar nas discussões da atuação e discursos aqui verificados para com as questões russo-ucranianas e seus embates.

Primeiramente, é necessário pensarmos sobre o que Hall chama de identidades fragmentadas ou a crise do sujeito contemporâneo. Segundo ele, a partir sobretudo do advento da globalização, as identidades anteriormente concentradas em um só local, passaram a se descentralizar e se fragmentar em diferentes locais, essas descentralizações podem ocorrer por uma série de fatores, como em movimentos de imigração ou ainda aspectos culturais, sociais e econômicos que influenciam essas ampliações.

Levando em conta os movimentos atuais da globalização, Hall disserta que principalmente a partir da hegemonia capitalista, e das crescentes trocas culturais entre povos e da consequente globalização mundial, as identidades antes isoladas agora podem ser encontradas em múltiplos locais. Segundo ele, um bom exemplo de como podemos averiguar isso é levando em conta a culinária, já que: “É difícil pensar na “comida indiana” como algo característico das tradições étnicas do subcontinente asiático quando há um restaurante indiano no centro da Grã-Bretanha” (HALL, 2019, p. 43, grifo do autor). Assim, à medida que as identidades se dispersam e as concepções identitárias que buscamos assimilar para dar sentido as nossas vidas se encontram fragmentadas, busca-se muitas vezes o resgate dos valores previamente adquiridos (ou fabricados) para conforto, o papel do mercado global é aí reiterado::

Quanto mais a vida social de torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as *identidades* se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos lugares, histórias e tradições específicos e parecem ‘flutuar livremente’ [...] Foi a difusão do consumismo, seja como realidade, seja como sonho, que contribuiu para esse efeito de ‘supermercado cultural’ [...] A globalização é a compreensão dos horizontes espaço-tempo e a criação de um mundo de instantaneidade e superficialidade. O espaço global é um espaço de fluxos, um espaço eletrônico, um espaço descentrado, um espaço no qual as fronteiras e limites tornaram-se permeáveis.

E no entanto, dada uma das principais causas dessa crise identitária do sujeito contemporâneo apresentada pelo autor<sup>67</sup>, perguntamos em como isso pode impactar as concepções nacionais e os sentimentos de pertença desses indivíduos. Ou ainda melhor, como essa movimentação histórica reverbera em nosso tempo presente, e pode ser traduzida para o contexto ucraniano e o objeto aqui apresentado? Para isso Hall ainda nos fornece questões que vão alçar até os possíveis mecanismos de “contra-ataque” das nacionalidades para com a globalização em curso, ou pelo menos, algumas possibilidades futuras.

Para o autor, existem sobretudo duas possibilidades para uma “sobrevivência” dessas identidades, sendo uma que passaria pelo entendimento da inevitabilidade dos novos tempos, e a outra pelo isolamento e reforço das características nacionais fabricadas por cada grupo. Assim, abordamos os conceitos tanto das possíveis *traduções* identitárias, como a possibilidade do fortalecimento delas, ou seja, suas *tradições*, começamos primeiramente falando sobre a primeira hipótese. A despeito da *tradução*, partindo do pressuposto de que as identidades estão constantemente sendo ressignificadas, repensadas, e assim dando lugar a novas identidades, a *tradução* seria o reconhecimento dessa fragmentação e a aceitação de uma necessidade de adaptação dos sujeitos, logo:

Esse conceito descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram *dispersadas* para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retem fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades (HALL, 2019, p. 53, grifo do autor).

Obstante a isso, Hall nos fala de uma outra possibilidade, a de fechamento das fronteiras nacionais e a tentativa de resistência por parte da comunidade à globalização em curso,

---

<sup>67</sup> Hall nos apresenta algumas causas do que ele coloca como atuantes para o alargamento do que ele concebe como o “descentramento do sujeito”, seriam elas:

- 1- A primeira descentralização chegaria a partir do pensamento marxista e suas reinterpretações. Através da noção de que os homens fazem a história apenas a partir das condições que lhe são dadas e de seu contexto histórico, Marx rompeu com os postulados previamente estabelecidos e voltou suas atenções ao sujeito real no tempo.
- 2- A descoberta do inconsciente através da psicanálise freudiana rompeu com a noção da racionalidade do sujeito, também como a ideia de uma identidade fixa, assim, a concepção de que nossa identidade seja formada gradualmente a partir de fenômenos psíquicos alocados em uma camada além da consciência, rompeu com a de um indivíduo plenamente racional em sua formação.
- 3- As concepções do linguista Ferdinand de Saussure exploraram as produções e reproduções idiomáticas não apenas como uma forma de comunicação social, mas como mecanismos simbólicos que produzem significados e norteiam a concepção de mundo das pessoas.
- 4- Os estudos de Michel Foucault acerca do poder disciplinar que regulamenta, controla e vigia os corpos em torno das estruturas sociais e culturais previamente estabelecidas, deslocou o sujeito para uma concepção individualizada entre o corpo e as estruturas modernas.
- 5- Por fim, o impacto do feminismo teve grandes proporções nas crescentes atuações dos movimentos sociais que cada vez mais problematizam e criticam as noções de uma identidade única, a partir das reivindicações desses movimentos para com suas próprias identidades coletivas (que incluem processos de disputas entre o próprio grupo) e o questionamento das diferenças sociais.

reforçando assim seus valores e símbolos nacionais e conseqüentemente contribuindo para os nacionalismos que atualmente podem ser observados em movimentos xenófobos através da Europa<sup>68</sup> e também do continente americano, sendo assim, a proteção contra o “outro” fabricado um dos componentes dessa *tradição*, ao ponto que compreendemos que a formação das identidades está intimamente ligada à produção da diferença. Dito por Hall (2019, p. 53-54, grifos do autor):

Por outro lado, existem também fortes tentativas para se reconstruir identidades purificadas, para se restaurar a coesão, o ‘fechamento’ e a *tradição*, frente ao hibridismo e à diversidade. Dois exemplos são o ressurgimento do nacionalismo na Europa Oriental e o crescimento do fundamentalismo.

O desejo de um *revival da etnia* como denominado pelo autor, explica assim tais movimentos em curso ao redor do globo. Para trazermos as discussões dos autores mencionados para mais perto de nosso objeto de pesquisa e assim utilizarmos formas mais concretas de como essa crise identitária proveniente das fragmentações contemporâneas podem impactar um povo, utilizaremos de base a tese do mencionado *revival étnico* para discorrermos acerca do caso ucraniano pós União Soviética e ainda nessa linha, pensarmos para o jornal ucraniano-brasileiro e seu grupo de redatores como um resultado dessas fragmentações e sua conseqüente busca pela “unidade nacional”.

De acordo com os escritos de Hall para com a manifestação dessas crises identitárias na pós-modernidade, o autor exemplificou a partir de como principalmente no leste europeu, anteriormente sob tutela do regime soviético, como a decadência do regime unitário abriu possibilidades para a reafirmação de uma nacionalidade própria de cada um dos países previamente unificados sob uma mesma bandeira, ou seja, podemos utilizar as teorizações do autor como uma das formas para melhor compreendermos o crescente nacionalismo ucraniano, no sentido em que o colapso de uma identidade unitária fragmentou as partes e gerou uma crise que foi remediada com o “fechamento” dos envolvidos em torno de suas próprias concepções nacionais e identidades formuladas ao longo do tempo.

Logo, como havíamos estabelecido a necessidade de um retorno ao passado, foi uma forma de se adaptar ao presente momento, um presente que se mostrava fragmentado, globalizado e pluralizado em torno de múltiplas identidades, logo:

---

<sup>68</sup> Bauman (2017) nos falou de uma estratégia discursiva utilizada por líderes europeus no contexto da crise dos refugiados para barrar os movimentos imigratórios. Dentre as retóricas adotadas, a de uma estigmatização do oriental como “terrorista” ou perigoso, foi o que Woodward (2014, p. 25) denominou como um “novo orientalismo”, o que serviu para a manutenção da segurança e de uma “identidade europeia” civilizada e predominante: “Podemos vê-la como a projeção de uma nova forma daquilo que Edward Said (1978) chamou de “orientalismo” – a tendência da cultura ocidental a produzir um conjunto de pressupostos e representações sobre o “Oriente” que o constrói como uma fonte de fascinação e perigo, como exótico e, ao mesmo tempo, ameaçador”.

As áreas que se separam da antiga União Soviética reafirmam suas identidades étnicas essenciais e reivindicam uma nacionalidade sustentada por ‘histórias’ (algumas vezes extremamente duvidosas) de origens míticas, de ortodoxia religiosa e de pureza racial. Contudo, elas podem também estar usando a nação como uma forma através da qual possam competir com outras ‘nações’ étnicas e poder, assim, entrar no rico ‘clube do Ocidente’ (HALL, 2019, p. 34).

Por conseguinte, podemos interpretar as últimas palavras do texto acima, ou seja, a de uma possível maneira de “entrar no rico clube do Ocidente” como uma forma de se afastar do passado soviético, e se mostrar um legítimo candidato à nova organização mundial colocada com a hegemonia capitalista, no caso ucraniano, como aqui discorremos anteriormente, concebemos a tentativa de reaproximação do país com a União Europeia (não ignorando outras motivações práticas) como um desses casos. Ainda na linha de Hall, Woodward semelhantemente nos esclareceu o assunto quando escreveu que:

O colapso do comunismo, em 1989, na Europa do Leste e na ex-União Soviética, teve importantes repercussões no campo das lutas e dos compromissos políticos. O comunismo simplesmente deixava de existir como um ponto de referência na definição de posições políticas. Para preencher esse vazio, tem ressurgido na Europa Oriental e na ex-União Soviética formas antigas de identificação étnica, religiosa e nacional (WOODWARD, 2014, p. 23).

Ainda além, dadas as devidas particularidades de cada região, a busca por uma nacionalidade própria foi uma forma de se diferenciar de outros países que anteriormente faziam parte de um bloco unificado, assim a reafirmação nacional buscou o descolamento de possíveis equívocos que colocaram todos os territórios mais uma vez em uma mesma concepção cultural e nacional. Compreendemos por meio desta pesquisa as tentativas de diferenciação por meio dos discursos veiculados pelo jornal e que a todo momento buscavam se descolar da Rússia, seja utilizando de argumentos de um período mais remoto de sua história, ou momentos mais recentes, como uma espécie de dizer “somos ucranianos e não russos”.

Finalmente, foi necessária a compreensão de que a identidade é produzida a partir da formulação da diferença, ora, não pode haver uma concepção do “nós” se não existir uma formulação prévia do que seria os “outros”, desse modo aqui o “nós” ucraniano, constantemente busca se desprender do “outro” russo.

As discussões aqui colocadas sob uma perspectiva sociológica, principalmente evocando os estudos de Hall e outros intelectuais que se debruçaram sobre as temáticas identitárias e de formações nacionais, nos foram elucidativas no sentido de melhor compreendermos os posicionamentos sobretudo vindos da Ucrânia e de parcela desses ucranianos para com os conflitos em que o país se envolveu a partir do último decênio, sobretudo com relação aos russos. Tais debates desse modo nos esclareceram também as percepções da comunidade ucraniano-brasileira, aqui mais especificamente o grupo delimitado

que compõe Sociedade Ucraniana do Brasil e a feitura de nossa fonte para com esses embates e quais posicionamentos os sujeitos tomaram em relação aos eventos.

O que aventamos também podem melhor nos esclarecer acerca dos processos de representação dos eventos arrolados para a pesquisa e também dos discursos que permeavam as páginas do impresso, assim como percebermos as pretensões do periódico quanto às lembranças oriundas tanto por parte do *Holodomor* quanto pela Crise da Crimeia. É relevante nessa esteira notarmos as transposições do território ucraniano e das lutas e reivindicações de certos setores sociais do país para as páginas do periódico, logo seus discursos e representações estavam ligados às pautas além-mar e puderam nos auxiliar inclusive na própria compreensão da estruturação da SUBRAS. Nesse sentido, as fragmentações identitárias de Hall interessam para uma melhor compreensão das particularidades da comunidade ucraniano-brasileira pesquisada e das posturas de seus membros e dirigentes para com os assuntos e discursos transpostos ao longo do texto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para pensarmos os debates levantados transpostos ao *Chliborob*, ou melhor dizendo, aos redatores e a instituição por trás do jornal, a Sociedade Ucraniana do Brasil, podemos compreendê-las de mesmo modo em meio às discussões acerca das fragmentações identitárias dos sujeitos. Anteriormente discorremos levando em conta as discussões apresentadas por meio dos escritos de Stuart Hall e outros teóricos que buscaram se debruçar sobre a formação das identidades étnico-culturais, sobretudo percebendo as transformações e demandas contemporâneas de um mundo que a partir do século XIX e da industrialização europeia, se encontrou em um rápido processo de aceleração tecnológica e de globalização, conectando locais e povos até então largamente separados. Esses diálogos no entanto, não nos serviram apenas para uma categoria mais abstrata, tratamos desse modo, de elucubrarmos alguns pontos sobre como a comunidade ucraniano-brasileira, como sujeitos distantes de suas raízes culturais nos apresentaram tanto alguns pontos que discorremos, como também outras particularidades geradas por seu próprio contexto imigrante.

Desse modo, a identidade ucraniana transposta de geração para geração pelos primeiros colonos que no Brasil chegaram, não pode ser compreendida exatamente como ela é atualmente pensadas na Ucrânia. Nesse sentido, os embates étnico-culturais vivenciados entre brasileiros e ucranianos permitiram a ambas comunidades assimilarem algumas das práticas e características imateriais e simbólicas do outro grupo, portanto, apesar de mantida uma tradição que buscava a manutenção das raízes nacionais, devemos levar em conta que compreendendo a percepção do passado sendo firmada a partir do presente, os descendentes dos primeiros imigrantes, já tendo outras experiências de contato com uma comunidade totalmente distinta, também possuem olhares diferentes tanto para com a história da Ucrânia, quanto para os tempos recentes de conflitos entre estes e os russos.

Afirmamos isso para que apesar de termos arrolado as construções discursivas e nacionais de um passado ucraniano, contado e recontado para as comunidades ucraniano-brasileiras, não afirmarmos uma percepção homogeneizadora dessas práticas e posicionamentos, ou seja, partindo do pressuposto de que tais indivíduos ocupam locais distintos, em tempos e espaços diferentes, e ainda são moldados também a partir de seus próprios contextos e vivências, tivemos cautela quando tratamos de processos identitários, para quando apontamos fatores historicamente fabricados em comum, além dum olhar crítico sobre as diferenças não entre dois grupos, mas entre uma mesma comunidade.

Os discursos veiculados pelo *Chliborob* acerca dos embates russo-ucranianos, sobre a Rússia soviética e o passado ucraniano intimamente entrelaçado com a comunidade russa, ganham novos sentidos e podem ser ressignificados quando os agentes produtores desses discursos se configuram não como ucranianos nativos, mas sim como uma comunidade imigrante e distante de suas raízes socioculturais, aí entendemos melhor o papel dos sistemas classificatórios<sup>69</sup> que marcam a retórica do jornal, o periódico nesse sentido atuando como um fio condutor entre os integrantes da comunidade.

A forte marca entre comunidades imigrantes que cantam o regresso ao país de origem, buscam a preservação de todo um arcabouço cultural do local e falam sobre a nostalgia a um suposto passado glorioso da nação. São características percebidas tanto na comunidade ucraniano-brasileira, como em outras colônias e comunidades imigrantes, e é nesse viés que acreditamos que a SUBRAS e o jornal podem ser pensados, como uma comunidade que constantemente busca alimentar e preservar seus elos para com a Ucrânia e ainda lembrar e celebrar uma cultura apreendida durante gerações.

Destarte, consideramos as futuras possibilidades quanto a possíveis aspectos que não se caracterizaram no momento como foco central na pesquisa. Como uma temática ampla e ainda pouco explorada, as possibilidades que se encontram adiante podem se mostrar frutíferas, no sentido de nos ampliar o escopo e levantar discussões e propostas que contribuam com o debate e a escrita historiográfica.

Dito isso, é preciso salientar que foi importante ao longo do texto não apenas dialogar com a historiografia, mas buscar uma perspectiva multidisciplinar., Nesse sentido, as discussões sociológicas quanto à formação das identidades nacionais e dos sujeitos, mostrou-se relevante para que compreendêssemos melhor as representações discursivas do periódico estudado para com os conflitos russo-ucranianos aventados. Não apenas para assimilarmos tais aspectos, mas para ampliarmos nosso escopo sobre as construções nacionais do território ucraniano e os recorrentes discursos contrários à Rússia que se insuflaram predominantemente após 2014.

Portanto, as constantes tentativas de um afastamento cultural e social destes para com os russos, são verificáveis tanto a partir da história, quanto de uma perspectiva sociológica. Na realidade, as fronteiras porosas entre essas duas áreas nos permitem o diálogo constante entre seus estudos e particularidades, assim como nos atentam às semelhanças e diferenças entre cada

---

<sup>69</sup> Os sistemas classificatórios nos permitem classificar os sujeitos e suas identidades. Perpassando a classificação social em múltiplos campos, como nos âmbitos sociais, econômicos, de classe, religiosos, culturais, entre outros, dessa forma: “Os sistemas de classificação dão ordem a vida social, sendo afirmados nas falas e nos rituais” (WOODWARD, 2014, p. 41).

uma, entendendo que as limitações historiográficas muitas vezes nos inibe a compreensão de outros aspectos, e vice versa, pois, também partindo dessa inquirição, Bourdieu (2017, p. 18) refletiu em seu debate com o historiador Roger Chartier:

Eis o que, no meu entender, faz sentir muito bem a diferença entre a sociologia e a história. Muitas coisas são aceitas como evidentes pelo historiador e, até mesmo, são consideradas como proezas [...] Mas no caso da sociologia estamos sempre em terrenos candentes; além disso as coisas que debatemos estão vivas, e não mortas, nem enterradas.

Com isso, queremos dizer que apesar de obviamente uma perspectiva historiográfica ser aqui essencial, e a nossa principal fonte de escrita, acreditamos que os debates e estudos propostos pela sociologia nos auxiliaram em algumas frentes que se complementaram com nossa empreitada, tratando assim das subjetividades dos sujeitos, das formações e construções internalizadas desses indivíduos formados e formadores, que estão conseqüentemente em movimento, constituindo novas identidades que se renovam e conectam com o mundo ao longo do tempo.

As proposições que aqui foram colocadas naturalmente também podem ser ampliadas e pensadas de outras formas, nesse sentido, as disputas de campo, os *habitus* sociais e outras alternativas que neste estudo não foram devidamente enfocadas, poderão ser exploradas futuramente. Logo, o entendimento desses mecanismos de poder e dominação constitutivos e constituintes das representações e discursos entronizados nos sujeitos, nos são caros para uma melhor compreensão da pesquisa. Assim, levando em conta as palavras de Chartier, concordamos com o autor na medida em que este esclarece:

Com a condição de não se enredar em falsas oposições (por exemplo, entre indivíduos e sociedade, entre consenso e conflito, entre objetividade das estruturas e subjetividade dos atores), o trabalho do sociólogo propõe mecanismos de autodefesa contra o que parece ser imposto, inexoravelmente, pela ordem natural das coisas – e das dominações. (CHARTIER, 2017, p. 14).

Tais análises, não nos possibilitam somente o estudo de casos isolados ou comunidades particulares, mas como pudemos observar, sobretudo quando tratamos de discursos produzidos, interpretados e reinterpretados por comunidades imigrantes que possuem ao seu modo, suas próprias trajetórias e vivências. Arrolamos também alguns pontos acerca das formações étnico-identitárias de determinadas comunidades, das características que formam uma cultura nacional e de mecanismos simbólicos, religiosos, sociais e culturais, que buscam a construção das identidades nacionais. E através do constante fomento das diferenças sobretudo em períodos críticos, a manutenção e a preservação dessas identidades constantemente em crise, e por esse mesmo motivo, recorrentemente metamorfoseadas e de certo modo reafirmadas.

Além da discussão voltada às formações identitárias que aqui previamente elencamos, procuramos pensar sobre as representações e discursos do *Chliborob* para com os conflitos

russo-ucranianos propostos e ainda outras problemáticas que eventualmente se manifestaram importantes no jornal, como as discussões a partir do idioma russo nas escolas ou as querelas anticomunistas presentes em certas edições.

Reforçamos que os debates propostos em torno das questões discursivas, principalmente a partir da ótica de Patrick Charaudeau destacam elementos importantes e que conseguimos vislumbrar durante o trabalho e nas posturas adotadas em meio aos diferentes contextos e pontos enfocados pela redação. Portanto, quando colocamos no início de nossa pesquisa que o discurso midiático é carregado de uma matéria político-ideológica, além de permeado de lógicas de mercado e outras causas que possam influir, essas posições apenas se atestaram quando observamos os argumentos utilizados pelo jornal.

Os jornais analisados neste estudo, como um espaço de troca de ideias e ainda mais como um veículo munido de projetos e intenções particulares foi tratado e como um exemplar da imprensa ucraniano-brasileira que tem em suas páginas de modo implícito ou explícito opiniões, representações e discursos de certo modo consolidados quanto às problemáticas contemporâneas do território ucraniano e dos embates entre estes e a Rússia, como também uma trajetória que de certa forma se entrelaçou com o nacionalismo ucraniano. Em seus textos conseguimos observar fortes mensagens relacionadas às conjunturas e embates políticos entre os países que se acaloraram vagarosamente na medida em que os confrontos russo-ucranianos se acirraram.

Foi também de nosso interesse nesta pesquisa, as manifestações discursivas e representativas do jornal quanto ao turbulento cenário russo-ucraniano que se alongou pelas décadas. E igualmente, as representações atestadas tanto em relação ao *Holodomor* quanto à Crimeia, que nos passaram muito das ligações e interesses subjetivos do jornal; de modo semelhante sua origem derivada de embates ucranianos e o seu caráter nacionalista originalmente pensado por Karmans'kei, além ainda de não apenas como no impresso, mas toda a estrutura ampliada da Sociedade Ucraniana do Brasil se apresentava e se efetivava como uma consolidada representação ucraniana no cenário brasileiro. As possibilidades de pesquisa, em particular para com os desdobramentos dos conflitos contemporâneos que se desenrolam na Ucrânia ainda atualmente, são desse modo por meio de nosso estudo algo a que nos atentamos. Não ocorreu apenas uma análise puramente empírica quanto ao desenrolar sociopolítico e econômico desse contexto, mas às apropriações de discursos, símbolos e memórias que puderam nos auxiliar notadamente na compreensão dos dramas de nosso próprio tempo.

A forma como o jornal tratou os acontecimentos abordados também foi notória, não apenas no sentido discursivo e na análise do conteúdo produzido, mas no peso dado a cada um

dos eventos arrolados. Apesar de textos sobre o *Holodomor* estarem presentes no jornal desde nossas primeiras pesquisas ainda nas edições de 2009, ele serviu nas edições subsequentes mais como um estofo que reforçou os discursos produzidos para com os conflitos pós 2014, do que como uma análise propriamente dita de si.

Nesse sentido, queremos dizer que a partir de nossa compreensão de uma reinterpretação dos eventos e seus significados, e ainda mais levando em conta as apropriações do próprio jornal e seu grupo dirigente, as retóricas e apropriações quanto à grande fome ora ou outra levantadas no periódico, deram maior substância para as suas próprias análises do presente, atuando como um meio encontrado para reafirmar os posicionamentos e visões de mundo específicas do grupo que escrevia sobre a situação de crise em que a Ucrânia se encontrava nos anos mais recentes. Sendo assim, é a partir do entendimento de que essas relações complexas e tensões entre os países muitas vezes são carregadas de polêmicas, disputas simbólicas e imateriais, que buscamos demonstrar a ordem do discurso, e como tanto a SUBRAS e os dirigentes do jornal se posicionaram e doravante transpuseram essas posições ao *Chliborob*.

## REFERÊNCIAS

- AOS NOSSOS LEITORES. *Chliborob*. Curitiba, n. 412 (3857), p. 01, abr, 2009.
- AOS NOSSOS LEITORES. *Chliborob*. Curitiba, n. 412 (3857), p. 01, abr, 2009.
- A RETIRADA DOS RUSSOS DA UCRAÍNA. *Chliborob*. Curitiba, n. 428 (3873), p. 24, ago, 2010.
- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 155-202.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Receitas regionais: a noção de região como um ingrediente da historiografia brasileira ou o regionalismo como modo de preparo historiográfico. **XIII Encontro Regional de História–Anpuh/Rio**, Rio de Janeiro, 2008.
- ANDREAZZA, Maria Luiza. **Paraíso das delícias**: estudo de um grupo imigrante ucraniano. Tese (Doutorado em história) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.
- ARRABAL, Alejandro Knaesel; ENGELMANN, Wilson; KUCZKOWSKI, Sidnei. Filosofia da linguagem e giro linguístico: implicações para os direitos autorais. **Scientia Iuris**, Londrina, v. 20, n. 2, p.81-106, jul, 2016.
- BAUMAN, Zygmunt. **La Globalización**: consecuencias humanas. 2. ed. México: FCE, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- BBC. **Ukraine crisis in maps**. Londres, 2015. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-europe-27308526>. Acesso em: 26 jan, 2021.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história**: ou o ofício de historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. **O sociólogo e o historiador**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- BORUSZENKO, Oksana. A imigração ucraniana no Paraná. **Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História**, 1967, Porto Alegre. São Paulo: [FFCL]-USP, p. 423-439, 1969.
- BUZAN, Barry; WAEVER, Ole. **Regions and Powers**: The Structure of International Security. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- CHOMA, Andreiv. SLAVA UKRAINI! HEROIAM SLAVA! *Chliborob*. Curitiba, p. 02, jul, 2018.
- COMPLETO CESSAR-FOGO, TROCA DE PRISIONEIROS E STATUS ESPECIAL DE DONBASS: RESULTADOS DA CÚPULA DA NORMANDIA. *Chliborob*. Curitiba, n. 540 (3969), p. 12, dez, 2019.

CURITIBA. Estatuto Social. **Sociedade Ucraniana do Brasil – SUBRAS**. Este documento é reprodução do documento arquivado no 1º ofício de Registro Civil de Pessoas Jurídicas e Registro de Título e Documentos, microfilmado sob nº 892736, averbado à margem do livro A – Pessoa Jurídica nº 6294. 09 nov. 2002.

CAMARGO, Geraldo Leão Veiga de. **Paranismo: arte, ideologia e relações sociais no Paraná (1853-1953)**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Curitiba. Curitiba, 2007.

CAPES. **Catálogo de Teses de Dissertações**. 2021. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>. Acesso em: 19 mar, 2021.

CARDOSO, João Batista. Hibridismo cultural na América Latina. **Itinerários**, Araraquara, n. 27, p. 79-90, jul./dez, 2008.

CARVALHO, José Murillo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1982.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

CHARTIER, Roger. **A força das representações: história e ficção**. Chapecó: Argos, 2011.

CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. **Revista Fronteiras**, Dourados, v. 13, n. 24, p. 15-29, jul./dez, 2011.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estud. av.** São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, abr, 1991.

CHOMSKY, Noam. **Linhas vermelhas na Ucrânia e em todos os lugares**. São Paulo: Carta Maior, 2014. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Internacional/Linhas-vermelhas-na-Ucrania-e-em-todos-os-lugares/6/30854>. Acesso em: 27 jun, 2021.

DECLARAÇÃO DO PRESIDENTE BARACK OBAMA NO DIA DO *HOLODOMOR*. **Chliborob**. Curitiba, n. 420 (3865), p. 15, dez, 2009.

DIRETORIA DA SUBRAS. **Chliborob**. Curitiba, n. 463 (3908), p. 01, jul, 2013.

DOSSE, François. História do tempo presente e historiografia. **Tempo e Argumento**. Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 5 – 22, jan/jun, 2012.

DOSSE, François. **La Marcha de las ideas: historia de los intelectuales, historia intelectual**. Valência: Universitat de Valência, 2007.

EURONEWS. A segunda morte de Lenine. **Chliborob**. Curitiba, n. 468 (3913), p. 07, dez, 2013.

EURONEWS. Calma em Kiev à espera do discurso de Vitaly Klitschko. **Chliborob**. Curitiba, n. 469 (3914), p. 07-08, jan, 2014.

EXÉRCITOS SOVIÉTICOS NA GALÍCIA. **Chliborob**. Curitiba, n. 412 (3857), p. 13, abr, 2009.

EL PAÍS. **Crimeia ante o referendo**. Madri, 2014. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2014/03/15/internacional/1394905738\\_528801.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/03/15/internacional/1394905738_528801.html). Acesso em: 26 jan, 2021.

FARGE, Arlette. **Lugares para a história**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente: desafios. **Cultura Vozes**. Petrópolis, v. 94, n. 3, p.111-124, maio/jun, 2000.

FERREIRA, Muniz. Direita e Esquerda na História: considerações pontuais acerca de alguns casos de dislexia conceitual. *In*: ANDRADE, Guilherme Ignácio Franco de. (org.). **Tempos conservadores**. Estudos críticos sobre as direitas volume 3: Direitas na Europa. Goiânia: Edições Gárgula, 2020, p. 24-56.

FIGUEIREDO, Ariovaldo Alves Cruz de. **A importância da memória soviética na construção da política externa russa do governo Vladimir Putin: uma análise da crise da Crimeia**. Monografia (Bacharelado em Relações Internacionais) – Universidade Federal de Uberlândia, 2017.

FONSECA, André Azevedo da; VARGAS, Raul Hernando Osorio. Fato, trama e narrativa: um diálogo entre o Jornalismo e a Historiografia. **LÍBERO**, São Paulo, n. 29, p. 21-32, 2016.

FORTES, Denis Matoszko. **A Federação russa e a crise ucraniana de 2013-2014: entre o jogo das potências e as disputas históricas no “exterior próximo”**. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FOUCAULT, Michel. O sol negro da linguagem. *In*: CERTEAU, Michel de. **História e Psicanálise: entre ciência e ficção**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 131-149.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FRANCO, José Eduardo; CIESZYNSKA, Béata. **Holodomor: A desconhecida tragédia ucraniana (1932-1933)**. 1. ed. Coimbra: Grácio Editor, 2013.

GALAT, Wolodimir. Idioma ucraniano: o que impede certos cidadãos ucranianos de falar seu próprio idioma? **Chliborob**. Curitiba, p. 17-18, abr, 2012.

GALAT, Wolodimir. A luta pelo idioma ucraniano continua. **Chliborob**. Curitiba, p. 25, jul, 2012.

GALAT, Wolodimir. Sobre as manifestações pacíficas. **Chliborob**. Curitiba, p. 13-14, jan, 2014.

GALAT, Wolodimir. Ucrânia x Rússia. **Chliborob**. Curitiba, p. 16-17, mar, 2014.

GALAT, Wolodimir. O que é mais importante? **Chliborob**. Curitiba, p. 20, abr, 2015.

GALAT, Wolodimir. Há 70 anos passados! **Chliborob**. Curitiba, p. 14, maio, 2015.

GARIN, Leonardo Podolano. **Imigração ucraniana em Curitiba**. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

GAUDEDA, Emílio. **Heróis não morrem: grandes obreiros na comunidade ucraniano-brasileira**. Curitiba: Ed. do Chain, 2017.

GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. **Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2016.

GONZÁLEZ, Javier Granados. Ucrania, Un Estado y dos civilizaciones. **UNISCI Discussion Papers**, n. 14, p. 149-160, mayo/may, 2007.

GUÉRIOS, Paulo Renato. **A imigração ucraniana ao Paraná: memória, identidade e religião**. Curitiba: Editora UFPR, 2012.

GUÉRIOS, Paulo Renato. **Memória, identidade e religião entre imigrantes rutenos e seus descendentes no Paraná**. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

HORBATIUK, Paulo. **Imigração ucraniana no Paraná**. 1. ed. Porto União: UNIPORTO, 1989.

IDIOMA RUSSO NA UCRÂNIA – COMO E ONDE ESTÃO “PERSEGUINDO”. **Chliborob**. Curitiba, n. 452 (3897), p. 30, ago, 2012.

KHOROB, Stepan. The poetic world of Taras Schevchenko: Principles of artistic thinking (to the 200th anniversary of the Kobzar). **Journal of Vasyl Stefanik Precarpathian National University**. v. 1, n. 4, p. 9-20, 2014.

KRENISKI, Gislania Carla P.; AGUIAR, Maria do Carmo Pinto. O Jornal Como Fonte Histórica: A Representação e o Imaginário sobre o “vagabundo” na imprensa brasileira. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, p. 01-14, jul, 2011.

LIMA, Felipe Costa. As revoluções passivas neoliberais no pós-URSS: Semelhanças e singularidades entre o caos neoliberal russo e ucraniano da década de 1990. **Revista Conjuntura Austral**. Porto Alegre, v. 10, n. 50, p. 67-83, abr/jun, 2017.

MACHADO, Rodolfo Costa. Do genocídio nazista à escalada contrarrevolucionária da guerra fria: o Bloco Anti-Bolchevique de Nações (ABN) e a Liga Mundial Anticomunista (WACL). **Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas**. Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 323-357, nov, 2017.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. História oral como fonte: problemas e métodos. **Revista Historiae**, Rio Grande, v. 2, n. 1, p. 95-108, 2011.

MENDES, Breno. **A representância do passado histórico em Paul Ricoeur: Linguagem, narrativa e verdade**. Dissertação (Mestrado em história) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

MOTTA, Rodrigo Pato Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. Tese (Doutorado em História Econômica) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

MUNARO, Luís Francisco. A República Lusitana das Letras: um retrato das redes de comunicação dos jornais emigrados no início do século XIX. **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 25, n. 39, p. 173-196, jul, 2018.

NETO, Pedro Firman. A Ucrânia é anterior à Rússia: a legitimidade de sua soberania. **Chliborob**. Curitiba, p. 15-16, maio, 2012.

NADALIN, Sérgio Odilon. **Memórias de Gustav Hermann Strobel**: relatos de um pioneiro da imigração alemã no Brasil. 3. ed. Curitiba: Instituto Memória – Centro de Estudos da Contemporaneidade, 2018.

NOTÍCIAS TERRA. Memorial lembra vítimas da fome na Ucrânia nos anos 30. **Chliborob**. Curitiba, n. 412 (3857), p. 10, abr, 2009.

ORESTEN, Roberto André. Editorial. **Chliborob**. Curitiba, p. 01-02, dez, 2013.

ORESTEN, Roberto André. Editorial. **Chliborob**. Curitiba, p. 01-02, jan, 2014.

ORESTEN, Roberto André. Editorial. **Chliborob**. Curitiba, p. 01, abr, 2014.

ORESTEN, Roberto André. Editorial. **Chliborob**. Curitiba, p. 01, jun, 2014.

ORESTEN, Roberto André. Editorial. **Chliborob**. Curitiba, p. 01, maio, 2015.

ORESTEN, Roberto André. Editorial. **Chliborob**. Curitiba, p. 03, jan, 2016.

ORESTEN, Roberto André. Editorial. **Chliborob**. Curitiba, p. 02, jan, 2017.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Os (des)caminhos da identidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** – RBCS, São Paulo, v. 15, n. 42, p. 07-21, fev, 2000.

OLIVEIRA, Ricardo Costa de. Notas sobre a política paranaense no período de 1930 a 1945. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, n. 9, p. 47-56, 1997.

OLIVEIRA, Ricardo Costa de. **O silêncio das genealogias: classe dominante e Estado do Paraná (1853-1930)**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

POCHAPSKI, José. Genocídio: apoio ao povo ucraniano. **Chliborob**. Curitiba, p. 11-12, out, 2009.

POZZEBOM, Elina Rodrigues. Senado aprova indicação de embaixadores para Ucrânia, Namíbia e São Tomé. **Chliborob**. Curitiba, p. 08, abr, 2009.

PORTAL UCRANIANO. **História do Memorial Ucraniano de Curitiba**. Curitiba, 2015. Disponível em: <https://ucraniano.com.br/memorial.html>. Acesso em: 20 maio. 2021.

PRIORI, Angelo *et al.* **História do Paraná: séculos XIX e XX.** Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2012.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de história oral.** São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PRADO, Anderson; ANTUNES, Jair; COSTA, Lourenço Resende da. **Diversidade étnica e cultural no interior do Paraná.** São Leopoldo: Oikos, 2016.

PRADO, Anderson. **O jornal ucraniano-brasileiro *Prácia*: Prudentópolis e a repercussão do *Holodomor* (1932-1933).** Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2017.

PRADO, Anderson. ***Holodomor* (1932-1933): repercussões no jornal ucraniano-brasileiro *Prácia*.** Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2018.

QUAGLIATO, Henrique da Costa Valério. **A Representação da Comunidade Descendente de Imigrantes Ucranianos em Curitiba (1988-2016): um Estudo de Experiência Social.** Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

RCUB. Inauguração do monumento em memória das vítimas do *Holodomor*. ***Chliborob*.** Curitiba, n. 421 (3866), p. 10, jan, 2010.

RCUB. Nota Oficial. **Representação Central Ucraniano Brasileira.** Curitiba, 05 abr, 2021.

REUTERS. ONU: “Quatro anos de conflito na Ucrânia deixam 4,4 milhões de pessoas em terrível situação humanitária”. ***Chliborob*.** Curitiba, n. 520 (3952), p. 06-07, abr, 2018.

REZENDE, Antônio Claret de. País firma-se como nação independente e busca consolidar sua vocação europeia. ***Chliborob*.** Curitiba, p. 07-09, ago, 2013.

REVEL, Jacques. **Proposições: ensaios de história e historiografia.** Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2009.

RIBEIRO, Renata Corrêa. **As relações da Rússia com a Ucrânia e a Moldávia: uma perspectiva comparada da política externa russa para a Crimeia e a Transnístria.** Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

ROMANCINI, Richard. História e jornalismo: reflexões sobre campos de pesquisa. **V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.** Rio de Janeiro, p. 01-20, 2005.

SOROTIUK, Vitorio. Apelo enviado à presidenta Dilma Rouseff. ***Chliborob*.** Curitiba, p. 14-15, jan, 2014.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente.** 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SENIUK, Talita; SKAVRONSKI, Maria Inêz Antônio. Imigração Ucraniana e Colonização em Prudentópolis (1895-1945). **Ateliê de História UEPG,** Ponta Grossa, v. 2, n. 1, p. 81-91, 2014.

SEYFERTH, Giralda. A dimensão cultural da imigração. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 26, n. 77, p. 47-62, out, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000, p.73-102.

SILVA, Helenice Rodrigues da. “Rememoração”/comemoração: as utilizações sociais da memória. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 425-438, 2002.

SKAVRONSKI, Maria Inêz Antonio. **Rezar e benzer: Rituais sagrados e identidade étnica em Prudentópolis – PR (1990-2014)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2015.

SZEREMETA, Angélica; SCHOENHERR, Rafael. Imprensa imigrante e jornalismo: apropriação de elementos jornalísticos na produção do jornal centenário ucraniano *Pracia*. **ALCAR 2015: 10º Encontro Nacional de História da Mídia**. Porto Alegre, jun, 2015.

TRONENKO, Rostyslav. 22 anos da Ucrânia independente. **Chliborob**. Curitiba, p. 01-02, ago, 2013.

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. Reconstituo o além-mar: o papel da mulher imigrante na manutenção das tradições étnicas. *In*: PIERONI, Geraldo; DENIPOTI, Cláudio. **Saberes brasileiros: Ensaios sobre identidades – séculos XVI a XX**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004, p. 45-74.

VIEIRA, Carlos Eduardo. *Intelligentsia* e intelectuais: sentidos, conceitos e possibilidades para a história intelectual. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, v. 8, n. 16, p. 63-85, mar, 2008.

VIEIRA, Lucas Schuab. A Imprensa como fonte para a pesquisa em História: Teoria e método. **Revista de recensões de comunicação e cultura**, 2013.

VITCHEMICHEN, Henrique Schlumberger. O caso *Prácia* (1941-1946): Imprensa estrangeira, repressão e crime idiomático no Estado Novo. **Revista Ars Historica**, Rio de Janeiro, n. 21, p. 104-123, jan./jun, 2021.

VOLOSCHEN. Mirna Slava Kirylowicz. Editorial. **Chliborob**. Curitiba, p. 01, nov, 2018.

WAWZYNIAK, Sidinalva Maria dos Santos. As marcas expressas em uma identidade asiática: a construção da identidade do imigrante japonês. *In*: PIERONI, Geraldo; DENIPOTI, Cláudio. **Saberes brasileiros: Ensaios sobre identidades – séculos XVI a XX**, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004, p. 110-140.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução conceitual. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014, p. 07-72.

WILSON, Andrew. **The Ukrainians: unexpected nation**. 4. ed. Londres: Yale University Press, 2015.

YURIEVICH, Andrey Dvornichenko. The place of the Kievan-Rus in history. **Вестник Санкт-Петербургского университета. Серия 2. История**, n. 4, p. 05-17, set, 2016.

YUSCHCHENKO FALOU DE QUANTOS SÍMBOLOS DO REGIME COMUNISTA A UCRÂNIA JÁ ELIMINOU. *Chliborob*. Curitiba, n. 414 (3859), p. 10-11, jun, 2009.

**ANEXO A – CAPA DA PRIMEIRA EDIÇÃO VEICULADA DO JORNAL  
*CHLIBOROB* – 04/10/1924**



**ANEXO B- ATA DE CONSTITUIÇÃO DE COMITÊ DE AUXÍLIO AS VÍTIMAS DA  
GUERRA – 09/10/1945**

## Atas de constituição.



1

Aos nove dias do mês de outubro do ano de mil novecentos e quarenta e cinco, a colônia de imigrantes de nacionalidade ucraniana reuniram-se na sede da União Agrícola Instrutiva, para organizar uma Comissão de auxílio às vítimas da guerra, daquela nação em territórios europeus. Estando presentes inúmeras pessoas, às vinte e uma horas o Sr. Paulo Kowalchuk tomando a palavra deu por aberta a sessão. Em primeiro lugar procedeu-se à eleição da mesa para dirigir os trabalhos de hoje. Simão Retcha, o Sr. Miguel Kuchetueck convidou que tomassem a palavra para falar sobre a situação dos patriotas - vítimas da guerra, que se julgasse melhor informado sobre o assunto. O primeiro que tomou a palavra foi o Sr. Procopio Marcotum, que depois de dirigir algumas palavras aos presentes parou, a ter um artigo do periódico "New Pathway" órgão editado no Canadá pela colônia ucraniana daquel país. Consta desse artigo um histórico sucinto da emigração ucraniana de antes e durante a guerra que acabamos de presenciar. Além dos dados estatísticos constam desse artigo os crimes e torturas que sofreu o povo ucraniano tanto sob a dominação soviética quanto sob a nazista, e a miséria em que se encontram hoje em dia milhares de famílias vitimadas pela guerra. Terminada a leitura o Sr. Presidente tomou a palavra e asseverou que nos Estados Unidos da América do Norte, no Canadá e na Argentina estão organizadas Comissões representantes das Colônias Ucranianas naqueles países, cuja finalidade é angariar doações para o auxílio às vítimas da guerra, da nação ucraniana. - No Brasil até o momento não há órgão oficial que tenha tal finalidade e é de urgência a organização da Comissão de

**ANEXO C – MESA DE TIPOS *CHLIBOROB***



**ANEXO D – COMITÊ UCRAÍNO DE AUXÍLIO AS VÍTIMAS DA GUERRA**

# Comité Ucraino de Auxilio às Vítimas da Guerra

Autorizado pela  
CRUZ VERMELHA BRASILEIRA  
FILIAL DO PARANÁ

SÉDE PROVISÓRIA:  
Rua Visc. do Rio Branco N. 557  
ESCRITÓRIO:  
Rua Augusto Stallfeld N. 799  
CAIXA POSTAL, 666

CURITIBA - PARANÁ - BRASIL

## ПРОТОКОЛ

засідання Виділу Українського Допомогового Комітету 17.III.48 р.

Засідання відбулося в домівці Т-ва Т.Шевченка в присутності:

президент п.П.Моркотун, секр. З.Ханейко і В.Королишин, п.інж.Волошин,  
п.Вовк, п.Курач, п.В.Богач.

### Порядок денний:

1. Обговорювали справу суми грошей 935 кр. яку п.Гуцало збирав на Бльочках Укр Доп.Ком. а пізніше написав офіційного листа, що вищезгадану суму грошей він збирав на подорож, делегатам на Пан-Американську Конференцію. Він зазначив, що вищезгадану суму грошей він зібрав помилково на Бльочках УДК.

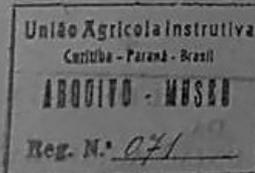
Ухвалили. Лист прийняти до уваги, а в касовій книзі зробити відповідну проводку, зазначивши номери Бльочків.

2. Справа грошей, що Еміграційний Уряд в Ріо позичив емігрантові Худенкові /900 круз./ на подорож з Ріо до Парані з умовою, що він гроші зверне, Пан інж. Мазай поручив за нього. Тепер Еміграційний Уряд просить УДК звернути йому ті гроші.

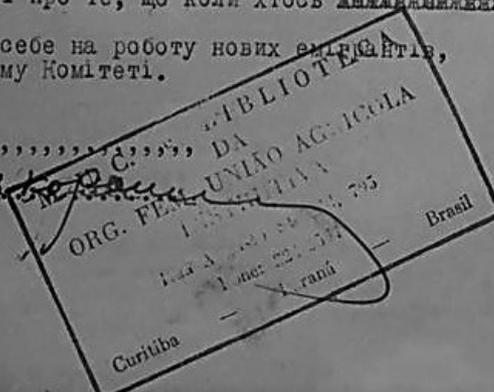
Ухвалили: щоб уникнути непорозуміння до нових емігрантів з огляду на те, що Еміграційний Уряд ухвалив звернути гроші в сумі 900 круз. Еміграційному Урядові. Пізніше, як п.Худенко завиться в Парані - примусить його вищезгадану суму грошей звернути Допомоговому Комітетові.

### Віжучі справи:

Дати оголошення в Хліборобі про те, що коли хтось ~~хоча б~~ з колоністів хотів би взяти до себе на роботу нових емігрантів, нехай зголошуться в Допомоговому Комітеті.



Президент, .....,  
Секретар, .....



**ANEXO E – PARTE DE ACERVO MUSEU DA SOCIEDADE UCRANIANA DO  
BRASIL**



**ANEXO F – AGRADECIMENTO AO PRESIDENTE EURICO GASPAR DUTRA -  
1948**

# Подяка Пана Президента Дутри.

**Agradecimento do Presidente**  
**Eurico Gaspar Dutra.**

Por ocasião da última visita do Exmo. Sr. Presidente da República, General Eurico Gaspar Dutra, ao Estado do Paraná, no dia 15 de fevereiro p. p., a "União Agrícola-Instrutiva" e o "Comité Ucraino de Auxílio às Vítimas da Guerra" saudaram o ilustre visitante com telegramas de boas vindas.

Em resposta, foi recebido de sua excelência, o seguinte despacho telegráfico:

"Gregorio Tadra  
Presidente da União Agrícola-Instrutiva — Curitiba

Tenho a satisfação de acusar e agradecer a expressiva mensagem que me enviastes por ocasião de minha visita ao Estado do Paraná CDS. SDS. Eurico G. Dutra".

**Agradecimento do Governador**  
**Adhemar de Barros.**

O "Comité Ucraino de Auxílio às Vítimas da Guerra" telegrafou também, no mesmo sentido, ao Exmo. Sr. Dr. Adhemar de Barros, Governador do Estado de São Paulo, que acompanhou o Presidente da República na sua visita ao nosso Estado.

No dia 4 do corrente, o Sr. Zacarias Haneiko, Secretário do Comité, recebeu de sua excelência o seguinte telegrama de agradecimento:

"Zacarias Haneiko  
Comité Ucraino de Auxílio às Vítimas de Guerra — Curitiba  
Em resposta ao telegrama N.º... 5891.40.15.14H — Agradeço amável telegrama augurando-me felicidades nesse nobre Estado pt Sinto-me sempre feliz nessa hospitaleira terra pt Sauds. Cords. Adhemar de Barros Gov. do Estado".

З нагоди останніх відвідин П. Президента Сполучених Штатів Бразилії, Е. Г. Дутри, в столиці Парани — Куритиби в дні 15. лютого ц. р. »Хліборобсько-Освітній Союз« та »Український Комітет Допомоги Жертвам Війни« надіслали Достойному Гостеві привітальні телеграми.

Дня 21. II. ц. р. наспіла від Пана Президента телеграфічна подяка такого змісту:

Григорій Тадра,  
Президент "Хліборобсько-Освітнього Союзу" в Куритиби.

Маю приємність потвердити прийом і подякувати за привітальне послання, що В: його надіслали в нагоди моїх відвідин в штаті Парана. Зі щирим привітом

Еуріко Г. Дутра.

**ПОДЯКА ПАНА ГУБЕРНАТОРА**  
**АДЕМАРА ДЕ БАРРОС.**

Український Допомоговий Комітет надіслав також привітальну телеграму Губернаторові штату Сан Павло, Адемарові де Баррос, який супроважав Пана Президента Дутру в його відвідинах у Парані. Дня 4. березня ц. р. Секретар Українського Допомогового Комітету, п. Захарій Ханейко, одержав слідуєчу відповідь:

Захарій Ханейко,  
"Український Комітет Допомоги Жертвам Війни" в Куритиби.  
Дякую за любявну телеграму, в якій бажаєте мені щастя в тому шляхотному штаті. Я все почувуюся щасливим в тій гостинній землі. Зі щирим привітом  
Адемар де Баррос,  
Губернатор Штату.